

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

MARIO PINTO SERVÁ	Um factor da desintegração Nacional	113
AMADEU AMARAL	O dialecto caipira	119
A. CARNEIRO LEÃO	José Verissimo	131
MARTINS FONTES	Na floresta da agua negra (poesia)	139
GARFIELD DE ALMEIDA	A noção da responsabilidade	148
MARIO SETTE	No mar	155
ALBERTO SCABRA	Os versos aureos de Pythagoras	160
DR. ANTONIO PICCAROLO	D. Casmurro	173
COLLABORADORES	Resenha do mez	199

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 10 - ANNO I

VOL. III

OUTUBRO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Campanha nacionalista — Movimento artistico — Musica, X. — Garcia Redondo — Ricardo Gonçalves — Bibliographia — Movimento literario — Os doutores e as letras, *Antonio Salles* — Revistas e jornaes — Homens e coisas nacionaes, *Assis Chateaubriand* — Homens e coisas estrangeiras — Americanismo, *Ernesto J. J. Bott* — Educação moderna, *Raul Villarroel* — O casamento a prazo — O ministerio familiar — Club de escriptoras — Orientação moderna da historia — Publicações recebidas.

Com o numero de abril a “**Revista do Brasil**” completou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alphabetico e analytico que já foi remettido a todos os assignantes. As pessôas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fasciculos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

O segundo volume completou-se com o fasciculo do mez de Agosto sendo o indice distribuido com o presente numero.

A “**REVISTA DO BRASIL**” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

Conta corrente	2 % ao anno		Prazo Fixo, Tres mezes	3 % ao anno
Aviso previo de 30 dias .	3 % „ „		Seis mezes	4 ¹ / ₂ % „ „
„ „ „ 60 „ .	4 % „ „		Doze mezes	5 % „ „

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000. e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000. até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.



Auto-Geral

CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS **♦♦**

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 per anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^A ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 9-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS. GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO





Para a Lavoura

Temos sempre em depósito **Machinas e Accessorios para a lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existê para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encaçamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:	Endereço Telegraphico:	Escriptorio:
Rua Lopes de Oliveira, 2	"PROGREDION"	Rua da Boa Vista, 46
CAIXA N. 6	SÃO PAULO	TELEPHONE N. 1180



BEBAM

WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.



PIXOL

Alcatrão de hulha Beneficiado



É um preparado indispensavel em todos os estabelecimentos agrários não sómente pela sua multipla utilidade como pela facilidade em sua applicação.

Não requer precauções ou conhecimentos para o seu emprego, basta um pincel e boa vontade do trabalhador.

Como o seu nome indica, é um derivado do Pixe, contendo todas as qualidades deste e outras ainda devido ao seu beneficiamento. É perfeitamente fluido e applicavel a frio.

Dentre os varios misteres a que se destina sobresa e o seu emprego nos materiaes que se acham expostos ao ar ou sujeitos á deterioração, substituindo com muita vantagem quer em qualidade ou custo, todas as tintas e preparados até hoje usados nos postes de madeira, madeiramento em geral, postes e vigas de ferro, pois que impede a ferrugem, destróe o cupim e preserva a madeira da acção destruidora do tempo, sendo ao mesmo tempo um excellente desinfectante.

MODO DE USAR: — Em madeira applica-se puro, mas para pintar **aço** ou **ferro** convém misturar uma parte de cimento com uma de ke-rozene e em seguida accrescentar dez partes de PIXOL.

Fornecido em caixas de 2 latas de 5 gallões cada uma, ou 35 litros por caixa.

Fabricado pela **San Paulo Gaz Company Limited**

AGENTES GERAES PARA O BRAZIL:

H. E. BOTT & COMP.

Rua Libero Badaró N. 10

SÃO PÁULO



CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

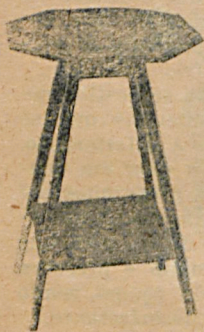
SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

MOVEIS PEQUENOS - JOGOS DE
4 MEZAS GIGOGNE



PREÇO DE RECLAME

O JOGO 65\$000

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.^{IA}

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

Casa Paulista de

Moyses Gandelhman

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colchões,
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone, 3046 (Central)



UM FACTOR DE DESINTEGRAÇÃO NACIONAL

Entre os Estados que compõem a nacionalidade brasileira, os que se estendem de Minas até o extremo sul constituem um bloco á parte, colligados entre si e com a Capital do paiz por uma rêde regular de estradas de ferro, servidos por linhas de navegação, com um aparelhamento economico, agricola e industrial já formado.

Em relação a elles os Estados longinquos como o Amazonas, o Pará, Matto Grosso e outros, assim como o territorio do Acre, quer dizer a maior parte do paiz, constituem, sob o ponto de vista economico, verdadeiras colonias, quer pela dependencia em relação ao centro, quer pela enormidade das distancias, quer pela caracteristica primitiva da sua vida, quer pela inexistencia de qualquer cultura agricola regular e de qualquer industria, subordinados ao regimen economico, financeiro e industrial que lhes impõe o centro.

Assim, ha no Brasil dois grupos de Estados em situação differente, exigindo regimen economico diverso. O primeiro grupo é formado pelos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piahy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Goyaz, Matto Grosso e territorio do Acre. O segundo é formado pelo Districto Federal e Estados de Espirito Santo, Minas Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

O regimen economico que convém ao desenvolvimento destes ultimos é talvez inconveniente ou contrario ao que convem aos primeiros.

O primeiro grupo a que nos referimos, com uma extensão territorial de 7.000.000 de kilometros quadrados, sendo a



No Acre, por exemplo, antes que a guerra viesse agravar ainda mais a situação, o custo de uma barrica de assucar pernambucano era de 80\$000 a 100\$000, chegando mesmo a attingir esse artigo ha annos atraz a 5\$000 o kilo, o que dá para cada barrica 200\$000. Um fardo de xarque, pesando 60 kilos, custava ha annos no Acre de 180\$000 a 200\$000, o que dava para cada kilo 3\$ a 4\$000 e, ás vezes, 5\$000. Uma caixa de kerozene chegou a ser vendida nesse tempo no Acre por 80\$000 e 100\$000.

Um kilo de feijão custava no Acre muitas vezes 4\$000, o de arroz 3\$000, uma lata de manteiga ordinaria 5\$, 6\$, 7\$ e 8\$000, uma lata de leite condensado de 3\$ a 5\$000, um kilo de café 3\$, 4\$ 5\$ e 6\$000.

Os acreanos foram, pois, infelicissimos trabalhando para se annexarem ao dominio brasileiro. Si estivessem, por exemplo, sob o dominio inglez, importariam do estrangeiro todos os artigos, inclusive de alimentação, isentos de direitos aduaneiros, ao passo que nós os obrigamos a pagarem as mais pavorosas tarifas aduaneiras que jámais teve paiz algum, tarifas que attingem de forma barbara os proprios artigos mais necesarios para a alimentação. Si estivessem sob o dominio inglez os acreanos teriam uma vida perfeitamente normalisada e seriam servidos por uma navegação barata e rapida. Estariam, em synthese, em plena prosperidade sob o dominio estrangeiro, ao passo que soffrem todos os horrores possiveis e imaginaveis sob o dominio brasileiro.

Essa é a grande responsabilidade que nós devemos medir para não continuarmos a ser os autores da miseria, da fome e do estrangulamento economico daquella região feracissima.

A's distancias naturaes daquella região ha a ajuntarem-se as difficuldades creadas pela lei que instituiu o monopolio da cabotagem para os navios nacionaes, que são absolutamente insufficientes para todas as necessidades do commercio do paiz.

Uma legislação semelhante á nossa já produziu as mais nefastas consequencias nos Estados Unidos, como seja a quasi eliminação da bandeira americana do commercio internacional.

No commercio internacional as importações e exportações nos Estados Unidos têm sido na seguinte porcentagem em navios americanos, em differentes annos:



1870	32,8
1875	26,2
1880	17,4
1885	15,5
1890	12,9
1900	9,3
1901	8,2
1902	8,8
1903	9,1

O monopólio da cabotagem nacional na França a princípio abrangia todas as colônias, mas tais foram as suas horrosas consequências que o restringiram somente á Algeria, pela sua proximidade da metrópole. Mas, assim mesmo limitado, esse monopólio collocou a Algeria em uma verdadeira escravidão económica. As tres companhias nacionaes francezas que se apoderaram desse transporte entre a França e a Algeria e que, além disso, recebem subvenções importantes, fazem-se pagar tarifas exorbitantes e possuem uma frota miseravel. E o peor é que quando ha uma greve de marinheiros ou de estivadores em Marselha, a Algeria fica absolutamente privada de communicações com a França, porquanto não pode recorrer aos navios estrangeiros.

Essa situação a que fica reduzida a Algeria em caso de greve é a situação a que está permanentemente entregue todo o litoral brasileiro, todo o commercio entre os portos brasileiros.

Assim ha pouco tempo ainda a Associação Commercial da Bahia declarava não saber mais como remediar a situação do commercio daquelle Estado. O Lloyd Brasileiro tinha abandonado aquelle porto para attender pequenos portos do Amazonas, de modo que por muitos mezes já não conseguiam praça nos vapores, sendo que mesmo os de linha regular não davam praça alguma. Um vapor que promettia embarque para 1.500 saccas, por exemplo, recebia de facto apenas 200. Vapores de carreira regular davam praça deficiente e só para determinados portos. Concluia a Associação Commercial da Bahia perguntando si era possivel que a Bahia não fosse um porto da Federação e constatando que o Lloyd está organizado e rece-



bendo subvenção para servir somente a praça do Rio, donde os vapores saem abarrotados, não reservando praça para o porto da Bahia durante longos mezes.

Ora, esses Estados, como o da Bahia, vivem do que exportam para outros portos do paiz e, portanto, dependendo da cabotagem nacional para tudo, são condemnados á miseria em virtude da legislação que véda o commercio interno aos navios estrangeiros.

Segundo o meio, dizia o Visconde de Ouro Preto, devem as grandes leis economicas ser modificadas em sua applicação, sobretudo nos paizes vastos como o Brasil, cujas regiões tanto differem nas necessidades, nos recursos e nas aptidões naturaes. O que convem aos Estados do Sul não é o que mais servirá aos do Norte: o que favorece o litoral será inutil e até nocivo ao interior.

Os inglezes souberam comprehendel-o e por isso mantêm coheso e indissolúvel o maior imperio colonial que já tem existido no mundo. Cada colonia ingleza tem liberdade absoluta de se servir dos navios de qualquer nacionalidade, quer na navegação de cabotagem quer na internacional. Cada colonia ingleza estabelece tambem o regimen aduaneiro que lhe convem, quer adoptando a livre entrada dos artigos estrangeiros, quer impondo taxas de importação, podendo cobral-as até em relação aos productos da metropole ou conceder-lhes um tratamento de favor.

O systema administrativo brasileiro anniquilou a vida em mais de metade do territorio nacional. Todo o Nordeste e Noroeste brasileiro tentam em vão reerguer-se, procuram debalde levantar-se da prostração a que os reduziram e ent que os mantêm as nossas leis fiscaes, aduaneiras e outras. Emquanto mantivermos vigentes taes leis não ha esforço humano capaz de resistir aos seus nefastos effeitos.

E' lamentavel, porém, que o espirito contemplativo da nossa raça não chegue sequer a perceber as causas directas dos males que nos affligem.

Si a nossa mentalidade collectiva tivesse a visão clara das realidades positivas, não se teria consummado esse attentado que prostrou e anniquilou a vida na maior parte do territorio nacional.

MARIO PINTO SERVA.



O DIALECTO CAIPIRA

II. — FORMAÇÃO DO VOCABULARIO

1. O vocabulario do dialecto é, naturalmente, bastante restricto, de accordo com a simplicidade de vida e de espirito, e portanto com as exiguas necessidades de expressão dos que o falam. Esse vocabulario é formado, em parte: *a*) de elementos oriundos do portuguez usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quaes se archaizaram na lingua culta; *b*) de termos provenientes das linguas indigenas; *c*) de vocabulos importados de outras linguas, por via indirecta; *d*) de vocabulos formados no proprio seio do dialecto.

ELEMENTOS DO PORTUGUEZ DO SEculo XVI

2. Em verdade, estes não se limitam ao lexico. Todo o dialecto está impregnado delles, desde a phonetica até a syntaxe. A sua discriminação através dos varios departamentos do dialecto constituiria sem duvida um dos mais curiosos estudos a que se pode prestar a nossa linguagem rustica, e não só pelo interesse puramente linguistico, senão tambem pelo clarão que lançaria sobre questões attinentes á formação do espirito do nosso povo. Sobre a importancia linguistica não é necessario insistir, pois ella, por assim dizer, se impõe por definição. Basta notar o seguinte: uma vez reconhecido que o fundo do dialecto representa um estado atrazado do portuguez, e que sobre esse fundo se vieram successivamente entretecendo os productos de uma evolução divergente, o seu acurado exame pôde auxiliar a explicação de certos factos ainda mal elucidados da phonologia, da morphologia e da syntaxe historicas da lingua. Por exemplo: a pronunciação clara de *e* e *o* átonos finaes comprova o facto de que o ensurdecimento dessas vozes só começou em época relativamente proxima, pois de outro modo não se comprehenderia por que o caipira analphabeto pronuncia *lado, verdade*, quando os portuguezes pronunciam *lado, verdad*'.



3. São em grande numero, relativamente á extensão do vocabulário dialectal, as formas esquecidas ou desusadas na lingua. Lendo-se certos documentos vernaculos dos fins do seculo XV e de principios e meados do seculo XVI, fica-se impressionado pelo ar de semelhança da respectiva linguagem com a dos nossos roceiros e com a linguagem tradicional dos paulistas de "bôa familia", que não é senão o mesmo dialecto um pouco mais polido. Na carta de Pero Vaz Caminha abundam formas vocabulares e modismos envelhecidos na lingua, mas ainda bem vivos no falar caipira: *inorancia*, *parecer* (por *apparecer*) *mêa* (adj. *meia*), *ua*, *trosquia*, *imos* (vamos), *despois*, *reinar* (brincar), *preposito*, *vasios* (região da ilharga), *luitar*, *desposto*, *alevantar*, "volvemo nos já *bem noute*", "veemo nos *nas naus*", "lançou o *na praya*".

4. Os elementos archaicos da lingua, conservados no dialecto, dividem-se, naturalmente, em archaismos de forma, de significação, e de forma e significação (1). Exemplos:

ARCHAISMOS DE FORMA

acupá(r)	inxuito
adonde	inorá(r)
agardecê, aguardecê(r)	livér (livél)
argua (algua, u nasal)	lua (u nasal)
avaluá(r)	malino
Bertholomeu (arc. Bertholameu)	manteúdo
correição	ninhua (nenhua, u nasal)
cresçudo	premêro
dereito	repuná(r)
eigreja	reposta
ermão	saluço
escuitá(r)	somana
estãmeço	sojeitá(r)
fermoso	sojigá(r)
fruita	sovertê(r)
imburuíá (arc. emborilhar)	súpito (subst.)
intruido	

ARCHAISMOS DE SENTIDO

aério	perplexo
dona	senhora
função	balle, folguedo
praça	povoado
reiná(r)	fazer travessuras
salvar	saudar

(1) Poderiam distinguir-se ainda os archaismos que correspondem a formas intermediarias regulares, como *eigreja*, e os archaismos que apenas representam modificações accidentaes, como *acupar*.

syntaticos correntes, os não menos numerosos toponyms, que se encontram nas vizinhanças dos centros de população mais antigos.

8. Quanto a isto sobressae a capital e suas vizinhanças, onde abundam os nomes tupis, os quaes vão escasseando pelo interior, nas zonas mais novas, onde, ainda assim, os que se nos deparam são em boa parte artificialmente compostos. Só no municipio de São Paulo e nos que com elle confinam se contam por dezenas os rios, riachos, montes, bairros, fazendas e povoados com denominações tupis tradicionaes (2) :

Acu	Cupeçê	Pari	Pirajussara
Ajuá	Gopoúva	Itaim	Pirituba
Aricanduva	Guacuri	Itaparicuéra	Pirucaia
Anhangabaú	Guaiáúna	Itaperoá	Prati
Baquiruvu-guassú	Guaió	Itapicirica	Poá
Bopi	Guapira	Itararé	Quitaúna
Botucuará	Guaracáú	Ipiranga	Saracura
Buçucaba	Guarapiranga	Jaceguava ou	Tacuaxiara
Butantan	Guarará	Jacegual	Tamanduatel
Caguassu	Guaratim	Jacuné	Tamburé
Cabussu	Guaraú	Jaguaré	Tatuapé
Caçacuéra	Guavirutuba	Jaraguá	Tremembé
Caçandoca	Imbiras	Jaraú	Tucuruvu
Caçapava	Itaberaba	Juqueri	Tueuruf
Cangüera	Itacuéra	Jurubatuba	Uberaba
Canindé	Itaguassu	Mandaqui	Utinga
Caraguatá	Murumbi	Mandi	Votuçununga
Carapicuíba	Mutinga	Mboi	Voturantim
Choruróca	Nhanguassú	Mooca	
Cocaia	Pacaembú	Piquiri	

9. Os nomes de animaes contam-se por centenas. Uma parte dos mais conhecidos:

acará	guará	maracanã	sucuri
anu	guariba	mucuíni	suindara
araponga	guaripu	mumbuca	surubi
arapuá	guaru-guaru	muçurana	suçarana

(2) Na graphia das palavras indigenas adoptamos aqui as seguintes regras principaes: — dispensar o accento nos oxítonos em *u* e *i*, visto que são agudos todos os vocabulos que terminam com essas vogaes; — substituir *q* por *c* quando se segue *u* sonoro (*Caçacuéra*); — substituir *h* por accento agudo nos hiatos; — obedecer de preferencia á pronuncia corrente do povo (*Voturantin* e não *Votorantin*, *jabuticava* e não *jaboticaba*); — substituir *y* final por *i* (*pari*). Contra esta ultima graphia objectam alguns que seria bom conservar o *y* porque essa letra corresponde ao som do *ü* allemão, lombardo e francez, existente no tupi. Entretanto, já ninguem faz, nem saberia fazer sempre distincção entre as palavras indigenas que tinham o som de *i* e que tinham o som de *ü*. Demais, ha vocabulos em que o som tupi se mudou em *u*. Porque não inventar tambem uma distincção para esse *u* proveniente de *ü*?

arara	güira	mutuca	tabarana
bacurau	içá	mutum	tamanduá
baítaca	inhambu	nhaçanã	tambijuá
biguá	irara	paca	tambiu
biríba	ltobi	pacu	tanajura
borá	jacaré	pairiru	tangará
caçununga	jacú	plaba	taperá
cambucu	jaburú	piapara	taríra
caninana	jacutinga	penambi	taçuíra
capivara	jaguatirica	piracambacu	tatêto
cará-cará	jaó	piracanjuba	tatorana
chabó	japu	pirajú	tatú
coró	japuíra	pirambóia	tietê
cuati	jararaca	piranha	tiriva
cuíú-cuíú	Jatêf	sabiá	tovaca
cumbé	jaú	sabiá-cica	tufm
cuplm	jiquitiranabóia	sabiá-póca	tuluva
curiango	jundiá	sabiá-una	tuvuna
curimbatá	juruti	sanhaço	uru
curió	lambari	sanharão	urubu
curruíra	mamangava	saracura	urutau
curuquerê	mandaçáia	sará-sará	urutu
cutía	mandaguari	saúva	xororó
gambá	mandi	siriêma	xuplm
gaturamo	mandorová	siri	
gibola	manduri	socó	

10. Não são menos abundantes os nomes indígenas de vegetaes, de que daremos algumas dezenas, a guíza de exemplificação:

abacate	capixingui	ipê	piri
abacaxi	capituva	jaborandi	pitanga
andaguassú	caraguatá	jabuticava	plúva
araçá	carnaúba	jacarandá	samambala
aruêra (aroeira)	caróba	jacaré	sangüi
araribá	caruru	jantá	sapé
araticum	catanduva	Jaracatiá	sapuva
açatunga	cipó	jarivá	sumaúma
bacaba	crindiúva	jataí	talóva
baguassu	grumixama	jiquitaiá	talúva
bracuí	guabiroba	jiquitibá	taquara
brejaúva	guãibê	jovéva	taquari
buriti	guandu	juá	taquaritinga
bucuva	guapê	jurema	taquarussu
butiá	guapocari	macaúba	timbó
cabiúna	guareróva	manacá	timbori
cabriúva	guanxuma	mandiôca	tiririca
calapiá	guaraúva	mangava	trapoeraba
cajuru	guaratá	maracajá	tucum
cambuci	guatambu	maçaranduva	urucu
cambuí	imbaúva	nhapindá	uruçurana
canjarana	imbúia	orindiúva	uvá
canxim	indaiá	perova	
capim	ingá	pipóca	

11. Nomes de diferentes phenomenos, accidentes, productos da natureza, doenças, etc.:



beréva	cupim	piracema	tabatinga
bossoróca	joçá	pororóca	taguá
cambuquira	manipuêra	quiréra	tijuco
capão	nambiuvu	sambiquira	tupuruca
capuêra	pacuêra	sapiróca	urupê
catapóra	pichuá	sororóca	
catinga	picumã	suã	

12. Nomes de utensilios, aparelhos, objectos de uso, alimentos, etc.:

arapuca	jiqui	petéca	saracuá
arataca	juquíá	pinacuêma	solimão
arimbá	muquéca	pípoca	sururuca
caxerenguengue	pamonã	piruá	tacuru
chuã	pamonha	pito	tipiti
çúia	pari	pussaguá	
jacá	passoca	samburá	
jacuba	patuá	sapicuá	

13. Nomes referentes aos usos, costumes, abusões, etc.:

bitatá	canhembora	cururu	plá
buava	capuava	guaiú	piraquara
caçara	cateretê	mumbava	saci
caipira	catira	mutirão	tapéra
caipóra	coivara	perequê	tiguéra

14. Adjectivos, e substantivos usados como taes:

aíva	jissi	pararaca	pururuca
catatau	jururú	pepuira	punga
chimbeva	macaia	pereréca	sarambé
ité	nambi	piricica	turuna
jaguané	napéva	piririca	
javevó	pangaré	piúva	

15. Todos os vocabulos acima citados são, com uma ou outra excepção apenas, de origem tupi. Esta lingua, como diz o sr. Theodoro Sampaio no seu precioso livrinho "O Tupi na Geographia Nacional", vicejou próspera e forte em quasi todo o paiz, sobretudo em S. Paulo e algumas outras capitánias. Aqui, segundo aquelle escriptor, a gente do campo falava a *lingua geral* até fins do seculo XVIII. Todos a sabiam, ou para se exprimir, ou para entender. Era a lingua das *bandeiras*; era a de muitos dos proprios portuguezes aqui domiciliados. E' o que explica essa absoluta predominancia do tupi, entre as linguas brasílicas, na toponymia local, na nomenclatura de animaes e de plantas e em geral no vocabulario de procedencia indigena.

E' possivel, entretanto, como dissemos, que haja excepções. Mesmo sem outros elementos de suspeita, pode-se duvidar que todos os vocabulos vulgarmente apresentados como tupis de facto sejam dessa

lingua, ou mesmo de qualquer outra lingua brasilica, considerando-se apenas as difficuldades de ordem geral que embarçam todo trabalho etymologico em idiomas não escriptos, cujas fórmãs variam tanto no tempo e no espaço, e se acham tão sujeitas, em bocas extranhas, a profundas corrupções voluntarias e involuntarias. (3)

16. Muitos dos vocabulos de procedencia indigena flutuam numa grande variabilidade de formas, principalmente certos nomes de animaes e de plantas: *açatonga, açatunga, guaçatonga, guaxatonga; caraguatá, craguatá, crauatá, cravatá; tarira, taraira, traíra; maitaca, baitaca; corimbatá, curumbatá, curimatá*. Na terminação vogal + b + vogal, geralmente usada pela gente culta, o caipira prefere quasi sempre *v* a *b*: *jabuticava, mangava, beréva, tiriva, taióva, saúva*. A origem destas incertezas está em que a nossa phonetica nem sempre possui sons exactamente correspondentes aos indigenas. O som *u* consoante (*w*) foi desde cedo interpretado de varios modos: por uns como *v*, por outros como *b*, por outros ainda como *gh*: é o que explica as variações *caraguatá, carauatá, cravatá*, — *capivara, capibara, capiguara*, — *piaçava, piaçaba, piaçagua* (cf. *Piaçaguéra*), etc.

A pronuncia popular, nestes casos, é a melhor. O povo, directa e inconscientemente influenciado pela phonetica indigena, conserva ainda signaes dessa influencia na propria incapacidade para bem apanhar o som distincto de *v* em vocabulos portuguezes: dahi pronuncias, que ás vezes se ouvem, como *guapó* por vapor, etc. (4)

(3) O mesmo sr. Theodoro Sampaio cita no seu livro diversos vocabulos portuguezissimos, nos quaes a fantasia de etymologistas apressados quiz lobrigar material indigena; taes, entre outros, *Jurumenha* e *Mecejana*.

(4) Por causa destas flutuações, acontece que alguns collectores de termos apanham apenas uma ou duas das formas de um vocabulo, quando seria muito interessante, para o estudo phonetico e etymologico, conhecerem-se todas as que occorrem. Outras vezes apanham em diferentes occasiões duas ou mais formas do mesmo vocabulo, sem definil-as claramente, e assim passam ellas a figurar nos lexicos como palavras distinctas. O dicionario do sr. Candido de Figueiredo, onde o autor se esforçou por ajuntar o maior numero de brasileirismos, recorrendo a quantas contribuições poudé haver ás mãos, depara-nos frequentemente a mesma palavra sob diversas formas, — ou então as mesmas formas sob as enganadoras apparencias de graphias diversas. Por exemplo:

"CATOCAR, v. t. — dar signal a, tocando com o cotovêlo, com o pé ou com a mão; chamar a attenção de. (De um pref. arbitrario e *tocar*).

CUTUCAR, v. t. — tocar levemente com o dedo, ou com o cotovêlo, para chamar a attenção; acotovelar. (Do typl *cutuca*.)"

(As mesmas formas acima se encontram escriptas *catucar, cotucar* e ha ainda *tatucar* e *tutucar*).

"CORIMAN, peixe do Tocantins.

CURIMAN, peixe de agua doce.

CORIMATAN, saboroso peixe do Tocantins.

CRUMATA', peixe de agua doce.

CURIMATA', especie de salmão."

(Em S. Paulo ha *curimbatá, curumbatá*, etc., que não figuram na edição de 1889, a que nos reportamos.)

ELEMENTOS DE VARIA PROCEDENCIA

17. A receptividade do dialecto em relação a termos de origem extranha é muito limitada, porque as necessidades de expressão, para o caipira, raramente vão além dos recursos ordinarios. O caipira genuino vive hoje, com pouca differença, como vivia ha duzentos annos, com os mesmos habitos, os mesmos costumes, o mesmo fundo de idéas. Dahi o conservar teimosamente tantos archaismos — e tambem tantos termos especiaes que, vivos embora no portuguez europeu, são ás vezes completamente desconhecidos, aqui, da gente da cidade, taes como *chê-da*, *tamoeiro*, *cambota*, *náfego*, etc. Dahi, tambem, o não precisar tanto de termos novos, que, pela maior parte, ou designam coisas a que vive alheio, ou idéas abstractas que não attinge.

18. Dos vocabulos estrangeiros modernamente introduzidos na lingua e que são de uso corrente no falar das pessoas mais ou menos cultas, elle só tem acceito alguns, poucos, relativos a objectos de uso commum, productos de artes domesticas, etc.: *paletô* (que desterrou por completo o vernaculo casaco), *croché*, *cachiné*, *revórve*, etc.

19. Existem entretanto no dialecto muitos vocabulos (além dos brasilicos e parte dos africanos) que não lhe vieram por intermedio da lingua. Destas acquisições, umas pertencem ao dialecto geral do Brasil, outras resultaram da propria actividade paulista. Exemplos:

Do guarani, do quichúa (6):

chacra	guaiava	iapa	purungo
garôa	guaiaca	pampa	

Do hespanhol:

amarelho	cola	lunanco	porvadêra
aragano	empalizado	parêia	rengo
caraquento	enfrenar	pareiêro (7)	retovado
cincha	entreverar	pitiço	rinha
cochonilho	lonca	perrengue	

Dos dialectos hispano-sul-americanos e do vocabulario sul-riograndense:

(6) Estes termos encontram-se no R. G. do Sul, no Uruguay, na Argentina: — *chacra*, *guaiava* (goiaba), *guaiaca* e *pampa*, sob formas identicas; a *garôa* corresponde lá *garúa*; a *purungo*, *porongo*; *iapa* existe no Rio Grande sob a forma *ihapa*.

(7) *Pareia* = *parelha*, de "pareja"; *pareiêro* = *parelheiro*, de "parejero".

bagual	guasca	pala	ponche
gaúcho	matungo	pangaré	retaco

20. Quasi todos esses termos nos vieram por intermedio do Rio Grande do Sul, com o qual mantiveram outróra os paulistas intensas relações de commercio, sobretudo de commercio de animaes, sendo frequentissimas as viagens de tropeiros de uma para outra provincia. Dessas relações guardam ainda os vocabularios e os costumes populares de lá e de cá numerosissimos elementos communs, não só de origem estrangeira, como de elaboração proprio. (8)

21. A maior parte dos vocabulos africanos existentes no dialecto caipira não são aquisições de primeira mão. A collaboração do negro, por mais extranho que o pareça, limitou-se á phonetica; o que delle nos resta no vocabulario rustico são termos correntes no paiz inteiro e até em Portugal:

angu	carimbo	mandinga	samba
banguéla	caximbo	missanga	sanzala
batuque	cuxilo	muleque	urucungo
binga	lundu	quilombo	
cachaça	macóta	quingengue	
cacunda	malungo	quisilia	

22. Ha um certo numero de provincianismos brasileiros de origem africana, que, recebidos pela maior parte do Norte, aqui se introduziram no falar das cidades e na linguagem literaria, mas não penetraram no dialecto: taes, por exemplo, *cangerê*, *cacimba*, *candomblê*, *giló*, *munguzá*, *quingombó*.

FORMAÇÕES PROPRIAS

23. Com os elementos que vieram do portuguez, do tupi e de outras linguas, formaram-se no Brasil numerosos vocabulos, principalmente por derivação, — já no seio do povo paulista, que através do seu movimento de expansão pelo territorio nacional os levou a longinquas regiões, já em outras terras, de onde foram trazidos.

Encontra-se no falar caipira de S. Paulo, e na propria linguagem das pessoas educadas, toda uma multidão de neologismos derivados, alguns muito expressivos e já indispensaveis áquelles mesmos que procuram fugir á influencia do regionalismo:

(8) Trataremos deste ponto em appendice.



VERBOS (9)

abombar	cavortear	empipocar	mollear
aforar (exceptuar)	chatear	entijucar	moquear
amilhar	chifrar	enquisilar	passarinhar
asperejar	coivara	facera	pealar
assumptar	covejar	fachear	pererecar
barrear	cutucar	festar	pescocear
bestar	desbarrancar	frautear	petecar
bobear	descabeçar	fuchicar	pinicar
bolear	descanhotar	trotear	piriricar
buçalar	descangicar	gramar	pitir
capengar	descoivara	lerdear	prosear
campêro	desguaritar	mamparrear	pururucar
campiar	desmunhecar	mantear	sapecar
capinar	embirotar	miquear	tapear (10)
catingar	empaçoçar	moçar	

SUBSTANTIVOS

areão	cabocrada	filante	perovêra
bobage	caíçarada	franquêro	piazada
botina	caipirada	gaúchismo	poetage
barriguêra	caipirismo	gentama	porquêra
bestêra	caiporismo	gentarada	rodada
bodocada	capina	jabuticavêra	rodêro
boquêra	capinzar	lapiana	sapezar
bugrero	capuerão	moçada	sitiantes
buraquêra	chifrada	moçarada	soberbia
burrage	chifradêra	micage	taquarar
cabeção	corredêra	mulecada	tijucada
carpa	dada	mulecage	tijuquêra
carpição	derrame (pendor)	mulequêra	varrição
cavadêra	eguada	ossama	

(9) Nos verbos, está entendido que o *r* final não se pronuncia ("Alterações fonéticas", 2.º).

(10) Incluímos aqui diversos vocabulos, que, embora coincidam em formas portuguezas conhecidas e correntes, foram entretanto espontaneamente derivadas, entre nós, de temas identicos ou semelhantes. Assim:

BOLEAR — v. trans.: deitar por terra (pessoa ou animal, — metaphora tirada do emprego das *bolas*, aparelho usado para pegar animaes nos campos de criação do sul.

BOBEAR — v. trans.: enganar, *fazer de bobo* (alguem).

CAMPEAR — v. trans.: procurar, propriamente no campo, e por extensão em qualquer parte.

CHIFRAR — v. trans.: marrar — derivado de *chifre*.

DECABEÇAR — v. trans.: limpar (um terreno) de touceiras e tocos.

GRAMAR — v. trans.: cobrir de grama plantada (um terreno).

MANTEAR — v. trans.: illudir (alguem) em negocio, especialmente em barganha — condensação da phrase proverbial "passar a manta".

CAMPEIRO — subst.: homem que lida com animaes no campo.

ADJECTIVOS.

abobado	catingudo	estopento	peitudo
abombado	empacador	facêro	praceano
atimboado	empipocado	mamóte	trocista
bermento	enredeiro	micagêro	saberete
catinguento	espeloteado	passarinhêro	supitoso

24. São em menor numero as palavras formadas por composição, e estas, na maior parte, pela juxtaposição de elementos com a partícula subordinante *de*:

dôr-d'óio (olhos)	fruta-de-lobo
sangue-de-tatu	áua-de-assucré (agua de assucar)
sangue-de-boi	cordão-de-frade
rabo-de-tatu	mer-de-pau (mel)
arma-de-gato (alma)	pedra-de-fogo
orêia-de-onça (orelha)	baba-de-moça
pente-de-mico	abobra-d'áua
unha-de-gato	côro-de-arrasto (couro)
língua-de-vaca	pau-de-espinho
cachorro-do-mato	barriga-de-áua
gato-do-mato	taquara-do-reino
pé-de-muleque	pimenta-do-reino
olho-de-cabra	canário-do-reino
barba-de-bóde	queijo-do-reino

Por juxtaposição directa e por agglutinação:

quatro-pau(s)	tatu-canastra	quebra-cangala	arranha-gato
cinco-nerva(s)	méde-léua (leguas)	mata-sete	passa-treis
mandioca-braba	vira-mundo	tira-prosa	quatróio (olhos)
abobra-minina	chora-minino	tira-scisma	minhócuusu

Por prefixação:

entreparrar	descoivarar	desaguaxado	descoivarado
-------------	-------------	-------------	--------------

e outros vocabulos já citados quando tratamos da derivação.

25. Ha uma especie muito curiosa de verbos compostos, no gerundio, pela anteposição do mesmo thema no infinito: *virá-virano*, *caí-caíno*. Expressam acção reiterada ou continuada. Alguns escriptores têm registrado estas formas com uma differença: com o primeiro elemento, não no infinito, mas na 3.^a pessoa do presente do indicativo: *vira-virando*, *caí-caíndo*. Cremos que fazem engano: pelo menos, sempre ouvimos, ou julgamos ouvir pronunciar como acima deixamos enunciado. Querem também alguns vêr nesse phenomeno (que é commum a todas as regiões do Brasil, ou quasi todas) uma reminiscencia de certa particula-

ridade morphologica do tupi; mas isso ainda está bem longe de ser provado. O que se nos afigura é que houve apenas fusão das formas gerundiaes e das equivalentes do infinito precedido de preposição: a phrase — “o homem está por ahi *virá-viráno*” vem a ser: “está por ahi *a virar, virando*”.

ADDENDA. — SEMIOLOGIA

26. Muitas palavras ha, entre as portuguezas, que têm soffrido aqui mudanças mais ou menos profundas de sentido. Exemplos tomados entre os casos de mais pronunciada differenciação:

- | | |
|--|--|
| ASSISTIR — hospedar-se. — <i>Assistir</i> numa casa, <i>assistir</i> com fulano. | LOJA — armazem de fazendas a retalho. |
| ATORAR — partir á pressa resolutamente; fugir. | MANGAÇÃO — vadiação. |
| CANNA — canna de assucar. | MANGAR — vadiar. |
| CAIEIRA (<i>caiêra</i>) — grande fogueira de S. João. | NAVALHA (<i>navaia</i>) — navalha de barba. |
| CANDIEIRO — guia de carro de bois. | PEÃO — domador. |
| CAPADO, subst. — porco castrado. | PINGA — aguardente de canna. |
| CUITELLO — beija-flor. | PELINTRA (<i>pi</i>) — casquilho. |
| DESMORALIZAR, v. trans. — fazer perder o enthusiasmo, o brío. | PATIFE — medroso; sensivel. |
| DESPOTISMO — enormidade. | PINCHAR — arremessar. |
| INTIMAR — ostentar. Dahi <i>intimação e intimador</i> . | PROPRIO — individuo encarregado de levar um recado ou carta a distancia. |
| FAMILIA (<i>famía</i>) — no plural, filhos. | PAGEM — serviçal que acompanha alguem durante uma viagem a cavallo. |
| FEMEA — mulher da vida airada. | PINHO — viola. |
| FRUITA — jaboticaba (usado sem determinação, tem este unico sentido). | RANCHO — cabana de campo. |
| FUMO — tabaco. | SCISMA — desconfiança; presumpção. |
| FINTAR — faltar dolosamente a uma divida. | SITIO — propriedade agricola menor que a <i>fazenda</i> . |
| IMMUNDICIE (<i>cia</i>) — caça miuda. | TABACO — rapé. |

27. Outras palavras, conservando o seu sentido, ou sentidos, têm adquirido novos:

- | | |
|---|---|
| AGUAS — direcção das fibras da madeira. | SANGRADOR (<i>-dó</i>) — ponto do peçoço do boi, — ou outro animal, onde se embebe a faca ao matal-o. |
| BABADO — folho de vestido de mulher. | SAIA — fronde que occulta o tronco desde o solo. |
| DO'BRE — canto (de passaro), repique (de sino). | VIRGEM — póste de moenda. |
| DOBRAR — cantar (o passaro), repicar (o sino). | SOLDADO — certo passaro. |
| ESTACA — cabide. | TOMBADOR (<i>-dó</i>) — lugar onde tombam as aguas de um salto. |
| LADRÃO — desvio numa regueira ou açude; broto de cafeiro. | VAPOR (<i>-pó</i>) — locomotiva de via-ferrea; comboio. |

AMADEU AMARAL.

JOSÉ VERISSIMO

Ha figuras que se não esquecem mais nunca. Uma vez vistas ficam-nos eternamente na memoria. Basta que fechemos os olhos e ellas exsurgem ao nosso espirito flagrantes como um relevo.

José Verissimo era assim. Quem o conheceu, quem o viu atravessar a Avenida, sobraçando o seu indefectivel pacote de jornaes ou de livros, passo leve e compassado, cabeça ligeiramente pendida para a frente, *ténue* simples, despreocupada e quasi timida, sempre affavel, com aquella affabilidade, tão sincera, tão sua, que esbatia num minuto de convivencia intima a antipathia e prevenção que o seu todo parecia despertar ao estranho, ao indifferente, cem annos que viva, recordar-se-á cem annos, com uma infinita saudade, da impressão indelevel desta figura.

Dizer simplesmente que elle fôra um typo de eleição é repetir, numa phrase banal, o mais desmoralizado dos lugares communs. José Verissimo era uma destas individualidades das quaes o Brasil, numa vida de cinco seculos, não conta cinco dezenas. Tendo a influencia intellectual que teve, valendo o seu conceito por uma sagração, obtendo a sua palavra autorizada o respeito e culto nacional, José Verissimo não tirou outro partido, no meio da incompreensão vulgar e da animosidade de muitos que o amor de alguns espiritos e a admiração de algumas almas. Não passou nunca de lente de uma "Escola Normal", elle que poderia ter sido tudo se o quizesse.

Criaturas assim raream dia a dia mais. Os derradeiros especimens têm-se ido ultimamente com uma pressa desesperadora. Machado de Assis, Nabuco, Rio Branco, elle e, já, dias depois, Affonso Arinos. E' uma desolação. Ha ainda um Oliveira Lima, um Pedro Lessa, um Affonso Celso e poucos mais que não som-



mam, talvez, ao todo, uma duzia delles, vivendo numa vida serena e fecunda de silencio e de meditação.

Não ha veneração nem enthusiasmo e as almas que chegam parecem aridas e seccas como desertos. Ninguem se detem para sentir e meditar.

Os nossos grandes homens, se se alheiam ao choque das paixões immediatas e absorventes da massa, passaram mal conhecidos e suspicazes. O proprio Machado de Assis, que levou mais de meio seculo a ter talento original e a trabalhar os alicerces da nossa literatura, só agora, depois da lembrança de alguns espiritos intelligentes de S. Paulo, organizando uma "Cultura artistica", a cuja frente se ajustam, tão harmoniosamente, a grande alma lyrica de Amadeu Amaral e o espirito pausado e tranquillo de Nestor Pestana, está sendo revelado ao paiz no curso admiravel de Alfredo Pujol.

E não é o pessimista quem fala. O scepticismo nunca me atrahiu. Mas assombra-me a incapacidade que sinto nas almas jovens de hoje para o devotamento ás idéas puras, ao altruismo, á dedicação desinteressada pelos grandes ideaes — forças unicas capazes de conquistar, na renuncia dos interesses e das paixões vulgares, uma vida de pensamento e de nobreza moral.

No Brasil nunca houve uma vida intensa de pensamento. Mas, a certos respeitoes, essa mesma que havia diminue consideravelmente.

Tinhamos sempre isolados e distantes, porém tinhamos, espiritos que viviam exclusivamente para a meditação e para a arte e cuja existencia trabalhada era um sacrificio perpetuo a estas aspirações e a estes sonhos.

Agora é a vida pratica, a anciedade do triumpho economico, a corrida atraz das posições e dos prazeres.

As democracias fecundando para todos, as aspirações mais ousadas, fazendo que os individuos mais humiêdes busquem, legitimamente, as posições mais altas, ainda diminuem muito mais os desejos de intellectualidade pura.

Será um bem? Será um mal? Será um defeito a vida de absoluta meditação? Será uma virtude a corrida para as posições sociaes e para o oiro?

Tudo depende de pontos de vista. Se a civilização deve ser isto mesmo: — a riqueza, o deslumbramento, a vertigem — o pensamento assim é um entrave á precipitação para a victoria.



Se ao contrario, fôr tambem a grandeza intellectual, a tranquillidade, a belleza, o preceito moral, então aquelles solitarios são criaturas inestimaveis e eternas.

Entretanto, pensem como quizer, julguem como achar melhor, não negará ninguém o encanto destes seres maravilhosos, a influencia que taes exemplos de desinteresse e renuncia cavam no espirito dos outros homens. Sobretudo em meio como o nosso, em que a mocidade ambiciosa já traz em si os germens que a vão aniquilar.

Uma juventude que se toca de decadencia. Moços apressados que não promettem conquistas tranquillias e duraveis. Na sua maioria já elles pertencem, distinctamente, a duas classes lamentaveis. A um *arrivismo* feroz, no qual tudo querem conquistar, immediatamente, sem esforço serio, nem paciencia, nem serenidade, não conhecendo muito os meios a seguir, não comprehendendo muito a irrevogabilidade de certos escrupulos; ou então ao scepticismo, pela certeza da impossibilidade do triumpho honesto e um scepticismo mais doloroso ainda que todos os outros, porque é o traço da ruina corrompendo o renôvo, a flôr que apenas desabrocha e já tresanda a decomposição.

* * *

Em José Verissimo ha uma contradicção flagrante. Entre o escriptor e o homem que tremendo contraste. Nelle o famoso aphorismo de Buffon não encontraria applicação. No seu caso esta cousa de que o estylo é o homem se não é inteiramente falso está, pelo menos, incompleto.

Erro grosseiro commetteria quem visse no seu estylo sobrio, conciso e secco um José Verissimo secco sobrio e conciso. E era este o desapontamento de quem o conhecendo apenas pelos seus livros e esperando encontrar um espirito gravissimo e resequido sentia, escandalizado, que se lhe deparava uma alma maravilhosamente aberta ás impressões generosas e excessivas. Que ardencia de enthusiasmo, que calor de expressão naquella voz mirrada que se lhe parecia até transfigurar, transfigurando-o, quando o seu espirito se illuminava por um enthusiasmo livre e espontaneo! A Guerra dera-lhe uma vibração que não descontinuuava um minuto na intimidade. Era uma sensação sempre nova vê-lo e ouvil-o nestes momentos. Ninguém diria, então, que era o mesmo homem, que havia traçado tantas paginas, tantos

volumes, tantas obras de uma analyse implacavelmente fria e serena sobre a nossa literatura, sobre literatura estrangeira, sobre idéas, sobre factos, sem uma encrespação, sem uma ondulação, onde transparecesse, ainda que sopitada, uma paixão, um transbordamento.

Como explicar este contraste? Não bastaria fixal-o?

José Verissimo era uma destas criaturas privilegiadas que, a força de querer, de dominar-se, conseguira occultar, aos olhares indifferentes, quando escrevia, o impeto que lhe ia n'alma. Foi uma vontade em acção continua. Sabia querer e queria decididamente.

Não ha exemplos de criaturas que escondem, inteiramente sob uma apparencia de impassibilidade, o sentimento mais profundo?

Gøethe foi o mais formidavel exemplo humano desta força. — Um dia, já em fins de sua vida, jantava, em companhia de convivas dedicados, quando lhe vieram trazer a noticia da morte de Carlos Augusto, seu soberano, seu amigo e seu grande protector. Temiam todos um tremendo choque, conhecida a sua dedicação pelo soberano, entretanto, sabida a nova, o poeta apenas deixou escapar uma exclamação dolorosa, mas logo, reatando a palestra, terminou o jantar, para depois ir sentir e prestar as homenagens que lhe merecia o morto querido.

José Verissimo não iria até ahi, porque o fundo do seu character era a bondade. Elle era cheio de coração. Soffreria e se veria e se sentiria este soffrimento, mas, passado aquillo, mais tarde, quando fosse apreciar, estudar a obra do morto, sua critica, sua apreciação poderia ter alguma palavra de saudade, o seu conceito, porém, seria repousado e justo antes que entusiastico e ardente. A sua virtude era esta: sabia guardar no fundo do seu coração magnanimo aquillo que era do coração. Não misturava a conceitos que deviam ser sentidos por todos o que era seu sentimento pessoal, que só tinha que vêr comsigo. Que mais prodigioso exemplo que esse artigo sobre o Kaiser — o seu canto de cysne — escripto na occasião do seu entusiasmo mais fervente pelos alliados, com aquella calma e aquella independencia de quem via tudo de fóra do scenario, sem vehemencias nem paixões!

Era um sociologo estrangeiro, que estudava, em baixo de um ponto de vista pessoal, é verdade, mas tranquillo, a figura



do Kaiser. Um fino sociologo que tem idéas preestabelecidas, um julgamento preformado, não por paixões arbitrarías e desbordantes, mas pelo conhecimento de factos anteriores, por uma comprehensão particular dos acontecimentos humanos.

E não foi esta só vez que se deu isto. Atacado continuamente, quando respondia, se havia a demonstração de um brio offendido, nunca as suas respostas ultrapassaram esse limite que o seu espirito se impuzera.

Poucos dias antes de sua morte desciamos juntos a rua do Ouvidor conversando sobre cousas da guerra — a sua preocupação constante quando, de repente, elle pára, segura-me no braço e diz-me, quasi ao ouvido: — “sabe, com esta guerra, descobri em mim uma qualidade que não conhecia.”

E como eu o continuasse a olhar silenciosamente, acrescentou: — “Sim, descobri em mim a capacidade de odiar.” E rematou com um daquelles seus sorrisos enigmaticos, tão suspeito aos estranhos, que só lhe lobrigavam ironia e scepticismo e onde, se havia scepticismo, de quem muito tinha soffrido e muito desconfiava dos homens e das cousas, havia tambem para os que sabiam vêr, para os amigos, um fundo infinito de bondade. Nestes momentos brilhavam nos seus olhos pequeninos e inquietos uma força e uma juventude desconhecidas.

Era um grande coração e a bondade foi sempre o melhor padrão do seu espirito. Que o digam estas intelligencias brilhantes: — Graça Aranha, Afranio Peixoto, Nestor Victor e os outros, que o cercavam e que, se não eram seus discipulos, porque elle é fundador de uma escola que não deixa discipulos, se desvaneciam com os seus juizos e se louvavam nos seus conceitos.

Onde o escriptor impassivel que elle foi nos daria uma impressão tão perfeita do homem? Faltava-lhe aquella plasticidade de sentimento que sabia ter um Joaquim Nabuco, descrevendo “Massangana” e em que se descortinava, no crystalino de uma forma tão simples, toda a profundidade de um coração maravilhoso.

Elle era um raciocinador. Tinha um estylo de idéas, se se quizesse usar de linguagem grata a classificadores. A imagem, o colorido, o relevo, não existem na sua obra, o que lhe dá aquelle tom secco e, por vezes, aspero de forma. Em compensação a lucidez, a persuasão prompta, a evidencia, resaltam luminosas



da sua phrase. Para pôr em fóco uma verdade obscura, mostrar uma falha, esclarecer uma duvida, poucos escriptores terão uma tal malleabilidade e precisão. Nasceu para fazer analyses, para raciocinar, para dissecar pacientemente. Vem dahi o seu pendor para critico.

Escrevendo sobre um factio qualquer, dissertando, commentando era sempre a analyse, a critica que o preocupava e absorvia. Não seguia, porém, nunca, uma escola determinada. Léra todos os mestres: Taine, Ruskin, Veron e os outros todos, mas não aprehendera processos exclusivos de nenhum. Ou melhor, não se preocupava com uma escola, não se atormentava com systemas philosophicos, quando criticava. O que o attrahia era a verdade, a justiça e com ellas e acima dellas a belleza esthetica e o seu grande amor ás letras. Não estabeleceu mesmo, nunca, uma directriz a seguir. Para isto fôra preciso um definido poder de synthese. E a synthese não o attrahia. As suas syntheses são mais uma summula de analyses que syntheses precisamente. Elle proprio reconhecia a sua incapacidade para esta ordem de pensamento. Ainda não ha muitos mezes, a pedido de Afranio Peixoto, terminara um livro didactico de historia. No dia em que o levou ao editor encontrei-o na "Liga" e elle me disse: "entreguei hoje o meu livro de historia ao Alves, nunca livro algum me deu um tão grande trabalho e o julgo ainda muito longe do que eu desejava."

Acho que elle tinha razão. Num livro para crianças a qualidade primacial é, a par de muita força suggestiva e muito colorido, uma synthese rapida, simples e accessivel.

* * *

No entanto aquella alma supposta impassivel, aquelle coração aparentemente xenocrateano, sem vacillar, sem temer, dissecava, analysava, criticava, sempre arripiadoramente imperurbavel no seu amor a justeza, a justiça e a prohibde.

Foi um heroismo. Num meio qual o nosso, numa literatura qual a nossa incaracteristica e vacillante, desagradaria dez vezes para agradar uma só.

A nossa literatura não comporta ainda um critico de tal estófo. Ella é feita para apologistas, para apreciadores benevolos. O panegyrico, o louvor, o compadrismo é a unica especie de critica possivel por emquanto.



José Verissimo foi um deslocado, foi um insolitado, impoz-se a força, obrigou as nossas letras *debutantes* a acceital-o e ouvil-o. Se contribuiu, em parte, para criar um gosto e formar um juizo, estabeleceu uma desproporção entre o senso esthetico e as possibilidades do meio. Chamaram-no o nosso Taine, o Faguet brasileiro. Eu se fujo de confrontos devo, porém, affirmar que as suas opiniões, a sua critica, acomodar-se-iam bem na literatura franceza, onde os seus conceitos, se não teriam o imprevisto e a bizzarria de um Remy de Gourmont, nem a philosophia de um Taine, guardariam a proporção e a justeza de um critico prodigiosamente lucido e honesto. No Brasil é que elle estava deslocado. Poderia talvez apparecer daqui a uns cincoenta annos.

Possuimos certamente poetas como Alberto de Oliveira e Bilac, romancistas como Alencar e Machado de Assis e outros, pensadores diversos, mas, na multidão de escriptores nacionaes de outras castas, esses só fazem conseguir um desequilibrio que ou endoideceria o critico probo, que procurasse estar bem com todos e com a sua propria intelligencia e probidade ou daria, heroicamente, um José Verissimo.

* * *

Ha um livro, porém, que destôa de toda a sua obra. E' o mesmo analysta, o mesmo pensador, mas sente-se, amplamente, algumas vezes, o entusiasmo e a fé pairar sobre tudo. Não falo das suas "Scenas da vida amazonica", que não conheço e sobre que nunca o ouvi dizer cousa alguma, mas de "Educação nacional".

Para explicar esta excepção ha, entretanto, varios motivos. — Vinte e poucos annos de idade, uma esperanza de redempção perenne pairando no ar com a abolição e a fé nascente numa republica, que accenava promessas de Chanaan.

Num paiz como o nosso sem educação e sem directriz, este livro é uma especie de evangelho, que todos deviam meditar e possuir. "Educação Nacional" quizera que fosse dada a todo o homem de responsabilidade, a toda a criatura que possa, um dia, influir no nosso destino, a todo o moço que represente uma esperanza, a toda a mocidade, emfim, que é renovo e é vigor e é força e é seiva nova para formar, victorioso, o nosso Brasil futuro.



O resto de sua obra, obra valiosa e talvez, em muitos aspectos, unica, no nosso meio, não dará mais que uma feição deturpada da sua grande individualidade. E' verdade que ella é o pensamento e o pensamento é o que mais interessa, mas nelle não seria nunca a parte mais curiosa. Pelo seu pensamento, pela sua obra, ninguém, no futuro, fará uma idéa clara do que foi a sua sensibilidade, a doçura do seu espirito, o prodigio do seu coração. Ao contrario, a impassibilidade, a frieza e até a ironia parecerão as suas feições unicas. E isto seria uma formidavel injustiça.

Quem não o conheceu que faça, pois, a critica exclusiva do escriptor. Eu prefiro mostral-o completo, toda a sua individualidade, que se não accomoda absolutamente na sua obra, porque esta é uma feição apenas do seu modo de ser, emquanto a sua personalidade integral é mais ampla, menos medida, menos impassivel e mais gloriosa.

A. CARNEIRO LEÃO.



NA FLORESTA DA AGUA NEGRA

A VALDOMIRO E AGENOR SILVEIRA.

I

*E' á hora intensa do sol na terra americana.
Dentro do coração do Brasil. Na floresta.
A' sombra secular da selva soberana.
Nos éstos do verão. Sob o torpor da sésta.*

*Queda immoto o arredor na adustão da soalheira.
O ar, oleoso, referve. Immozel tudo. Espasmo.
Apathica, em plethora, a natureza inteira,
Morre na mornidão de um morbido marasmo.*

*A luz, vividamente, espadanando lavas,
Em scintillas rogaes e vibrações urentes,
Ampli-ondeante desfralda as labaredas flavas,
Jalnes, rufas, de tons gualdos e fulvescentes.*

*Sob o vulcão do sol a mata resplandesce,
Nimbada por um halo incandescente e louro.
A estampa de metal da paisagem parece
Uma esmeralda a arder dentro de um aro de ouro.*



*O verde é multicôr: tem cambiantes diversas.
E essas colorações, em conjuncto indistinctas,
Vêm, desde o verde-escuro ao verde-crê das versas,
Variando, na unidade, a gradação das tintas.*

*O solo de alluvião, resequido e gretado,
De torrida aridez, requeima, escalda, abrasa.
Na extrema quietação do plaino illimitado,
Não se escuta siquer o tataral de uma asa.*

*Cobre a concha do céu, de um anil fundo e forte,
Essa paradoxal planura desmedida.
E a floresta apparenta a placidez da morte,
Verde, virgem, vivaz, na volupia da vida!*

*E' o momento infernal dos maiores calores.
No ardor da insolação a atmosphaera asphyxia.
Do proprio suor, no ar secco, aspiram-se os vapores.
Silencio. Solidão. Angustia. Calmaria.*

*O homem, sem esperança, humildemente implora
A protecção do céu, aniquilado deante
Da energia nutriz, do prodigio da flora,
E da fauna, sem par, da terra exuberante!*

II

*Porém, inesperado, ondulado no espaço,
Igneo, perpassa no ar o sopro do bochorno.
E a impressão que produz esse bafo, ao mormaço,
E' a mesma que se tem do rescaldo de um forno.*

*A bafagem augmenta: é o sudeste que avança:
Zune, zimbra, sibila, entre assobios uiva...
E emquanto, farfalhando, as ramagens balança,
Ergue do chão de grês uma poeirada ruiva.*

*O vendaval sacode, e recursa, e supplanta,
E vergasta! A floresta agita-se acordando...
E ao seu foror se oppõe, vibrando em cada planta,
Desgrenhada, de pé, colerica, luctando!*

*Subito, ouvem-se além clangores de bombardas;
Torna-se cardeo o céu; a amplidão se recobre
De nuvens colossaes, prenhes, plumbeas e pardas;
— De faixas côr de chumbo e nimbo côr de cobre.*

*Então, em pleno dia, em pleno sol ardente,
O corisco serpeia, estraleja e rechina...
Apaga-se e reluz inopinadamente,
E fulvido e fugaz phosphoresce e fulmina!*

*Escuta-se, á distancia, em continuo crescendo,
Surdo, soturno e rouco, horrendamente echoando,
Um rodar, um rolar de carrilhões plangendo,
De mil portas de bronze ao bater resonando!*

*A trovoada parece, á luz calida e crua,
O tropel dos titans, um trepidar de tropas!
— E o diluvio da chuva, ao longe, desagua,
Rufando o rataplan das bategas nas copas.*

*Venta e relampadeja. A tempestade ruge!
E, á medida que investe, estouraz e ferrenha,
Aos roncões estertora, estremece, estronda, estremece!
— E grossa, torrencial, a chuva se despenha.*

*Cáe. Abranda o calor do solo e da floresta.
Dá de beber. Mitiga a quentura implacavel.
A alegria da vida enfim se manifesta:
Tudo canta e sorri de um modo inenarravel.*

*Passam, grasnando no ar, periquitos em bando,
Num ridente rascar sobre as aguas revoltas,
Como uma frança que se fosse desfolhando,
E esparzindo em redor as verdes folhas soltas...*



*Na harmonia do bosque ha sons indefinidos:
Amiude ouvem-se perto alguns rumores suaves:
Crebros murmúrios, repetidos estalidos,
— O barulho orchestral das aguas e das aves.*

*Logo depois que cessa o raivar da refrega,
Polvilhando os moitães de lódãos e peuvas,
Rorejante, lenteja uma fina bruega,
Resumbra, ainda algum tempo, o gottejar das chuvas.*

*Por brejaes e marneis, regatos e ribeiros,
A onda do temporal acachoa e sussurra:
Revolvendo, enludrando, encharcando os lameiros,
A flux a agua borbota e aos gorgolhões enxurra.*

*Alvas, no claro-escuro, entre arvores, ao fogo
Das clareiras, fundindo innumeraveis riachos,
Jorram em borbulhão e unisono regougo,
Cachoeiras em cachões de espumantes pennachos.*

*A agua, em largos lençoes, se alonga, alastra, alaga...
E a corrente caudal de crespos flocos brancos,
Redemoinha e transborda e vai, de vaga em vaga,
Enchendo boqueirões, cavalgando barrancos.*

*Em cataractas desce, em catadupas corre:
Leva na correnteza a gluma, o tronco, a espatha...
No seu curso veloz a ravina percorre,
E, finalmente, chega aos arcanos da mata.*

*Ahi, no somno estival, preta, putrida, estanque,
Largamente estendendo as margens lutulentas,
Dorme, ao sol do equador, como um immenso tanque,
A agua negra e lethal das febres pestilentas.*

*Decomposta ao calor, podre e procriadora,
Em ardencias vitaes a agua immunda borbulha:
Tabida e germinal, como se acaso fôra
Um espelho de onyx, uma planicie de ulha.*



Morta e sinistra assim, no seu seio fecundo
Fervilhando em vibriões, mephitica e funesta,
Ella é que dessedenta, alimenta esse mundo,
Dá-lhe viço e frescor,—porque é a Mãe da floresta!

III

Já, do incendio do accaso, as chammas derradeiras
Barram de ouro e de rosa os curvos horisontes.
Desce o carro do sol por traz das cordilheiras,
Da corcova lombar das serras e dos montes.

A tarde é de crystal; curta, clara e calmosa.
E é tão profunda a paz crepuscular na selva,
Que, em verdade, se sente a impressão mysteriosa,
De ouvir brotar o mato e ver crescer a relva...

A cigarra estridula. E Vesper irradia.
Frouxos, franjando o céo, fulgem filões de prata...
E emquanto, a pouco e pouco, empallidece o dia,
Desponta a lua cheia illuminando a mata.

O clarão sideral, nos rasgões do folhedeo,
Entra, ás vezes, filtrando uma restea argentina,
Como se penetrasse o aranhol do arvoredo,
Longo e alvo, um claymor de lamina opalina.

As palmeiras gentis, sobre as balseiras brunas,
Por entre os coqueiraes, alvadias e calmas,
Desenham-se no luar como esbeltas columnas,
Letamente embalando os flabellos das palmas.

A mãe-da-noite canta. E outra voz lhe responde,
No concerto nocturno, apaixonada e cauta.
E em breve, em cada ninho, occulto em cada fronde,
Ha serenas canções bucolicas de flauta.

*Misturam-se na brisa, embalsamando o ambiente,
As evaporações dos jasmims e mimosas,
Das baunilhas em flor, do cacau redolente,
Da cannela odorante e das ervas cheirosas.*

*Nos selvagens vergeis de sapidos aromas,
Sentem-se, pelo olphacto, o queimor da pimenta,
A essencia do ananás, os traveses das gommas,
E a acidez tropical da manga sumarenta.*

*Tão grande é a exhalação que desprendem os cardos,
São de mil florações, mil fructos, mil corbelhas,
Que esse fluido sensual inebria os mascardos,
Que esse iman trescalante entontece as abelhas.*

*Crespa, a vegetação é tão ampla e tão densa,
Irregular, cerrada, intrincada e disforme,
Que se enrosca, entrelaça, emmaranha e condensa,
Formando paredões de uma espessura enorme!*

*Caules descommunes, hartos cernes robustos,
Por filipendulas, tilandsias, enredigas,
Por flexíveis cipós e fragiles arbustos,
Trançam-se entretecendo as tramas inteiriças!*

*E nesta confusão de multiplos perianthos,
Milhões de vegetaes de formas infinitas,
De gynandrius, cecens, bromelias e cyclantos,
Em redouças arcuaes pendem as parasitas!*

*E do fôfo tapiz, das plumas e dos fetos
Que recamam o solo, erguem-se borborinhos,
Zumbidos e sum-zuns e chirriar de insectos,
Chãos, cicios, sons de cochichos baixinhos...*

*O luar dentro da selva amedronta e deslumbra!
Por vezes, no interior das brenhas, nos refohos
Das sebes, como dois topasios na penumbra,
Phosphoreja, citrino, o fagulhar de uns olhos...*



*Dos invios matagaes, dos sultos socegados,
Por onde escassa a claridade se insinua,
A onça, o lobo, o tapir, como magnetizados,
São da escuridão, e uivam olhando a lua...*

*Corta a amplidão, singrando os ares luminosos,
Um alto corvo-rei, uma aguia-real possante,
Um giganteo condor de remigios gloriosos,
Revoando em direcção do pantanal distante.*

*Desenhando avejões e phantasmagorias,
A luz da lua nos sombreados reverbera.
E, abandonando o horror das touceiras bravias,
Em torno da palude a fauna se agglomera.*

*E enquanto a multidão das figuras povoa
De horrificas visões as paragens funeraes,
Dorme, ao luar do equador, a turbida lagoa,
A agua negra e lethal das brancas vallisnerias.*

*Florindo o tremedal, o macio perfume
Dos nelumbos azues, das nymphéas se evola.
E, alva, sobre o negror das aguas de betume,
Abre a victoria-regia o esplendor da corolla.*

*O terror é solenne! O espaço se desata
Em chuvas zodiacaes! Através das neblinas
Fulgem, como se fôra a ardentia da mata,
Minusculos fuzis de estrellas pequeninas...*

*São vagalumes, são lampyrides candentes,
Lucilando a bailar pelo bosque sombrio...
Phalenas, colibris, vermes phosphorescentes,
Libellulas iriaes e fúlgueros no cio...*

*E' o Amor que celebra essa brilhante festa!
O orvalho cáe. A seiva sobe. As aguas bolem...
E a noite, nupcial, no templo da floresta,
Vai propagando ao luar os hymeneus do pollen!*



*Então, por toda a selva, a magia é tamanha,
Que, para definir-lhe a riqueza estupenda,
Foi preciso appellar para uma força estranha,
E a fé se originou da poesia da lenda!*

*Hora de aparições! Hora de pesadelos
Que tivestes talvez sem nunca os descreverdes...
Em que a Yara penteia os humidos cabellos,
A coma vegetal dos seus cabellos verdes!*

*Dizem que essa mulher mysteriosa parece
Surgir, desabrochar por encanto divino!
Como uma orchídea enorme, uma flor que se houvesse
Transformado ao luar num corpo feminino!*

*Grande, joven e bella, essa imagem humana,
Cuja nudez radiosa a natureza encerra,
Incarnando o vigor da flora americana,
E' a Musa do Brasil, o symbolo da terra!*

IV

*O homem, cheio de orgulho e de amor, contemplando
A grandeza feraz da patria da conquista,
Na sua adoração dobra os joelhos sonhando,
Beija a terra! — e murmura esta prece de artista:*

*“O' floresta! na tua imponencia e bravura
E's simples e sonora, eloquente e singela!
No esplendor virginal da tua formosura
E's agreste, és inculta, e no entretanto és bella!”*

*“Para que eu te traduza a majestade rude,
Mas de uma forma tal, precisa e manifesta,
Que demonstre o poder da tua juventude,
A que hei de exactamente igualar-te, — ó floresta?”*



*“Só posso comparar-te á lingua portugueza:
Porque ella é que possui os thesouros da tua
Basta, e brava, e brutal, e barbara belleza
Que a lingua mãi, na terra virgem, perpetua!”*

*“Pelo sagrado amor dos artistas futuros,
Na lingua florestal, em vindouros garimpos,
As palavras senis, que são carvões escuros,
Hão de um dia esplender como diamantes limpos!”*

*“E o tacto, a côr, o som, o sabor e o perfume,
Tudo que á phrase humana a sensação empresta,
Ha de um dia exprimir a lingua que resume,
Na opulencia verbal, a pompa da floresta!”*

*“Consagrando a belleza, eternizando a graça,
Elle re florirá como um verde renovo!
— E os Poetas cantarão, para gloria da raça,
Na lingua de ouro velho a terra de ouro novo!”*

MARTINS FONTES.



A NOÇÃO DA RESPONSABILIDADE

Não ha negar, atravessamos neste momento uma crise social grave, fonte de todos os males que nos affligem, causa da deficiencia economico-financeira que nos defronta e da desorganisação administrativa que nos molesta.

E' possivel e, a bem dizer, será mesmo provavel que phenomenos geraes de varias ordens, extrinsecos á nossa vida, mas sobre ella agindo efficientemente, tenham influido para a aggravação do momento actual mau; comtudo, obedecida a logica, ver-se-á que, se o fizeram, foi de um modo apagado e aleatorio.

O mal não está nem esteve ahi e sim alhures; a cachexia que nos consome, a insufficiencia que nos deprime, a intoxicação que nos inutiliza, a nevrose que nos aliena impedindo-nos o progresso e paralyndo-nos o aperfeigoamento, é a ausencia ou a deturpação da noção de responsabilidade.

A base sobre a qual ha de alicerçar-se uma sociedade presumidamente adiantada, é sem conteste a instrucção; é preciso convir de antemão que a instrucção não se obtem com uma bagagem escolar em que á cartilha do A B C juntou-se a sciencia confusa das quatro operações elementares.

Dizendo instrucção, digo, implicitamente, instrucção civica, instrucção social nitidas, completas, sem deslises da preocupação maxima que deve ser a orientação futura de cada um: a comprehensão de que não ha, ou por outra, não deve haver, na collectividade, quantidades despreziveis, que cada um tem um papel a representar; e que no grande drama da vida humana não ha comparsa, por mais humilde, cujo desempenho não possa influir no exito geral.



Se assim é, uma apreciação imparcial de nosso meio é altamente desconfortante para nós; de um lado, um numero consideravel de analphabetos e individuos que só o não são no maior rigorismo do termo, e aos quaes fallece qualquer desenvolvimento intellectual, perniciosos em um meio pouco culto pela presumpção de uma condição mental e social que de facto não estão na altura de occupar.

Esses, a grande maioria, a turba que se movimenta solicitada pela influencia superior, da qual é muitas vezes o instrumento explorado; dessa turba é natural não se espere nem obtenha uma noção, mesmo approximada, dos apurados deveres que lhe incumbem como parte de uma sociedade que ella conhece mal e olha sempre prevenida.

Do outro lado está a classe culta, ou, para melhor dizermos, instruida, aquella que, da magistratura ao commercio, das profissões liberaes ás industrias, cria, forma, aperfeiçoa e dirige a sociedade moderna.

A disparidade de numero entre a porcentagem de um e outro desses agrupamentos não diz em favor desta, e annuncia, ao primeiro exame, um mal que nos infelicitá e por cujo extermínio é mistér empreehender uma luta sem treguas.

Instruir as massas, dar a cada um a dose sufficiente de instrucção e cultura que permita um discernimento apurado, é a incumbencia maxima da *élite* social; assim, e só assim, terá o homem a liberdade moral precisa para que a responsabilidade se institúa e a organização social se aperfeiçoe.

“A moral se resume em uma grande expressão: educar o povo” — dizia Renan, o grande pensador.

Victimas desse grande maleficio não o somos menos do outro: a noção da responsabilidade individual vive arraigada no espirito de cada um, mesmo nas classes cultas da sociedade actual?

Não. E' a orientação do momento consecutaria do espirito altruista de collectivismo em que cada homem desaparece como entidade autonoma, para ser e considerar-se uma parte, sob todos os pontos de vista, ligada e dependente, do todo unico e indiviso — a collectividade? Absolutamente não.

As tendencias egoisticas da época apuraram-se em quantidade ao tempo em que desmereciam em especie; a idéa do aperfeiçoamento pessoal com o objectivo da melhoria collectiva foi-se



dispersando ao sopro da rudeza da vida material que a superficialidade da nossa cultura permittiu sobreviesse topando-nos inaptos para defrontal-a.

Dahi successivos desastres.

Na hora presente, salvo excepções, que, ao envez de augmentarem, escasseiam de mais em mais, a fraternidade desaparece dos corações, á medida que irrisoriamente se incrementa nos symbolos e reproduz nos disticos e frontespicios.

Poucos sabem o seu dever e menos ainda o cumprem. Porque? E' a Moral que falta; por ignorancia ou por desprezo, as leis da Moral subvertidas, espesinhadas, fraudadas, deixaram de ser a bussola do organismo social. Dahi os erros, dahi os delictos.

Do particular ao geral, na analyse do parcial, ou na critica do conjuncto, uma verdade se deparará aos olhos do espirito estudioso que pormenorizada e imparcialmente se detiver no exame do momento que passa.

Primeiro falhou a honestidade: uma scissiparidade singular fragmentou-a em dous termos dos quaes um conservou-se integro e serviu ao uso privado, o outro foi a pouco e pouco constituindo um aleijão multiforme, ora ostentando á luz do sol a sua monstruosidade, ora disfarçado por sob um artefacto do vestuario que só os olhares incautos não reconhecem.

Uma Moral nova foi precisa, de grandes azas abertas e enorme manto distendido, para abarcar as multiplas variantes desse deslize singular.

O medico sobrepoz o espirito mesquinho do ganho á magestade do seu ministerio e deixando a mira do leito do doente entrou a revoltear o olhar cupido pelos armarios, sedas e preciosidades do lar em que penetra e, mentalmente, á medida que a penna traça no papel o receituário que deve levar o doente á cura, a mathematica calcula no espirito quanto o burguez apatacado ou o rico capitalista pode pagar mais que a uma consciencia digna é justo requisitar.

Quando não, é a associação indecorosa da esmeralda ao topazio symbolicos unindo as mãos do pharmaceutico e do medico em um pacto em que se mistura a nobreza da medicina ao interesse commercial da pharmacia, por cujo progresso periclitante sacrificam-se não raro a exigencia da clinica e a bolsa do doente.



Annuncios bombasticos enchem as paginas dos jornaes: ao lado da immodestia, que é alguma cousa mais, com que se improvisam especialidades as mais numerosas e disparatadas, apregôa-se a cura de incuraveis e o monopolio de segredos therapeuticos que seriam prova de deshumanidade se não foram pura charlatanice. O medico desceu de seu pedestal e materializou a profissão despindo-lhe as vestes bemdictas e solemnes do sacerdocio que é — e o maior de todos, para reduzil-a a uma equação algebrica de que o serviço e a remuneração passaram a ser os unicos termos.

Alijou como inutil a piedade que é a sua força, porque, em querendo ministrál-a, não lhe criam empeços a improficuidade da therapeutica *nunc et semper* acorrentada ao limitado do saber humano.

Parallelamente, o cliente retirou ao medico a alta veneração que em tempos idos jamais lhe regateára; passado o momento da angustia quasi o julga devedor pela distincção da confiança com que foi honrado, mais do que um credor pelo beneficio que prodigalisou.

A' margem os casos que, em relação, são quasi nada, de eterna gratidão e illimitada confiança, trata-o como se dôres suavizadas, afflicções amenizadas, saúde restabelecida, confidencias affectuosamente recebidas e mantidas, mais não fossem que qualquer mercadoria que a bôa moeda sonante adquire sem maior sobrecarga de reconhecimento.

Tudo isso porque?

O magistrado e o advogado esqueceram sua missão elevada de patrocínio das causas nobres e justas; ao envez de paladinos da justiça e defensores da verdade, passaram a procurar, no interesse inconfessavel dos proventos pessoas de toda a sorte, a directriz de suas acções e julgamentos.

Defraudadores de toda a especie, usurpadores do bem alheio, privado ou publico, assassinos os mais repugnantes têm encontrado defensores que lhes advoguem as causas miserandas com um calor e entusiasmo que revoltam e enojam; servem de agravo a essa advocacia tenebrosa as circumstancias moraes e materiaes do crime, as mais abjectas, e a posição social dos criminosos, que lhes tem valido de manto protector, quando, em sã razão, lhes devera accentuar o crime pela condição superior de discernimento e educação.



O militar olvidou seu honroso encargo sublimado na defeza da Patria e na estabilidade da ordem e das instituições; emprestou sua farda ás explorações politicas de toda a sorte, foi o instrumento das ambições criminosas de aventureiros sem escrupulos, e, não raro, sobrepoz-se aos sentimentos comesinhos de humanidade e fuzilou e degolou e supprimiu o inimigo leal como o innocente indefeso.

O serventuario publico desnaturou revoltantemente sua razão de ser, fez-se uma concepção esdruxula de seus direitos e deveres, entrou de julgar o Estado como um favorecido e um obrigado a quem por uma indulgencia ultima faz o favor de servir.

Acertaram os mais pequenos em desobedecer ou embaraçar pela inercia ao tempo em que os graduados substituiram á lei os seus desejos e aos direitos as suas preferencias.

O jornalista desvirtuou a nobreza de seu mistér, substituiu o objectivo encômiastico de sua attribuição social pelo interesse mesquinho de suas paixões pessoaes e o ainda menor da vendagem de suas oburgatorias tanto mais procuradas quanto maior o sabôr que nellas encontra o povo, de escandalo e conceitos deprimentes.

Governantes enveredaram loucamente pela via das dissipações dolosas dos dinheiros publicos, pela selecção dos mais maleaveis, em detrimento dos mais dignos, pela pratica monstruosa das injustiças quasi systematicas apostadas em realizar a inconsciencia e a vergonha do

“Quoi qu’il puisse en couter, chacun veut, à son gré, se renfler, s’agrandir, s’enrichir au plus vite.”

Tudo isso, porque?

E’ que se perdeu a noção da responsabilidade. Acima da responsabilidade penal, freio e contensivo, força de que as nações se armam para punir e, punindo, deter os menos escrupulosos, ha a responsabilidade moral de que cada homem educado e culto deve sentir a força imperiosa e dominadora.

A consciencia da responsabilidade pessoal, a comprehensão exacta de que cada homem, do mais humilde ao mais graduado, é um factor que pesa no conjuncto social, a convicção de que cada um se deve possuir de que pode ser uma força, tendendo ao bem, como será um entrave se inclinar-se ao mal, são noções que desertaram das grandes massas para encontrar-se no espirito de meia duzia.



“Personne est responsable de sa famille mais chacun est responsable envers sa famille”, dizia Janet; a verdade do conceito ha de subsistir respeito á sociedade.

Os agrupamentos humanos que se vão progressivamente formando e constituindo em sociedade passam por uma serie de transmutações analogas ás que experimentam as especies animaes na sua escala ascendente de aperfeiçoamento.

A multiplicidade de factores extrinsecos a cuja acção tambem, de si, muito varia, os corpos animados se vêm expostos de continuo, obriga-os a phenomenos de defeza que são verdadeira adaptação ás condições novas da vida.

Assim, como que funcções novas se vão desenvolvendo e pouco a pouco aperfeiçoando; o homem, por seu lado, á medida que cresce, vae paulatinamente deixando a vida vegetativa e, entrando no dominio da vida de relação, apura suas trocas com o meio, enceta a vida consciente, modela-a segundo suas tendencias innatas temperadas pelo instrumento educativo, chega ao tope da perfeição humana pela formação de uma vontade servindo elevados objectivos.

Não de outro modo se organizarão as sociedades cultas; partindo da simplicidade para a complexidade, creando, entre-tendo e satisfazendo interesses varios, originando o intercambio de direitos e deveres que uns e outros incumbirão a todos e em razão directa, o aperfeiçoamento geral tenderá sempre ao desideratum que se enfeixar todo na satisfação e predominio do bem geral sobre os multiplos interesses individuaes.

Para isso, uma concepção basica deverá predominar em todos os espiritos: — é a noção de uma responsabilidade sempre consciente, sempre vigilante, sempre em acção, responsabilidade que decorre para cada um da obediencia á lei, do amor á lei, do culto pela lei.

Sentença que ficou memoravel na cõrte da Inglaterra em 1886, erigia em seu fundamento o principio de que “todo o homem que desempenha uma profissão, é obrigado a empregar no cumprimento de seu dever a habilidade normal de um homem competente”; e o devotamento de um homem consciencioso, acrescentaremos nós.

Entre cada um a bem conhecer o seu dever, a identificar-se com elle de modo que lhe não escape nenhum dos aspectos por mais apagado que seja, procure alcançar em sua execução um



maximo de perfectibilidade, procure corresponder, pela acção, á confiança de seus maiores e inspirar, pelo exemplo, o respeito aos seus inferiores, considere a autoridade, ame a verdade, venere a justiça e tenha por supremo lemma a lei.

A felicidade universal residirá no fetichismo da lei servido por uma disciplina intelligente e consciente. No momento presente o que cada um procura é um maximo de poder para um maximo de arbitrio; desestima-se a lei porque ella é um freio á desordenada vontade de cada um, sobrepõem-se-lhe o capricho de um, a vaidade de outro, o interesse deste, o despotismo daquelle.

Porque? Concebe-se lá uma prece a quem não crê? Certo que não.

E' preciso amar á lei mais que a nós mesmos, é mistér que cada homem de consciencia sacrifique a essa divindade as suas preferencias e os seus rancores, as suas ambições e os seus desanimos, a sua autoridade emfim.

Nada fazer contra a lei, tudo fazer pela lei; sentir-se forte e ser forte com a lei, amal-a e respeit-a, cumpril-a e defendel-a.

Esse é o principio por cuja integridade se haverão de paupar as sociedades organisadas; o seu olvido deu-nos a inconsciencia da responsabilidade individual e a desordem da responsabilidade collectiva; a infracção flagrante e insolente delle implantou, entre nós, o regimen de uma anarchia moral que assusta as consciencias puras e os espiritos integros.

Seria injustiça occultar que uma reacção benefica parece delinear-se contra a monstruosidade desse estado de cousas: oxalá possa ella descer do tope da montanha para a immensa planicie!

Em todas as classes um nucleo existe que se não contaminou do virus infectante; poupou-o a vaccina da seriedade, do respeito á honestidade, á ordem, á lei; conservou-o indemne a noção da responsabilidade: torna-se de mistér que esses, a quem não profanou o vendaval impuro, acertem de promover a sociedade melhor; basta que a cada iniciado se incuta a belleza sublime desta passagem citada por Pelissier entre Quesnay e o filho de Luiz XV:

- Eu não vejo, principe, que seja difficil governar.
- Que farieis então?
- Nada.
- Mas, então, quem governaria?
- A lei.

GARFIELD DE ALMEIDA.



NO MAR

(*Impressões de um episodio*)

Na esteira de frócos brancos riscada pela aguçada quilha da barca, longe se ficara, na tarde embrumada do alçar os ferros, a enseada crespada do ancoradouro de registro.

Vinham navegando ha muitos dias...

As cristas das vagas, empinando-se, arrendadas, faziam tangar a carcassa do velho lúgar, — quatro mastros altaneiros de vergas largas, esguio como um galgo, repintado de cinzento, velas lavadas, empoladas, pandas, — aproveitando o nordeste a soprar forte, empurrando a pôpa num seguimento acelerado.

Iam com rumo ao Cabo Horn, talhando o Atlantico. A'quella hora placida do poente, hora enervante, franjando-se o horizonte de damasco, a marujada, em parte, estendida nas taboas enceradas do convés, — pernas entrecruzadas uns, apoiados nas amuras outros, — recosia os rasgões das lonas incardidas dos velhos pannejamentos.

Transpuzera-se a linha ao amanhecer, e a noite descia tepidamente doce, tropicalmente illuminada, desnudando no arquear do céu limpo as constellações austraes, mostrando ás retinas curiosas dos grumetes de primeiro embarque de longo curso, as scintellas do Cruzeiro do Sul, — essa promessa sideral da terra opima de novos céos...

Na róta deixada, com os linhos das espumas, dispersavam-se as phrases sonoramente gutturaes das melancholicas balladas septentrionaes, moduladas nas gorjas roucas dos marujos entediados e saudosos.

O capitão do barco — saxonio sanguineo, talhe aprumado como uma palmeira, feições rijas de *bull-dog*, dentes rilhados trahidos pelos labios mal ajustados, olhos parados côr de

algas — fazia a digestão, passeiando o convéz desde os cêpos da ancora ao mastro da ré.

A sineta de bordo deu o signal do quarto para o leme. Um piloto, moço ainda, veiu colher a ordem de commando.

Encontraram-se os dois bem á pôpa.

— O mestre do leme dobra...

A determinação severa, cortante, decisiva, cahida da bocca fria do Capitão teve a replica rude, firme, do homem que vinha no governo do lúgar:

— Estou cançado. Não posso...

No esmalte escuro de seus olhos de africano ardia a fortaleza de sua resolução, lampejava a rebeldia atavica do opprimido quando se não quer mais vergar. Era um negro de thorax dilatado, cerviz remissa, pulsos largos, pernas verticalmente musculosas: quasi athleta servido por uma organização psychica primitiva a caldear no cerebro estreito os odios recalcados das gerações avoengas escravizadas. Na estractificação cerebral, o sentimento instinctivo da revide, aquietara-se nas camadas mais profundas, dando o mourejador resistente, para um dia eclodir ao aceno de um avilte ou ao golpe de uma injustiça.

Ha seis horas que vinha ao leme. Por tres vezes dobrara a tarefa, sendo-lhe exigida a quarta. Era de mais. O barco vinha com a tripulação em desfalque: os serviços de bordo eram exhaustivos, porém, de todos, o africano, pela condição humilde de sua tez, era o votado ás dobras penosas do leme, posto amáro de escuta e attenção com toda a responsabilidade a medir.

Toda a sua revolta, hereditaria e abafada, emergira:

— Estou cançado... Não posso...

Largara a roda do governo; ás guinadas vigorosas da embarcação, foi-se abancar sobre um monte de cabos alcatroados, á boreste, seguido pela raiva mal sustida do capitão.

A indisciplina, oriunda da mal applicação dos direitos, rompia a luta: era o branco septentrional, cioso das suas prerogativas de commando e de raça, aquecido pelo halito excitante dos tropicos, desafiado, desobedecido pelo negro das selvas africanas, victima ainda das civilisações...

O embate das duas phrases attraira a curiosidade passiva e temerosa da marujada: as ondas alçadas e franzidas abemo-



lavam as suas endeixas nos flancos rebatidos do navio; as lampadas a petroleo tremebrilhavam no convéz, numa *nuance* de ambar, desmaiada, frouxa. O lúgar guinava sempre...

Afogueado, brusco, rispido, o capitão quiz enfrentar o marujo rebelde, recuando, covardemente, ao relampaguear do aço de uma lamina. Estacou, cruzou as mãos vermelhas sobre a columna vertebral, e, colerico, ruminando o castigo exemplar, a passadas largas, ganhou a prôa, foi ao camarote ingerir uns dedos de whisky...

Minutos mais, dois saxões da tripulação, alentados, grossos, ferozes, subiram á tolda.

O africano comprehendeu: vinham buscal-o; eram os ferros, o látego, o porão, a fome lá embaixo, roído pelos incisivos das ratazanas de bordo, o avilte, emfim, pelas mãos dos "brancos".

Todo o sangue da raça estuou nas suas arterias magnificamente irrigadas, toda *revanche* espiralou no seu cerebro.

Não! Nunca se submetteria... A razão o applaudia e a força o ajudava. Num arranco, num rasgo de felino, célere correu á prôa, galgou a escada de cordas do mastro da mezena, alteiou-se aos pulos, abrigou-se no cesto da gavea, segurou-se aos ovens, retesou os pulsos, recomeçou a trepar, á muque, alcançando o topo do mastaréo, onde encontrou apoio, zombando de lá da marujada pasma, no convéz, a olhal-o, a olhal-o...

* * *

Quatro vezes o poente se purpureára, quatro vezes, viajando para o occidente, "o sol cerrara as varetas de ouro do seu leque escarlate", depois de alumiar e aquecer, no cimo do mastaréo, a estoica silhueta do marujo rebellado.

Lá, ao aço retalhante dos ventos, aos açoites das bategas dos aguaceiros, ao cauterio dos sóes do tropico, elle resistia ao corroer gastralgico da fome, á seccura agonisadora da sêde, aos arrepios irreprimiveis do desagazallo.

A humilhação do castigo ser-lhe-ia mais amarga ainda. E não desceu.

Em começo foram as ameaças, o terror, as ordens rudés, absolutas do Capitão á marujada pasma e receiosa, para que o fosse arrancar do alto, encorajando-se alguns á escalada logo



desistida sob a ameaça de serem cortados os cabos de signaes por onde os assaltantes se atrepavam... Depois, com o escoar do tempo, com o renascimento da reflexão e da calma, ou porque viesse piedade ou porque se manifestasse receio pelo desfecho daquella obstinação, vieram os pedidos, os conselhos, as supplicas até...

Mas o marinheiro, flammula humana, aos balouços do lugar, riscando arabescos no docel dos céos ás inclinações dos mastros, persistia em ficar, faminto, sedento, tiritante, mar afóra, em aguas da America livre, á vista dos contornos esfumados do continente, como um cartel vivo á prepotencia dos fórtes.

E a quilha ia rompendo etápas no glauco atoalhado do oceano, aos balsamicos zephiros das primeiras costas brasileiras, ao halito prenhe de salsugem das plagas littoraneas, quentes e lindas, avisinhadadas...

O Capitão decidira arribar. Guinava-se á boreste, rumava-se o Pará.

Aquella arribada traduzia o temor silencioso do commando do barco ante as responsabilidades pela morte provavel do marujo, se a rota continuasse sem escala.

Ao enlivedecer da noute em termino, madrugada se precisando na cinta alvadia do levante, havia terra á vista, terra brasileira: a risca de arminho de uma praia, o denticulado pardo de montanhas.

A aragem de feição impellia de rijo o barco. No convéz, baldeado ha pouco, sob o orvalho da madrugada, a faina alvorotada do breve aferrar. A marinheiragem ia accesa na tarefa de bordo: corria ás enxarcias, manobrava as vélas, içava um signal no gurupés, movia o roldão das bigótas, apparelhava a escada de bombordo, lubrificava a roldana das ancoras, desdobrava na verga do mastro de ré o pavilhão de origem. Aproava-se á barra, via-se longe o pharol...

Ao clarear, no tope de vigia, o africano se agitava, acenava á terra avistada, abria os braços como um missionario ao paiz da catechese, ria-se, ria-se estridentemente.

A tripulação olhava-o, recolhida e triste: o africano trazia a razão turvada, enlouquecera de fadigas e de terror, agitava as mãos negras encrespadas, fitava o traço panoramico da costa approximada.

O lúgar investia o porto. O homem do leme sustinha as guinadas para firmar o rumo. As vélas brancas, humidas, iam sendo colhidas, uma a uma. Um rebocador de alto-mar vinha dar-lhe cabo...

As gaivotas alvas, espalmadas, aligeras, num giro rythmado, pinturalando espiraes no azul suave do céo, enrodilhavam por vezes o tope do mastro de mezena, espiando, curiosas e timidas, a exquisita bandeira do barco arribado, aquelle negro hirto, desgrenhado, antenna humana a vibrar gargalhadas de zombaria á miserabilidade dos super-civilisados...

MARIO SETTE.



OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

III

Esta é já a terceira conferencia sobre os versos aureos de Pythagoras.

Importa commentar mais rapidamente alguns preceitos para não vos fatigar a attenção sem proveito.

*Ah nunca, a sós ou não, cousas de que te côres
faças e, antes do mais: — Respeita-te a ti mesmo!*

Pythagoras quer o homem armado cavalleiró, encouraçado por dentro para que se preserve da suggestão alheia, da influencia do exemplo malefico, do contagio das multidões amotinadas. Porque ellas nos podem arrastar em sua voragem, attrair-nos como o iman ao aço. A companhia, o meio, a alegria que transborda imprudente do fogo de paixões immoderadas, a irritação que se alastra nas coleras revolucionarias da onda popular instinctiva, e mil outras situações da vida nos transformam em automatós, obrigando a pratica de acções que no silencio do "eu" condemnamos sem piedade.

A' sós ou não. — Quer dizer, em segredo ou em publico. O silencio e a meditação abrem as portas do mysterio do sêr, e é então que a solidão se povôa e que o silencio tem voz. Então é que comprehendemos que não existe acção secreta, destituída de uma "nuvem de testemunho" neste organismo vivo que é o universo.

Respeita te a ti mesmo. Pythagoras conhece o valor espirital do sêr humano. Quem não tiver transposto a concepção material da pessoa humana, não será guindado ao mesmo sentimento de respeito.

O melhor dos homens, o mais sabio e o mais modelar, não pode sentir o que ha de veneravel na vida, não pode respeitar a si mesmo,

porque não passa de um punhado de átomos, de um conglomerado ephemero de materia, poeira de um dia. E' preciso chegar ao alto espiritualismo de Pythagoras para montar a guarda interior, vigilante, sempre alerta ao menor desfallecimento: evita o mal, em publico ou em segredo.

E' porque desconhecem o fundo da dignidade humana que os homens a atacam. Ninguem degrada a outrem, sem que primeiro se tenha degradado a si mesmo. Embeber-se na vida exclusivamente material, ser intemperante no comer e no beber, praticar o culto de Eros sem o idealismo do amor, não é ter encontrado a vida verdadeiramente humana: é desprezar a humanidade em sua propria pessoa.

Não é tambem a fita, nem commenda, não é o signal exterior que indica a grandeza real de nossa natureza commum.

Na ordem physica, o respeito de si mesmo requer a conservação da vida, a preservação da saúde, a observação das leis da hygiene, o acção corporal, o exercicio ou o trabalho salutar.

Na ordem intellectual, o estudo, e mais do que o estudo — a observação e a reflexão, que é mais nobre emprego da razão. Porque a sabedoria que está nos livros não dispensa, antes reclama a nossa meditação e experiencia.

Os livros, são verdadeiras traducções do que vemos em torno de nós, na natureza e no homem. Ora, é a nossa propria traducção que importa, a nossa experiencia pessoal é que tem valor para nós. Para ser incorporada ao nosso saber, a reflexão alheia deve ser distillada através do nosso temperamento, e soffrer as refracções do nosso intellecto. Considera a pessoa de outrem como tua igual em dignidade, e abstemte de servir-te della para attingir teus fins egoistas. E' a regrinha de ouro de Kant. Fosse universalmente adoptada e o mundo, como que por encanto perderia muitas de suas escorias. Porque o homem é grande, qualquer que lhe seja o estado, a condição ou a fortuna, quando elle quer tirar a grandeza de si mesmo. E a sua grandeza está nos attributos particulares que especificam o sêr humano. Quaes são elles? Aggregado de materia como a pedra, elle tem como a pedra, a massa e o peso. Corpo bruto, é igual á pedra perante a lei de gravitação, e como ella, se resvala, róla do topo da montanha. O chimico não lhe encontra senão substancias mineraes em seus tecidos. Do mesmo modo, elle participa do vegetal e do animal por funcções variadas. O que, na verdade, o individualiza, o seu titulo original de nobreza, é o conhecimento de si mesmo e do ambiente que o cerca, a possibilidade de agir por dentro, é o imperio sobre suas paixões, o sentimento e o amor do bello, a investigação da verdade e a conquista da virtude. São qualidades especiaes ao homem e que faltam ao animal. São patrimonio da especie humana, e comtudo, não são vulgares: ao contrario até, quem quer que se utilize de semelhantes prerogativas, merece admiração e respeito.



A REFLEXÃO. — A PRUDENCIA

Reflecte antes de agir, e, antes que fales, — pensa.

E' a regra da prudencia e da boa acção. Tudo no mundo é pensamento e depende da boa direcção. que dermos ao exercicio de nossa actividade mental. O pensamento é a grande força organizadora. A sala em que vos falo, as vestes que nos abrigam, o livro que lemos, tudo o que é obra humana representa a idéa encarnada, realizada, fixada na materia.

A idéa é o antecedente invariavel de nossos actos. Importa dirigir o pensamento, cultivar-o, e não viver ao acaso de idéas que vão e vêm, fazendo do cerebro um simples viaducto. Ora, a disciplina do pensamento é habito como outro qualquer. Quem não consagra alguns momentos de seu dia á vida interior, vive na superficie de sua pelle e tudo ignora de si mesmo. Vivemos num continente desconhecido, inexplorado e que por fatuidade julgamos coberto de flores e de fructos. Alhelos ao nosso eu, attentos unicamente á vida exterior, nem se quer temos consciencia de nossos defeitos mais graves, e nos julgamos com excessiva indulgencia, invertendo todos os valores moraes. A nossa avareza chama-se economia; a nossa temeridade, — coragem; o nosso amor proprio, — dignidade; a nossa grosseria e brutalidade, — franqueza; a nossa presumpção, — confiança; a nossa inveja, — emulação; a nossa colera, o nosso odio, — indignação; a nossa sêde de vingança, — justa defesa.

A reflexão é a dignidade do pensamento. Nenhum segredo se revelou á sciencia, sem que a observação e a experiencia lhe tivessem desatado a lingua. Mas antes de experimentar, o homem de sciencia reflectiu, e formulou sua primeira hypothese. O habito da reflexão vae além: elle aclara o mysterio do "eu", projecta luz sobre nossas falhas e sobre nossas forças.

A prudencia tão recommendada por Pythagoras é fructo da reflexão, que rectifica o primeiro impulso, que modera o impeto, que corrige o julgamento precipitado, que evita complicações e desgostos, que previne, que prevê e que provê.

*Sé justo, que outra Lei, igualmente implacavel,
nos faz morrer, e faz que os bens e as honrarias
que "cantando nos vêm, — de nós cantando vão".*

E' de notar que o philosopho grego depois de haver recommendado aos seus discipulos o imperio sobre si mesmo, a educação pessoal, a aquisição de virtudes que foram commentadas superficialmente, ao passar ao preceito da justiça vae buscar no sentimento de nossa contingencia, da brevidade de nossos dias, do que ha de ephemero na vida, um ponto de apoio para integrar a idéa e a pratica da justiça á nossa pessoa. Parece certo que o sentimento perfeito da justiça é o mais alto



attributo humano, que a idéa da justiça é a mais nobre do intellecto, o ultimo termo de uma longa evolução.

Não admira que o pensamento da morte concorra para a sua eclosão, que venha fixal-a em nossos actos. A alma não morre com o corpo. O tumulto não é o limite de nossa vida. Sancções ultra-terrestres acompanham os nossos actos, dizem todas as religiões, unidas por mais esse laço commum.

Sê justo, dizia Pythagoras, porque a morte ahi vem, e tu serás ferido nos objectos de tua cupidez, de tuas paixões. A morte vem como um ladrão, e exhibirá a tua nudez moral, as tuas infracções injustificadas da Lei.

Sê justo. Mas que é a justiça? perguntariam os pythagoricos. Veremos noutra palestra, ao lado da excellencia de certos principios moraes, a relatividade de sua efficacia pratica, dados o estado actual de evolução de certos individuos, e até de certos povos.

*E quanto aos males que, cégo, o Fado traz consigo
supporta-os como um bem, e tudo empenha para
os suavizar o mais que então te fór possível,
porque aos deuses apraz que menos soffra aquelle
que por bem meditar, mais e mais longe enxerga.*

Reponta aqui de novo a doutrina pythagorica do Destino e da Liberdade. Comtudo ellas não eram as unicas forças em acção. Uma e outra estavam submettidas a uma lei fundamental chamada Providencia, que os gregos conheciam com o nome de Nemesis. O primeiro destes elementos, a vontade, era livre, e de sua propria liberdade de acção derivava a Necessidade, o destino. O poder da vontade se exercia sobre as cousas vindouras, sobre o futuro; o destino sobre cousas já feitas, sobre o passado: um e outro se influenciam reciprocamente. Segundo Pythagoras, o campo da liberdade é o futuro, o do destino é o passado, da providencia o presente. O acaso não existe. Tudo deriva da união da lei fundamental e providencial com a vontade humana que a segue ou a transgride, operando sobre a necessidade, sobre o destino. Que é o bem? O accordo da Vontade com a Providencia. Do mesmo modo, o mal é a sua opposição reciproca. O homem é um sêr tri-uno, portador de tres forças correspondentes a tres manifestações de sua unidade, que é a vontade, e que commanda a essas forças. A primeira dellas é o instincto, e está no corpo physico; a segunda está na alma, e é a virtude; a terceira é a sciencia e está na intelligencia. Estas tres forças são por si mesmo indifferentes; é a vontade que lhes dá qualidade. Tudo depende do bom ou mau uso da vontade. Com o mau uso ellas degeneram em embrutecimento, em vicio, em ignorancia. O instincto interpreta a sensação, percebendo o bem ou o mal physico que a sensação nos fornece. A virtude é afferidora do bem ou do mal moral que está no sentimento. A sciencia julga o bem ou o mal intelligivel que provem do assentimento.

“Na sensação, o bem e o mal chamam-se prazer ou dôr; no sentimento, amor ou odio; no assentimento, verdade ou erro. A sensação, o sentimento e o assentimento, residindo no corpo, na alma e no espirito, formam um ternario que, desenvolvendo-se em favor de uma unidade relativa, constitue o quaternario humano, ou o Homem considerado abstractamente. As tres affecções que constituem este ternario agem e reagem uma sobre as outras, e se aclaram ou se obscurecem mutuamente; e a unidade que os liga, isto é, o Homem, se aperfeiçoa ou se deprava, conforme tende a confundir-se com a Unidade universal, ou a distinguir-se della. O meio de que dispõe para confundir-se ou para differenciar-se della, para approximar-se ou afastar-se, reside inteirinho em sua vontade que, pelo uso que faz dos instrumentos que lhe fornece o corpo, a alma e o espirito, se torna instinctiva ou se embrutece, se torna virtuosa ou viciosa, sabia ou ignorante, e fica em condições de perceber com mais ou menos energia, de conhecer e de julgar com mais ou menos rectidão o que ha de bom, de bello e de justo na sensação, no sentimento ou no assentimento; de distinguir com mais ou menos força e luzes, o bem e o mal; e de não se enganar no que é realmente prazer ou dôr, amor ou odio, verdade ou erro.”

Na exposição da doutrina metaphysica de Pythagoras que acabaes de ouvir, seguimos fielmente a interpretação de Fabre d'Olivet, de quem copiamos a pagina final, porque semelhante doutrina não se acha claramente expressa em parte alguma. Pythagoras nada escreveu, senão em linguagem symbolica, e muitos de seus discipulos foram obscuros na exposição de seus ensinamentos, de sorte que a interpretação de Fabre d'Olivet, fructo de longas meditações e acuradas indagações e pesquisas, deve ser a preferivel.

E ahí está o que é o homem segundo o ensino de Pythagoras; submettido á Providencia, entre o passado, que é o destino e que já é sua obra, e o futuro onde se vai exercer sua vontade, livre por essencia, capaz de escolher a virtude ou o vicio. Assim sendo, de nada pode queixar-se; o bem e o mal derivam de suas acções anteriores: o destino é sua propria obra. O systema de Pythagoras, como a doutrina esoterica de que provem, isenta a Providencia das responsabilidades concernentes á origem do mal.

Como é, porém, que o bem e o mal derivam de suas acções anteriores? Como é que o destino é sua propria obra e como isentar a Providencia das responsabilidades da origem do mal?

O KARMA E A PALINGENESIA

A solução está nas doutrinas da palingenesia e do karma, que são a mais velha tradição do espirito humano, perdida ou quasi esquecida, outras vezes zombada pela cultura moderna, que, emtanto, a conhece mui superficialmente. E' o embate do problema da liberdade e do de-



terminismo, do livre arbitrio e da fatalidade, que tortura o pensamento occidental, e que não tem solução para elle, se rejeitarmos as luzes do oriente que Pythagoras transmittiu aos seus discipulos.

O homem é um sêr que evolue e para quem o nascimento e a morte são puros incidentes que se perdem na noite dos tempos, com a involução da monada. O nascimento não é o principio da vida, como a morte não é o seu termo. Vida e morte succedem-se no decorrer dos seculos, como a noite e o dia, como a vigilia e o somno no evoluer da vida individual.

Uma dívida que contrahimos vence num dado prazo de ante-mão fixado. Pode alguém esquecer-a que o esquecimento não a prescreve, e chegado o dia é preciso pagal-a. Assim tambem acontece com a nossa vida. Resultado da vida anterior, fructo de antigas sementeiras, o nosso character que contém a melhor parte de nosso destino, exprime a nossa dívida como o nosso credito. Character, saúde, condição social foram predeterminados pelo passado. Mas foi a Vontade que forjou as nossas cadeias pesadas ou que abriu a nossa suave vereda. O passado impulsiona, mas uma pequena parte do presente é formada pela vontade. Podemos crear um habito bom ou mau e colher os fructos correspondentes. O habito escraviza. Se o habito adquirido é benefico, escravizamo-nos ao que é bom; se malefico, soffremos-lhe egualmente as consequencias. Mas foi a vontade que o creou, ella quem forjou as proprias cadeias. E', pois, a vontade que forma o destino. O passado faz o karma; vivemos o resultado de nossas acções, porque a lei de causalidade é eterna. Ella não nos isenta da consequencia de nossos actos com o nosso simples desaparecimento temporario do mundo vizivel. Mas o que a vontade fez, a mesma vontade pode desfazer. E assim o que é mal desaparece: nossas falhas, nossos defeitos, nossos erros. A natureza é eterna e tem o tempo á disposição. A nossa monada aprende e evolúe na Eternidade.

Estamos fixados na eternidade, diz a tradição esoterica. Não passamos de poeira ephemera, diz a sciencia official.

Na realidade, no decurso da vida academica, não tereis encontro com a doutrina da palingenesia. E' uma theoria que não existe para os livros officiaes. Tratar-se-á, então, da méra fantasia? Julgae-a como puderdes, mas convenhamos que a palingenesia, e somente ella, dá a chave para a interpretação de muitos enygmas da biologia. Com effeito, a sciencia da vida é incapaz de explicar a inneidade de certas faculdades e aptidões. Por muito que se torture a lei da hereditariedade, dessa lei não pode vir a explicação das desigualdades muito sensiveis entre individuos da mesma familia, entre gemeos, por exemplo, subordinados á mesma herança ancestral, ao mesmo meio familiar, ás mesmas influencias pedagogicas. Com as nações acontece a mesma cousa. E' assim que o apparecimento de certos genios que excedem de muito, e que ultrapassam por longos seculos, o nivel intellectual do paiz, é factio que se não deixa prender nas malhas da lei da heredita-

riedade biologica. O saber exoterico tem que se contentar com hypotheses vagas, mal determinadas, imprecisas, — elle que se pretende a sciencia positiva. E appella-se para variações imperceptiveis do tecido cerebral; ou invocam-se causas inapreciaveis, influencias desconhecidas a que foi submettido o organismo materno durante a gestação. Suppõe-se vagamente muita cousa. E' um verdadeiro tactear na treva.

Com a doutrina da palingenesia tudo se aclara: idéas innatas, aptidões que não parecem corresponder ás acquisições da experiencia, ou á herança ancestral; manifestações precoces, creanças prodigios, genio! O genio, principalmente, é um ponto de interrogação perpetuo para a biologia classica. Como é que organismos paternos podem legar á descendencia qualidades que não têm?

Sabemos que muitos dos phenomenos chamados subconscientes excedem á consciencia normal, á consciencia sensorial. Factos de memoria que pareciam inteiramente esquecidos se manifestam; surprehendem-nos conhecimentos supra-normaes, independentes dos canaes dos sentidos, os unicos conhecidos da physiologia academica. Factos de autoscopia, de clarividencia, de previsão não são explicados pela physiologia.

Ora, alguns destes factos não estão no cerebro physico e demonstram planos mais altos de consciencia. São phenomenos que transcendem o materialismo corrente. Elles provam que uma vasta porção do nosso "eu", a mais rica de memoria, de intelligencia e de saber, permanece latente e occulta. E, donde lhe vem semelhante saber senão da propria experiencia, de acquisições sensoriaes feitas em existencias passadas? Idéas que nos parecem innatas, faculdades, aptidões precoces, prodigios artisticos ou mathematicos, que se revelam ao nosso exame actual em desproporção completa com o esforço de aprendizagem commum, quanta tréva para a physiologia e para a psychologia official!

Wallace, que foi grande naturalista e notavel pensador, dizia: "Não ha prova mais convincente da verdade de uma theoria geral do que a possibilidade de fazer nella entrar factos novos e de por meio della interpretar phenomenos antes considerados como anomalias inexplicaveis". Ora, a palingenesia explica factos psychicos anormaes, supra-normaes e pathologicos. Donde se vê claramente a intolerancia e a estreiteza de vistas da sciencia official quando se recusa a tomar em consideração uma hypothese de tão largos horizontes. Quão difficil é aos proprios homens de sciencia alijar prevenções e preconceitos!

Não se terá comprehendido a palingenesia confinando-a no mundo estreito em que se agita o destino humano. Longe disso. E' preciso encaral-a como facto universal, — desde as primeiras fórmas mine-raes até as mais altas expressões da vida. Nestes termos ella se concilia perfeitamente bem com a doutrina da evolução; e ainda mais: só ella nos dá o porque da evolução universal. Nos limites da biologia cor-



rente os nossos conhecimentos não passam do "como" os phenomenos se dão, e a lei da hereditariedade biologica resolve ou pensa resolver o enigma.

Imaginemos a encarnação da monada através das manifestações mais elementares da materia, sua aprendizagem consecutiva, incessante através de fórmulas mais e mais perfeitas, sua intelligencia, sua consciencia, sua vontade se exprimindo cada vez mais claramente até chegar ao homem, e teremos então entrevisto o segredo da evolução espiritual. Para bem dizer, o espiritalismo não tem outra concepção verdadeiramente logica. Com effeito, uma vez afastadas as escolas materialistas para as quaes o universo é estúpido, sem significação nem conteúdo logico, é forçoso escolher entre a palingenesia e o espiritalismo classico. Para o espiritalismo classico, cada alma é creada ao nascer, e tudo deve ao Creador: virtudes ou taras, genio ou idiotismo, miseria ou fortuna. Não discutamos as fraquezas do espiritalismo tradicional. Se a existencia é uma e unica, o Creador é responsavel pelas misérias do mundo. Loucura, crime, molestias, guerras, tudo lhe é imputavel. O ser humano, o universo inteiro é dirigido por um poder arbitrario, destituído de justiça e de compaixão. A unica attitude logica para com um Poder que predeterminou todas as cousas seria a do musulmano.

Com a palingenesia, porém, os horizontes se desanuviam, e o universo se nos apresenta em evolução continua para o melhor. O mal apresenta-se como qualquer cousa de provisorio. Melhor ainda: o mal é relativo. O selvagem não será fixado em sua mentalidade infantil; nelle dormem e virão á vida os melhores attributos humanos: para isso a natureza é eterna.

Seja comparado o habitante das selvas com Hamilton ou Pascal, por exemplo, e julgado á luz das doutrinas conhecidas. A precocidade de William Rowan Hamilton foi muito notavel. Aos sete annos, sabia perfeitamente a lingua materna. Aos treze annos conhecia as linguas classicas, as linguas européas modernas e ainda o persa, o arabe, o sanscrito, o hindustanico, o malaio. Aos dezoito annos, o dr. Brinkley dizia ser elle o primeiro mathematico de seu tempo. Na Universidade foi o primeiro em todos os assumptos e em todos os exames. "Havia um homem, escreveu Chateaubriand, que aos dous annos com barras e circulos tinha creado as mathematicas; aos dezeseis, tinha feito o mais sabio tratado de secções conicas que se tenha visto desde a antiguidade; aos dezenove reduziu a machina uma sciencia que existe inteirinha no entendimento; aos vinte e tres demonstrou os phenomenos do peso do ar, e destruiu um dos grandes erros da antiga physica; na idade em que outros homens começam apenas a nascer, tendo percorrido o cyclo dos conhecimentos humanos, comprehendeu o seu nada e voltou os pensamentos para a religião; desde esse momento até a morte, passada aos trinta e nove annos, sempre doente e soffredor, fixou a lingua que falaram Bos-



suet e Racine, deu-lhe o modelo da mais perfeita graça como o do mais forte raciocínio; finalmente, nos curtos intervallos de seus males, resolveu por abstracção um dos mais altos problemas de geometria, e escreveu pensamentos que são tão divinos quão humanos; este genio sem par chamava-se **Pascal**".

Assim comparados o selvagem ou o idiota áquellas summidades do pensamento, a injustiça fundamental é desde logo posta em evidencia, uma vez que se tenha em vista o espiritalismo tradicional. Tal é um dos aspectos restrictos do quadro, mas no qual se reflecte todo o panorama do universo, todas as desigualdades humanas, que assim se apresentam destituídos de justiça e de amor. Sem a palingenesia, o problema do mal, — o mal physico, o mal moral, o mal intellectual, erica as suas pontas até o céu e não ouve resposta, não encontra solução.

Ou Deus quiz o mal e não é bom; ou não o quiz e não é omnipotente. O velho libello está sempre de pé, e mal o encobrem illusorias soluções theologicas. Com a doutrina da creação das almas ao nascer, o antigo dilemma é inevitavel; inevitavel e irrespondivel no seu ataque perpetuo aos attributos metaphysicos do Creador.

Com a palingenesia, o problema do mal está resolvido. Elle se nos depara como phenomeno relativo e provisorio, simples estadio de passagem, méro degrau na escala da evolução indefinida. A palingenesia não considera o Poder Supremo, a Intelligencia Suprema, a Bondade Soberana como extrinsecos ao mundo, mas immanentes ao progresso continuo, ás acquisições lentas e indefectíveis da evolução. A idéa divina encarnada tende a realizar-se, desde a monera, desde as primeiras manifestações embryonarias da vida até o homem, no universo vizivel; desde os elementaes até os mais altos representantes da hierarchia espirital, no universo invizivel. Nos seres vivos, o mal indica, portanto, a sua simples condição actual, a sua medida de inferioridade presente, ou ainda uma sancção ephemera do passado. Nos mundos, o mal indica o estado da inferioridade planetaria com as promessas de uma longa evolução que lhes exgote as possibilidades latentes e lhes desenvolva todas as seivas do progresso.

Assim, pois, o mal diminue com o progredir do planeta e a evolução ascensional dos seus habitantes; elle é util, porque é condição da nossa marcha para a frente. A dôr é o incentivo perpetuo que impede, que sacóde a preguiça e os nervos, que estimula a actividade, obrigando-nos a travar experiencias novas e a dilatar as nossas relações com as cousas, ampliando assim o progresso.

Para o espiritalismo classico, as almas immortaes são tiradas do nada num dado momento da eternidade, e já tão desiguaes ao nascer, são destinadas após uma curta vida terrestre á beatitude eterna ou ao castigo sem fim. Para a palingenesia, a evolução animica é indefinida.



Não ha castigos eternos que punam infracções transitorias da Lei, mas simples sancções naturaes, reacções inevitaveis da lei de causalidade: cada causa produz o seu effeito: cada acto engendra a sua propria consequencia.

Para o espiritualismo classico, a felicidade suprema será privilegio dos eleitos, que souberam praticar certos ritos, ou que mereceram a graça sobrenatural. Para a palingenesia, com a depuração progressiva do mal, e com a decantação incessante dos mundos, "Deus será tudo em todos".

O espiritualismo classico considera as almas como immateriaes. A palingenesia concilia materia, vida e consciencia, intelligencia e espirito na mesma unidade fundamental.

O primeiro vê na terra o eleito entre os planetas, o unico que mereceu a dignidade da vida humana, e considera o homem como o privilegiado exclusivo do espirito. A palingenesia interpreta a terra e o homem como simples anneis de uma cadeia de vida e de consciencia, cujos extremos escapam á nossa percepção.

A palingenesia é a mais antiga tradição da philosophia espiritualista. Em nossa civilização christan ella tem sido desvirtuada por expositores interessados no compromettel-a. E' assim que muita gente, ouvindo falar de reencarnação, pensa logo em transmigração através de corpos de animaes. Não é assim que ella está em todos os livros sagrados do passado; ou que era communicada em segredo aos iniciados dos velhos tempos. Todos os antigos Mystérios da Grecia, do Egypto, ou da Chaldéa ministravam o ensino palingenesico, e o mesmo fazia Pythagoras aos seus discipulos, elle que mereceu a palma de grande iniciado do Egypto e da Chaldéa. Costumava dizer que se lembrava de suas existencias passadas por um favor especial dos deuses. O iniciado focaliza a sua consciencia em vehiculo menos denso que o cerebro physico, vehiculo com que os factos de memoria permancem, e restabelece assim a unidade do "eu" fundamental que se manifestou ao mundo através de varias fôrmas, em encarnações successivas, como o actor sente a integridade de sua pessoa através dos varios papeis que encarnou no palco. Dizendo que recebeu dos deuses o favor da memoria das existencias passadas, Pythagoras não sonegava a verdade, senão que a adaptava á mentalidade de seus ouvintes. E tocamos assim um ponto de grande importancia. Porque a memoria das encarnações passadas não está fixada em nosso cerebro? Tal é uma das objecções fundamentaes que se levantam contra a doutrina. Importa considerar o esquecimento como lei de preservação para a propria memoria. O cerebro physico não pode reter todos os factos e acontecimentos da existencia, e geralmente retém o que mais lhe importa na vida, que são os resultados. Os primeiros annos de infancia, com o seu pequeno mundo correlativo, estão como que apagados de nossa memoria. Comtudo, não foram aniquilados, e em circumstancias especialissimas vêm á tona da consciencia. Certas

grandes emoções, certas nevroses, a acção hypnotica os tiram das trevas do passado e fazem resurgir á luz do dia. Moribundos dilirantes referem acontecimentos que pareciam inteiramente olvidados, ou falam linguas apprendidas ou simplesmente ouvidas na mais longinqua infancia; afogadas têm a visão panoramica de incidentes mais pormenorizados de sua vida inteira. Em todos estes estados a consciencia se desprende parcialmente do cerebro physico e é transportada para um vehiculo mais subtil, onde os factos são archivados como em annaes perpetuos. A nossa consciencia sensorial, a nossa memoria cerebral é a fôrma mais imperfeita da consciencia e da memoria. Mas ella é condição de saúde e de integridade para o sêr que deve agir no meio terrestre. Tirar a consciencia de suas inserções cerebraes por autodeterminação propria, é experiencia que só devem tentá-la os que se conhecerem em franco caminho de iniciação esoterica ou occulta.

O cerebro physico não atravessou as vidas anteriores daquelle que o habita; não pôde guardar a memoria desse passado, que allí não está, e sim em instrumento mais subtil, feito de materia menos densa, que a sciencia official desconhece, mas que começa a entrever todas as vezes que toma em consideração phenomenos psychicos transcendentales.

O homem occulto, o "eu" transcendente guarda a memoria desses acontecimentos, mas transmite ao cerebro physico unicamente as "faculdades", as aptidões adquiridas, os resultados das antigas experiencias. Já se vão tornando por demais alongados os commentarios destes versos, e por muito que nos extendamos não seria possível expor inteiramente a concepção pilingenesica, e resolver ao mesmo tempo as objecções de que é passivel. Se pudémos vol-a apresentar fazendo sentir a largueza do seu horizonte conseguimos alguma cousa de util, e confiamos que a meditação e estudos privados venham completar o que vai aqui de incompleto. Ha, porém, um lado da questão que importa esclarecer. Nós somos creaturas do Christianismo. O materialista mais convencido, o agnostico mais subordinado aos methodos experimentaes, soffrem as irradiações moraes e espirituaes do meio christão. E' um ambiente mental que nos embala desde o berço, e mais ainda: que nos engendra por seculos de herança ancestral. Consciente ou inconscientemente devemos ao influxo christão o que ha de melhor em nosso sêr moral. Podemos lhe negar os dogmas ou combater a politica ecclesiastica, mas como fugir aos resultados ancestraes de sua pedagogia espiritual? Importa então saber se a pilingenesia está no ensino christão. Não está, diz, o saber theologico pressuroso no defender antigos dogmas não escripturarios. Sim, ella lá está diz a tradição esoterica do christianismo. E o diz pela bocca de seus representantes mais auctorizados. E' assim que Origenes, um dos maiores pensadores da Egreja, escreveu: "Não é mais conforme á razão que, cada alma por certos motivos mysterio-



sos (eu falo agora segundo a opinião de Pythagoras, de Platão e de Empedocles, que Celso menciona frequentemente), seja introduzida em um corpo, e isso segundo seus meritos e suas acções anteriores? (1)

E S. Jeronymo escreveu a Aritus: "Se examinarmos o caso de Esaú, veremos que elle foi condemnado por causa de seus antigos peccados numa vida peor. (2)

Deixemos, porém, Origenes e outros doutores da Igreja, cujas obras são de difficil aquisição. Na propria Biblia a doutrina está claramente revelada para quem tem olhos e quer ver, escapando assim ás deformações do ensino tradicional. A concepção do Karma como a da palingenesia estão nas Escripturas Sagradas, no antigo e no novo Testamento. Deixando por brevidade os textos do Judaismo, ouçamos a voz do novo Testamento com ouvidos menos obtusos, para que se não venha repellir em nome do Christianismo ensinamentos que elle prêga e que só lhe podem dignificar o alcance philosophico.

Aqui vão textos referentes á doutrina do Karma:

"Não julgueis para não serdes julgados. Pois com o juizo com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que medirdes vos medirão tambem a vós." (Math. VII, 1, 2).

"Tudo o que quizerdes que os homens vos façam, fazei-o tambem a elles, porque esta é a lei e os prophetas." (Math. VII, 12).

"Pelos seus fructos, os conhecereis. Por ventura os homens colhem uvas dos espinhos ou figos dos abrolhos? Assim toda a arvore boa, dá bons fructos; e a má arvore dá maus fructos." (Idem, VII, 16, 17).

Ha outros textos em Matheus. Passemos, porém, a Lucas.

"Dae, e dar-se-vos-á: no seio vos metterão uma boa medida; e bem cheia, e bem calcada, e bem acogulada. Porque qual fôr a medida de que vós usardes para com outrem, tal será a que se use para comvosco." (Lucas, VII, 38).

Em Paulo deparamos com muitissimos textos que comprovam a nossa asserção. Daremos unicamente o seguinte:

"Examine cada um a sua obra, e terá então motivo para em si mesmo se regosijar e não em outrem... Porque cada um carregará a sua propria carga... Não vos enganeis: de Deus não se zomba: o que o homem semear, isso mesmo colherá. O que semeia na carne, da carne colherá a corrupção; o que semeia para o Espirito, do Espirito colherá a vida eterna. Não nos cansemos de fazer o bem, porque a tempo colheremos... (Galates, VI, 4, 5, 7, 9).

E passemos a mostrar que a reincarnação vem claramente ensinada no Novo Testamento.

(1) Origenes (Contra Celso, 1, XXXII).

(2) Citado por Annie Besant. — Précis de Religion et de Morale, p. 125.



“Porque todos os prophetas e a lei até João prophetizaram, E se o quereis bem comprehender, elle mesmo é o Elias que ha de vir. (Math. XI, 13, 14).

“Quem dizem os homens que é o Filho do homem? E elles responderam: Uns dizem que João Baptista, outros que Elias, outros que Jeremias, ou algum dos prophetas.” (Idem, XVI, 13, 14).

“Os discipulos perguntaram: Porque dizem os escribas que Elias deve vir primeiro? Elle respondeu: E’ verdade que Elias deve vir e restabelecerá todas as cousas. Eu, porém, vos digo que Elias já veio, que elles o não reconheceram e que o trataram como quizeram. Assim tambem o filho do homem ha de padecer ás suas mãos. Então é que os discipulos comprehenderam que elle falara de João Baptista.” (Idem, XVII, 10, 13..

“Estando de passagem, viu Jesus um homem que era cego de nascença: Seus discipulos lhe perguntaram: Mestre, quem peccou, este ou seus paes, para que elle tenha nascido cego.” (João, IX, 1).

“Aquelle que vencer delle farei uma columna no templo de meu Deus, donde não mais sairá”... Apocal., 111, 12).

A palingenesia está, pois, fixada no ensino escripturario do Christianismo, como está egualmente em todas os grandes systemas religiosos do passado. Ella foi ensinada por todos os grandes Mestres da humanidade: Rama, Krischna, Boudha, Pythagoras, Platão, pelos prophetas hebreus, por Mahomet e pelo fundador do Christianismo.

E’ esse um elemento da mais subida importancia para provar a unidade fundamental das religiões.

ALBERTO SEABRA.



D. CASMURRO

O conhecido homem de letras, dr. Antonio Piccarolo, fez, como se sabe, uma excellente tradução do *D. Casmurro*, de Machado de Assis.

Não contente com isso, acaba de extrair do mesmo romance um libreto para o drama musical que sob o assumpto compoz o maestro sr. João Gomes Junior, e que dentro em breve, deverá ser cantado em um dos nossos theatros.

Graças a uma gentileza do incançavel amigo das nossas letras, podemos offerecer hoje aos leitores da *Revista do Brasil*, em primeira mão e no original, a integra do novo trabalho do dr. Antonio Piccarolo.

ATTO PRIMO

Quadro Primo

(In casa Padua)

(Sala modesta, ma propria, all'uso brasiliano. Un canapé a sinistra, con seggioloni e seggiole impagliate. Un tavolino ad un solo piede nel mezzo della sala, un cofanetto alla parete di destra. Sul cofanetto un piccolo specchio mobile, uno di quegli specchi comuni che usano portare i rivenditori ambulanti. In fondo, da due grandi finestre si vede il giardino ricco di esuberante vegetazione tropicale illuminata dal sole mattutino. Capitú seduta d'innanzi allo specchio si scioglie i capelli per pettinarsi. Di fuori, nel giardino illuminato dal primo sole mattinale, si aggirano gli schiavi prima di uscire per recarsi ai loro lavori, a gruppi, chiacchierando fra di loro. Capitú, intanto, lentamente sciogliendosi i capelli che le fluiscono per le spalle, prende il pettine e comincia a pettinarsi.)



SCENA I

Coro di Schiavi

*Nume del cielo, vivida
Gloria del nostro suol,
Che tutto il mondo illumini
Che gioia arrechi e duol,
Fonte di vita, limpido
Sol desiato, vien
Dei vecchi sogni i palpiti
A ravvivarci in sen.*

Coro di Schiave

*Vedesti i campi — e le foreste
Lá dove liberi — scorrono i di,
Dove noi pure — vivemmo, amammo,
Prima che schiavi — ci traesser qui?
La verdeggiante — nostra capanna
Vedesti, asilo — del nostro amor,
Padri, fratelli — vedesti e i pargoli
Che ancor piangenti — ci stanno in cor!*

Schiavi e Schiave

*Oh quando domani, al ritorno
Dai flutti d'oriente irrorate
Le fulgide chiome scuotendo,
Saranno le genti chiamate
Dal tuo fulgore alla vita
Novella del prossimo di,
In noi la speranza ravviva
Che liberà un giorno fiori*

(Il coro si va perdendo in lontananza, e gli schiavi partono, chi da un lato e chi dall'altro, per recarsi ai loro lavori. Il sole intanto si é innalzato e batte in pieno ed illumina tutto il giardino. Capitú che ha continuato lentamente, a sciogliersi i capelli, sta pettinandosi, quando Bento entra lentamente, in punta di piedi, dalla porta di fondo, per sorprendere Capitú. Questa però lo vede di riflesso nello specchio e con un salto é in piedi sorridendo espansiva e gli va incontro.

SCENA II

CAPITU'

Bento, cosi di furto?

BENTO

*Fu la mamma.
Falle, mi disse, falle una sorpresa,*



*Pettinando si stá. Così qui venni,
Ma tu...*

CAPITU'

*Ma io ti vidi... ti sentii.
Non vuoi che senta degli anni miei primi
L'amico?*

BENTO

*Grazie, buona Capitú
In me tu pur, lo sai, fedele amico
Avesti sempre ed hai, ché nel mio core
Vivo di te il ricordo si mantien.*

*Quando fra i colonnati
Freddi del seminario
Nel solitario tempio,
Recitando il rosario
Alla beata Vergine
Innalzo il mio pensier,
Tra il fumo dell'incenso,
Lassú, parmi veder
Non la beata Vergine,
Ma una gentil donzella
Da gli occhi neri, pallida,
Sovranamente bella.
Ed intorno guardandomi,
E ripensando a te,
Mamma, ripeto, mamma
La vocazion... non c'è.*

CAPITU'

(con fare malizioso)

*Oh bravo il mio poeta, ma frattanto
La mia pettinatura*

BENTO

*Bella cosa!
Io pur capace son di pettinarti*

CAPITU'

Millantator

BENTO

Vuoi mettermi alla prova?

CAPITU'

Proviám



(Capitú si siede nuovamente innanzi allo specchio coi capelli sciolti e cadenti sulla spalliera della seggiola: Bento prende il pettine e comincia lentamente e con grande cura a lisciare i capelli).

CAPITU'

*Mio parrucchier,
Piano per carità...
Come leggero il pettine
Scivola fra i capelli
Miei, come la tua mano
Perita è al pettinar.
Così, così... continua
Mio buon amico, oh bravo
Mio parrucchiere, oh bravo,
Continua a pettinar.*

BENTO

*Morbidi, dolci fili
Di seta, che alla mano
Date una sensazione,
Un godimento arcano
Giammai provato, dimmi
Se pur lo provi tu,
E se lo provi, dimmi
Che è questo, Capitú?*

CAPITU'

(rapita, quasi in estasi sotto la carezza della mano e delle parole di Bento, riprende il dominio su di se stessa e con mossa rapida, intenzionale).

*Dicevi adunque che la vocazione
Non c'è; ma come tu saprai resistere
Di tua madre al voler?*

BENTO

*Oh la mia mamma
Troppo vive di me per impedire
La mia felicità.*

CAPITU'

Ma se il volesse

BENTO

Son certo nol vorrá

CAPITU'

Ma se il volesse

BENTO

Resistere saprò

CAPITU'

Giuri?

BENTO

Lo giuro

CAPITU'

(con trasporto)

Oh mia felicità...

(trattenendosi improvvisamente. Bento intanto ha finito di pettinarla e riallacciati i capelli).

*Finita è l'opra,**Bel parrucchiere, mira il tuo lavor.*

BENTO

(con ingenuità)

Alzati, Capitù.

CAPITU'

(con intenzione e civetteria)

*Nó, mira innanzi**Il tuo capolavor.*

(Capitù rovescia la testa all'indietro, sulla spalliera della seggiola, lentamente, sorretta dalle mani di Bento. Lo sguardo di Capitù fisso in quello di Bento esercita su di lui come un'attrazione, un fascino, sí che lentamente viene egli pure abbassando la testa ed accostando il suo viso a quello di Capitù. L'orchestra, intanto, ripete in sordina il motivo della pettinatura, e quando è quasi giunto alla fine, il viso di Bento è oramai vicino a quello di Capitù. Questa fa corolla delle sue labbra e Bento v'imprime il primo bacio, fervente, appassionato, estatico).

(Cala lentamente la tela).

ATTO PRIMO

Quadro Secondo

(In casa Santiago)

(Vasta sala con finestre che danno verso la via. La pittura dei muri è a ghirlande di piccoli fiori, sorrette nel becco da uccelli. Agli angoli



le quatro stagioni. Nel centro della parete di fondo il medaglione di Giulio Cesare; in quello di destra il medaglione di Augusto ed a sinistra di Nerone, ognuno con scritto sotto il nome proprio. I mobili sono in legno, ricchi ed antichi. Tavolo ovale nel mezzo della sala. Nella parete di fondo, a destra ed in alto, una nicchia con entro una Vergine illuminata da due piccole lampade ad olio, appese al soffitto. Tutto attorno alla madonna sono profusi fiori freschi. Alla parete di destra il ritratto del padre di Bento, D. Pedro de Albuquerque Santiago, ed a quella di sinistra il ritratto della madre, D. Maria da Gloria Fernandes).

SCENA I

(D. Gloria, al suo inginocchiatoio con in mano un libro di preci, sta rivolgendo alla madonna la sua preghiera mattutina).

D. GLORIA

*Donna del cielo, eletta
Fra le tue pari, stella
Del mar, che al tuo gran figlio
Madre fosti ed ancella
Tu il frutto del tuo seno
Consacrasti alla fé
Come Bentino mio
Io consacrai a te,
Infin dal primo istante
Che palpitommi in sen.
Fa che felice sia
Cospargilo di ben.
Donna del cielo, eletta,
Fra le tue pari, stella
Del mar, che al tuo gran figlio
Madre fosti ed ancella.*

(alzandosi)

*O tempo felice e ridente,
O mia primavera
Di fede e d'amor, cui successe
Precipite sera,*

(volgendosi al ritratto del marito)

*Il giorno che tu, o dolce sposo,
Volandone a Dio,
Me vedova afflitta lasciasti
In pianto e in oblio,
Solievo mio solo e conforto
In tanta sventura
D'amor dolce frutto fu Bento,
Cui volsi ogni cura,
E grata di tanta fortuna
L'offersi al Signore.*

*O sposo all'offerta bendici
Del ciel nel fulgore.*

SCENA II

(José Dias intanto è entrato inavvertito nella sala ed ha udite le ultime parole di D. Gloria sorridendo. Con fare untuoso e servile si avvanza e dice).

DIAS

*Sgannarti, o mia Signora,
Non vorrei, ma pur troppo il tuo desire
Rimarrá insoddisfatto
E nel nulla il tuo sogno andrà a finire*

D. GLORIA

(sorpresa)

Che dici?

DIAS

*E' verità.
Bento a servire Iddio nato non è.
A ben altro ha rivolta
La mente, credi pur sulla mia fé.*

D. GLORIA

Ma come mai ciò avvenne? Parla?...

DIAS

*Spesso sull'imbrunire
Nei canti piu' remoti
Della casa li vidi,
Lungi dal mondo, ignoti,
Nel fitto del giardino,
Tra gli alberi piu' folti,
D'ogni sguardo tementi
E di sospetto avvolti,
Stringersi l'uno a l'altro
Piu' che il ciel non prescriva,
Né lui mostrar rimorso,
Né lei mostrarsi schiva,
Né in ambi alcun sospetto
Di offender la vertu'...*

D. GLORIA

Ma di chi parli, dimmi?

DIAS

Di Bento e Capitá.

D. GLORIA

(desolata)

*Oh sventura, tremenda sventura
 Che al mio core s'abbatte e lo strazia;
 Oh sventura che ognor mi persegue
 Né giammai di colpirmi si sazia,
 Perché, o Dio, mi metti a tal prova,
 Perché tanto dilanii il mio petto?
 Tutta a te dedicai la mia vita,
 A te intero rivolsi il mio affetto.
 A te il figlio donai; ei spergiura
 Or mi rende. Per l'anima mia
 Tu dal Padre perdono m'implora,
 O dolcissima Vergin Maria.*

DIAS

*O santissima donna, in Lei fida
 E in tuo aiuto la Vergin verrá.*

D. GLORIA

(si rivolge con slancio verso l'immagine della Vergine e cade su l'inginocchiatoio in atto di preghiera).

*Vergine santa, che di sol vestita
 Nell'alma luce del Padre e del Figlio
 Eterna ridi, sulla via smarrita
 Bento mio riconduci e dal periglio
 Che a lui sovrasta tu lo rassicura
 Colla tua grazia, col tuo buon consiglio*

DIAS

Madre, a Bento in cor sta ben altra cura.

D. GLORIA

*O Vergine di stelle incoronata,
 Cui ride la bontá del figlio eterno,
 Che la vista di Dio rende beata,
 Se Bento mio del voto materno
 La fé calpesta in passione acerba
 Cieco sfidando i triboli d'inferno,
 A me infelice il ciel qual sorte serba?*



(D. Gloria rimane estatica a guardare la Madonna della nicchia. Questa viene lentamente illuminandosi, sino a che la luce potente e diffusa crea attorno ad essa una vasta aureola. Di lontano giungono voci celesti che dolcemente cantano):

*Il dolor che il cor ti punge
Al ciel giunge
E al Signor in tuo favore
Parla e dice il grande affetto
Che al diletto
Tuo Bentino porti in core.
E pur dice che la fede
Sempre riede
Trionfante nel tuo seno,
Luminosa, iridescente,
Risplendente
Come in ciel arco baleno.
Fede e amor che in cor sincero,
Veritiero
Merto son quassu' nel cielo,
Dove il merto è giudicato
E pesato
Senza nube e senza velo.
E il gran Padre del creato
Ogni nato
Sorreggendo del consiglio
Suo paterno, a te rivolto
Dice: sciolto
Sia il voto di tuo figlio.*

(D. Gloria che era andata seguendo il canto con attenzione ed interesse crescente, alle ultime parole si sente come trasportata, trasfigurata, e con esplosione voltandosi a Dias):

*Ma sarà dunque vero? Bento mio
Dal voto sollevato?... Il ciel parló,*

BENTO

(si affaccia alla porta, titubante, timido; quando vede la madre sorridergli, si rinfranca).

Perdona, madre, Il ciel ti disse il ver.

D. GLORIA

*Ad ambedue il cielo perdona, già mel disse
Per bocca della Vergine che di lassu' sorride,
E del suo celestiale coro che benedisse
Al tuo... al nostro avvenir.
Ma la tua fidanzata, essa pur chiama*



CAPITU'

(entrando di botto)

*Eccomi, mamma. Questo
Dolce nome che sempre
Ti diedi, or doppiamente
Ti do.*

(Si butta nelle braccia di D. Gloria. Dopo un lungo, intenso abbraccio le due donne si sciolgono, continuando però a tenersi per mano. Bento e Dias da un lato stanno parlando

(Quartetto)

D. GLORIA
(a Capitú)

*A te il figlio mio confido
Mia vita, mio amor,
Mio solo conforto,
Solievo nei giorni di gioia e dolor.
L'amor che nell'occhio scintilla
Fiducia mi dá
Che uniti vivrete
Bei giorni sorrisi d'amor, di bontá.*

CAPITU'
(a D. Gloria)

*In me e nel tuo Bento confida,
O madre; al dolor
Solievo daremo
Che muto e incessante travagliati il cor
O madre, l'amor di tuo figlio
Felice mi fá,
Mia vita conforta
E sparge di fiori, d'amor, di bontá.*

BENTO

(a Dias)

*In fin, dopo tanto aspettare,
In ansia e in timor,
Il giorno desiato
Risplende di vivida luce al mio cor.
E sempre di questo momento
In me resterà
Il lieto ricordo,
Insiem col ricordo di tua bontá.*

DIAS

(a Bento)

*Nell'opera mia riconosci
 Il buon servitor
 Che sempre sostegno
 Ti fu nella gioia, ti fu nel dolor.
 E allor che l'età in questa casa
 Signor ti farà,
 Allora conforto
 Io pur cercherò nella tua bontà.*

(Quando finisce il canto si affaccia lentamente alla porta di fondo Escobar. Bento al vederlo gli si slancia incontro, lo abbraccia e lo presenta alle donne).

BENTO.

*O mamma, o Capitù, completa
 Ecco la mia felicità.
 L'amico piu' caro e fedele
 De' tristi e solinghi miei di
 A voi lo presento: Escobar.*

(Escobar stringe la mano con molto rispetto prima a D. Gloria e poi a Capitù. Bento intanto sfavillante di gioia canta).

BENTO

*La mia gioia, il mio contento
 Piu' confini ormai non ha
 Tutto il mondo mi sorride,
 Canta in cor felicità
 Una madre che di santa
 Fra le sante il regno tien,
 Una sposa dolce, amata
 Che al mio cor tutta appartien,
 E un amico, che campione
 Può chiamarsi di bontà,
 Tutto, tutto m'assicura
 La piu' gran felicità.*

D. GLORIA, CAPITU', ESCOBAR e DIAS

*Tutto, tutto t'assicura
 La piu' gran felicità.*

FINE DEL PRIMO ATTO.



ATTO SECONDO

(Notte d'estate. Giardino di casa Santiago, a Botafogo, in vista della Baia di Rio de Janeiro, tutto illuminato. Sotto un pergolato, da una parte della scena, una tavola sfarzosamente imbandita, attorno alla quale stanno, in piedi, numerosi invitati, intervenuti in casa Santiago per festeggiare il sesto anniversario della nascita di Ezechiele, unico figlio di Bento e Capitú. Fra questi invitati trovansi Escobar, José Dias e D. Gloria. All'alzarsi del sipario i convitati stanno coi bicchieri alla mano bevendo alla salute di Ezechiele e dei suoi genitori.

SCENA I

DIAS

*A te, felice
E avventurato
Bambin cui lieto
Sorridente il fato
Sul primo aprirsi
Di verde età
Noi desiamo
Felicità
Ed a te, lieto
E avventuroso
Di sì bel pargolo
Padre amoroso,
E alla tua buona
Dolce consorte
Sempre sorridente
Benigna sorte.*

CORO DI INVITATI

*Beviam, beviam. Del pargolo
Beviamo all'avvenir.*

ESCOBAR

*Bento, mio dolce amico,
Signora Capitú,
Campion dell'amicizia,
Esempio di virtù,
A voi gradito giunga
L'augurio mio sincero;
Che il figlio vostro cresca
Bello, robusto, fiero*

attirando a sé con affetto il bambino che gli sta dappresso e stringendolo fra le braccia).

*E a te, caro Ezechiele
A te, figlio diletto,*

*I miei piu' caldi auguri,
Il piu' sincero affetto.*

(alle parole "figlio diletto" Capitú non può reprimere un movimento, che viene osservato da Bento, il quale ne rimane profondamente scosso e pensieroso. Lo stesso avviene di D. Gloria, che dal principio sta osservando Escobar e Capitú. Il coro intanto canta):

CORO

*Beviam, beviam. Del pargolo
Beviamo all'avvenir.*

(La festa e l'allegria continuano fra gli invitati. L'orchestra accenna a motivi di danza; alcuni invitati ballano fra le aiuole del giardino. Dalla baia vengono spunti di canzoni popolari.)

CORO

(dalla baia)

*Giá da tempo il sole é spento
E la luna imbianca il mar,
Tra le foglie delle palme
S'ode il vento sussurrar.
Nel profondo ciel le stelle
Sol si vedon luccicar,
Dorme il bosco co' suoi canti,
Dorme il monte, dorme il mar.
Ma il silenzio ovunque parla
De la notte al muto suon,
Su nel cielo, giú nel mare
Ogni voce é una canzon.*

UN INVITATO

(guardando verso la baia)

*Incantevol soggiorno,
Lembo di paradiso*

ALTRO INVITATO

(come sopra)

*Ove la vita scorre
Lieve come un sorriso.*

D. GLORIA

(sola e triste)

Ove il sospetto addenta



*Le carni ed arrovella
L'animo.*

ESCOBAR

(di dietro un'aiuola di rose, credendosi inosservato e mirando Capitú).

*Come sei
Superbamente bella!*

D. GLORIA

(che ha visto da lontano l'atto di Escobar e che ha indovinate le parole).

*Bento mio buono, troppo
Di te scempio si fa.
L'amore, l'amicizia,
L'onore, la bontá.
Che sono mai? Oh meglio,
Meglio di qui lontano
Viver solinga, lungi
Da questo tetto insano.*

(rivolgendosi a Bento)

*Bento, io mi ritiro.
Al capo un improvviso
Malor mi colse ed io turbar non voglio
Il vostro lieto riso
Addio...*

(saluta con molta freddezza Capitú e fa un cenno del capo agli altri invitati).

BENTO

*Accompagnare
Ti vo sino all'uscita.*

(esce colla madre, tenendo Ezechiele per mano).

SCENA II

CAPITU'

(che era rimasta alquanto abbattuta dall'improvvisa partenza di D. Gloria e dal suo freddo saluto, si rialza subito e volgendosi agli altri invitati):

*Cosa da nulla. La mia buona mamma
Da tempo a tai dolor soggetta va,*

*Ed ora ognun di voi liberamente
Qui si può divertir.*

(riprendono le musiche ed i canti; i convitati si spargono nel giardino. Capitú, dopo alquanto vagare quá e lá per distrarre da se l'attenzione, va a raggiungere Escobar che trovasi ancora solo, dietro l'aiuola di rose).

SCENA III

ESCOBAR

(solo, meditabondo, accigliato).

*Guardati, Escobar, dentro a lo specchio
De la coscienza tua. Che rimane
Di te, de' tuoi propositi
Di forza e di virtu'? Tutto é scomparso.
Altro piu' non riman che la miseria
Morale, l'abbiezione, la viltá
E il turpe tradimento... Ah no, rimane
Di Capitú l'amor... Ma veramente
M'amerá questa donna? Il freddo gelo
Giammai mi riuscì trarle dal core;
Ed io per lei tutto tradii: la fede
E l'amistá.*

CAPITU'

(che avvicinandosi ha udite le ultime parole di Escobar).

E questo or tu rimpiangi?

ESCOBAR

*Perdona, Capitú, sono momenti
In cui m'assale la tristezza e il duolo
Mi vince. Ma il tuo sguardo solo basta
A dissipar*

CAPITU'

*O non é questa pure
Un'illusion?*

ESCOBAR

*Tel giuro, no, non é.
Dal primo di che innanzi
Qual fata m'apparisti
E nel tuo sguardo arcano
Tesori mai non visti
Io scorzi di bellezza*

*Che mi parlaro al cor,
 Quel di tutto rapito
 Rimasi del tuo amor.*

*Di Bento l'amicizia
 Scordai, scordai la fé
 La dignitá, l'onore,
 E vissi sol per te.*

CAPITU'

*Dal di che la tua voce
 Nel cor mi risonó
 Ed alla mente e ai sensi
 Forte d'amor parió,
 Ed i segreti palpiti,
 L'ansie, l'eterne attese,
 Le gioie subitancee,
 Gli sconforti m'apprese,
 Di te sol vissi amandoti
 Come il supremo ben,
 La tua virile imagine
 Scaldando entro il mio sen.
 O dolcezze passate, memorie
 D'un amor, che confini non ha,
 Che a la vita sará eterno gaudio,
 E a la tomba con noi scenderá.*

ESCOBAR

*Nostro amore, rimorso e dolcezza,
 Cupo inferno, sorriso del ciel,
 Che or di fiele amareggi il cammino
 E or la vita cospargi di miel.*

A DUE

*L'avvenire a te solo affidiamo,
 Ogni speme in te solo poniamo.*

CAPITU'

(riavendosi per la prima)

*Ma giova separarci. Presto Bento
 Di ritorno sará.*

ESCOBAR

*Quel nome... quella lama giu' nel core
 Sempre mi vibra, e quasi odio ne sento.*

CAPITU'

Ma pure egli é tuo amico

ESCOBAR

(con orrore)

*No, non dire..**Piuttosto, dimmi, quando rivederti
Potró?*

CAPITU'

*Doman, sul far dell'alba, Bento
Andrá per la consueta cavalcata,
Io qui ti attendo...*

ESCOBAR

*Fra poche ore, adunque,
Che io affretto nel pensier.
Sui flutti inargentati
Fra poco a te nuotando
Io ne verró, siccome
Ad Ero iva Leandro*

CAPITU'

*Ed io dai lini candidi
Sorgendo, fra breve ora
Verró, siccome rorida
E risplendente aurora.*

BENTO

(che é ritornato ed ha udite le ultime parole, pallido, tremante).

*Ed io saró il rimorso
Che v'addenterá il core
Cambiando il riso in pianto
Ed in odio l'amore.*

(Capitú ed Escobar con una furtiva stretta di mano ed uno sguardo, che sono tutta una promessa d'amore, si separano, convinti di non essere stati osservati, e si confondono fra i convitati. La festa continua. Dopo qualche tempo i convitati cominciano a congedarsi).

PRIMO INVITATO

(a Bento)

*Tarda é la notte e poco manca al di;
Io me ne vó, gli auguri rinnovando:
A voi, alla signora, al vostro bimbo
Felicítá.*

SECONDO INVITATO

Felicitá a voi tutti.

ESCOBAR

*Io pure, Bento, affaticato son
E me ne vado.*

(porgendogli la mano che Bento prende con molta freddezza. Rivolgendosi poscia a Capitú che si é fatta d'appresso e sta salutando gli ospiti in partenza).

*Signora Capitú,
A lei ed al diletto
Figlio, il piu' caldo augurio
Sbocciato dal mio petto.*

(Gli invitati continuano uno ad uno a congedarsi dai padroni di casa, stringendo loro la mano, intanto che in coro cantano):

*Ai coniugi beati
E al loro cmato figlio
Desiam felicitá.*

(a poco a poco la scena si fa deserta. Rimangono soli i due coniugi. Bento é pensieroso e distratto. Capitú di sottocchio lo sta osservando. Dopo qualche tempo):

CAPITU'

*Non ti par ora, o Bento, che noi pure
Andiamo a riposar? já il di é vicino.*

BENTO

(di soprassalto)

Ed all'aurora qui...

(trattenendosi)

*Cioé, alla spiaggia
La cavalcata solita vó far.*

(Essi pure si ritirano e la scena si fa deserta del tutto. I servi si avanzano, spengono i lumi e tutto cade nell'oscurità. L'orchestra lieve, sottovoce, oscura, dopo qualche tempo riprende il motivo della luce del primo atto, intanto che in cielo, dall'oriente, i primi albori cominciano a dissipare le tenebre. Dalla parte della casa, cauto e sospettoso si avanza Bento, appiattandosi dietro un cespuglio del giardino, lo stesso presso al quale Escobar e Capitú avevano tenuto poco prima il loro dialogo).



BENTO

(guardando la casa)

*Dorme forse Ero e di Leandro sogna,
O già s'appresta rorida ad uscir
Dai lini candidi...*

(volgendosi verso il mare)

*Forse Leandro
L'ira del mar ad affrontar s'appresta.*

(trattenendosi improvvisamente, colto da un pensiero).

Se di Leandro ti cogliesse il fato!

(arrestandosi di nuovo, pentito, quasi inorridito).

*E non sarà un inganno? E se tradito
Il sospetto m'avesse, ed oltre il vero
Le lor parole interpretando, ingiusto
Contro l'amore e contro l'amicizia
Io fossi...*

*Una fanciulla candida
Come un bel giglio in fior
Fin dai suoi giorni teneri
Tutto mi dié il suo amor.*

*E del suo core i palpiti
Vibraro nel mio cor
Mentre il suo sguardo languido
Giurava eterno amor.*

*Il fior dell'amicizia
M'apparve in Escobar
E da quel giorno incognito
Per me fu il dubitar.
Ma pur dentro al cor mi martella
Il dubbio, il sospetto
M'assale e com'onda di fuoco
Divorami il petto.
Io stesso li udii, qui d'appresso
Or sono poche ore
Parlare un furtivo linguaggio
Di colpa e d'amore.*

(Intanto s'è fatto piu' chiaro. L'alba si é cambiata in aurora, la luce mostra in tutta la sua bellezza la vegetazione tropicale del giardino, e la baia, che si presenta alquanto agitata. Bento continua il soliloquio).

*E il dubbio ancor t'assal, povero Bento,
Cui, piu' del mare procelloso, il core
In gran tempesta batte e si distrugge!
Non piu'. L'ora del dubbio sia finita*

*Nel debil core e solo alla vendetta
Aperto sia il cammin.*

*Vendetta contro
L'amor tradito e l'amistá calpesta,
Vendetta contro il figlio della colpa;
Tutti, provino tutti il mio furor.*

(si arresta, guarda la casa, guarda il mare).

Ma ancora non sorge Ero?

E di Leandro

Traccia nel mare ancora non appar?

(guardando fiso al mare)

*Eccolo che s'avanza... Piu' furente
L'onda contro di lui s'abbatte, quasi
Conscia del suo delitto... Già lo stringe...
Già i moti ne impedisce... già l'affoga...
Scomparso egli é...*

(sta alquanto sospeso, poi si da a correre verso la casa gridando).

*Aiuto, aiuto! Dall'onde travoltó
Un uomo in mar caduto sta affogando.*

(accorrono i servi uscendo dalla casa e si slanciano verso il mare. Capitú agitata, nervosa, tremante, continua a far capolino dalla porta di casa e non osa avanzarsi. I servi intanto si sono slanciati nelle acque e dopo pochi minuti ne traggono il cadavere di Escobar, che distendono sul terreno. Bento dopo averlo alquanto guardato si volta, vede sull'entrata della casa Capitú che da lontano sta osservando, pallida, disfatta. Si reca verso di lei, la prende per mano e, vincendone la riluttanza, la trascina presso il cadavere).

Ecco Leandro. Di quale Ero é vittima?

(Capitú che con sforzo supremo sino a questo punto erasi dominata, alle parole di Bento getta un alto grido e cade in ginocchio presso il morto. Bento s'allontana lentamente. Cala la tela).

FINE DEL SECONDO ATTO

ATTO TERZO

(Sono le prime ore del mattino. Studio di Bento. Da un lato, a destra, il tavolo di lavoro, con sopra, aperti, alcuni libri di diritto, innanzi al tavolo una grande poltrona ricoperta di cuoio, a borchie. A destra un canapé elegantemente imbottito e ricoperto pure di cuoio; a sinistra un piccolo tavolo ed una finestra. In fondo, nel mezzo, l'entrata; ai due lati dell'entrata scaffali con libri).



SCENA I

(Il sipario é calato. L'orchestra ricorda; ricorda i giorni infantili e gli innocenti giuochi di Bento e Capitú, ricorda gli schiavi e le loro canzoni, ricorda le ansie materne, la gioia del sapersi libera dal voto, la gioia che tutti si ripromettono dall'unione di Bento e Capitú, ed all'improvviso cade nel dolore e nella disperazione. A questo punto si alza il sipario. Bento sprofondato nella sua poltrona, disfatto, come chi ha passata la notte insonne, straziato dal dolore, coi capelli e cogli abiti in disordine, medita, colla fronte appoggiata nel palmo della mano. Finalmente alzando il capo).

BENTO

*La morte, il nulla. Questo sol mi resta
Nella sventura che travolto m'ha.
La morte il nulla! Nel fiorir degli anni,
Quando batte piu' rapida la vita
Della gioia alla porta, nel desio
Incessante di vivere e godere
La un di promessami felicitá...*

(in orchestra ritorna il motivo col quale si chiude il primo atto e di lontano si ode il quartetto):

*Tutto, tutto t'assicura
La piu' gran felicitá.*

(Bento rimane qualche momento sospeso, perplesso, rapito in questi ricordi, poi si scuote).

*Dolci ricordi che al mio cor parlate,
Quest'ultim'ora di felicitá.
E d'illusione datemi, l'estrema
Forza, come a colui che abbandonare
Questo mondo s'appresta.*

*Bella come un fior di maggio
Capitú sotto il mio sguardo
Anelante di piacer
Crebbe al tepido miraggio
D'una gioia che giammai
Mi fia dato riveder.*

*Dolci baci profumati,
Languidissime carezze
Dell'amor di Capitú,
Sogni candidi, beati
Rapimenti, estasi rare.
Che rimane? Tutto fu!*

*E l'amicizia fu che dai primi anni
Nel chiostro, a l'ombra delle sacre tende,
Sbocció e nel cor gettó le sue radici.
L'amore e l'amicizia un di si strinsero
Contro di me ed il mio cammin cosparsero
Di sale, e la mia bocca dissetarono*

*Col fiele, e nel mio core conficcarono
Del tradimento e disonor la lancia.*

*Ed io sino all'ultima
Goccia bevvi il licor
Dell'infinito strazio
Che mi trafisse il cor
Ma il petto imperturbabile
All'odio sempre fu,
E sempre, sempre vinsemi
L'amor di Capitú.*

UN SERVO

Signore, ecco il caffè.

(pone sul tavolo un vassoio con una tazza di caffè. In orchestra intanto lievemente ritorna il ricordo di Capitú e dell'amore. Dapprincipio Bento ne é quasi rapito, ma subito si scuote, si vince e riprende il dominio su se stesso).

BENTO

*Oh ironia della sorte. Ancora
Ne l'alma amore ed amicizia cantano
Di fronte al turpe tradimento. Via,
Sù forte, Bento, almeno all'ora estrema.*

(prende da un cassetto del tavolo una piccola fiala contenente veleno. La guarda).

*Ecco la mia salvezza. Da te solo
Posso la pace attendere, o veleno*

(versa alcune gocce del contenuto nel caffè che poscia agita col cucchiaino. Porta la tazza alle labbra, ma al suo contatto s'arresta).

*Ma posso e debbo io sol morir, l'offeso,
E la spergitura alla felicità
Lasciare d'altre colpe e d'altri amplessi?
No, l'odio e la vendetta assaporare
Io vó.*

*L'odio, soltanto l'odio
Dentro al mio petto deve albergar
Solo de la vendetta
Lo spirito intorno sento aleggiar.
Cada su la spergitura,
Che l'amor mio d'impuro amor
Pagó, terribile cada
De la vendetta mia il furor.
Vendetta! Come dolce al core canta
Questa parola. Di tutto un passato
Il ricordo solo essa può lavar*

(rimane alquanto pensoso).



*Ma al core mio dilaniato, pace
Arrecherà? Dará almeno l'oblio?
Della rovina attorno a me cosparsa
Potrá dal petto cancellar l'immagine?
In questo avido cuore che ogni fede
Ha visto scomparire e sol nel male
Crede e nella vendetta, di speranza
Un lieto raggio ancor risplenderá?*

SCENA II

EZECHIELE

(entra tutto giulivo e corre ad abbracciare le ginocchia di Bento, gridando):

Papá, papá!

BENTO

(allontanando il bambino con atto d'orrore disperato).

*Ecco qui il testimone dell'offesa
E del mio dishon... Ma se pur ora
Da lui la mia vendetta incominciasse?*

(Guarda la tazza col veleno, guarda il bambino che é rimasto interdetto, spaurito. Gli si accosta con dolcezza).

Caro Ezechiele, già il caffè prendesti?

EZECHIELE

(parlando)

Si, padre mio.

BENTO

*Pure un'altra tazza
Prenderne puoi ora con me...*

(Mostrandosi Ezechiele incerto, Bento lo trae a se, prende la tazza dal vassoio e gliela accosta alle labbra).

Su, bevi!

(mentre Ezechiele sta per bere Bento preso da un rimorso scaglia lungi la tazza, respinge il bambino, che a questo scatto si ritrae spaventato in un angolo dello studio).



*No, non è su di te che la vendetta
Deve piombar, inconscia creatura,
Né del peccato altrui devi la pena
Scontar. L'adultera, solo l'adultera
Del male sua risponda.*

SCENA III

CAPITU'

(Vestita di nero, col cappello, entra, pallida, ma sicura e sempre padrona di se. Si ferma appena entrata e, dopo averlo guardato alquanto silenziosamente, si rivolge a Bento).

*Si, spiegarti
Oramai devi, e del contegno strano
A che attribuir si debba la ragione
Apertamente dirmi.*

BENTO

(con grido iroso e straziato)

*Ah è troppo!
L'audacia sfacciata e impudente
Dipinta sul viso ti sta.
E un'ira nel petto m'accende
Che omai piu' confini non ha.
L'amore che a te ho consacrato
Calpesto hai col tuo disonor,
O perfida sfinge, che spargi
Ovunque il sospetto e il dolor.*

CAPITU'

(Nell'interno profondamente travagliata, mantenendosi però con apparente sforzo, calma ed altera).

*Non finite anco le tue gelosie
Sono? Ma nulla a te, nulla il passato
Dice?*

(Vedendo Bento restare impassibile, riprende, in aria di supplica e di affettuoso rimprovero assieme).

*Che valse la fede tant'anni
Nel petto scaldata, la speme
Riposta nel solo tuo amor?
Ma al cor, ma alla mente sol parla
Nell'ira che i lumi t'acceca
Sol parla e ti guida il furor?
No, Bento, del nostro passato
Immemore farti non puoi,*



*Dei giorni felici l'amor
Ricorda, la speme e la gioia
Comune, e svanir nel tuo petto
Vedrai, come nube, il furor.*

(Vedendo Bento restare immobile, impassibile).

Dunque fra noi tutto é finito?

BENTO

(con fermezza)

Si!

CAPITU'

Per sempre?

BENTO

(con fermezza)

Si!

CAPITU'

Senza speranza

BENTO

(con fermezza)

Si!

CAPITU'

*E dell'odierna gelosia, dimmi,
Qual é l'oggetto?*

BENTO

(con uno scatto)

E ancor mel chiedi? Ed osi?

(Prendendo Ezechiele per mano e trascinandolo innanzi a Capitu').

*Lo specchio del peccato eccoti innanzi.
Mira Escobar.*

CAPITULO

(colpita, riavendosi subito).

*Neanche la morte, adunque,
Rispetta la tua folle gelosia?
Per tanta infamia spiegazion non ho.*

(Prende il bambino per mano ed imperturbata, altera, senza das segno di commozione, quando sta per uscire, si volta):

Ai tuoi sospetti t'abbandono... Addio.

BENTO

(Vedendo chiudersi la porta fa per slanciarsi e trattenere Capitulo; ma si arresta con sforzo supremo e grida verso la scomparsa):

Infame!

(Ripiegandosi abbattuto su se stesso)

Vile!

(pausa)

*Ed or de l'amicizia
E de l'amore vittima incompresa,
Solingo in questa tomba di viventi
Silenzioso vivró nel mio dolor!*

(Cade e si sprofonda nella poltrona, sfinito e nel piu' completo abbandono. Cala la tela).

FINE



RESENHA DO MEZ

CAMPANHA NACIONALISTA

Não ha duas opiniões sobre a campanha nacionalista que se faz, neste momento, em quasi todo o Brasil. E' geral a convicção ou, pelo menos, o sentimento de que ella responde a uma necessidade incoercível.

Variam as opiniões, apenas no que toca aos aspectos dessa campanha. Para uns o empenho do paiz, nesta hora, deve ser o aperfeiçoamento do seu aparelho militar; para outros, a diffusão do ensino; para alguns, a remodelação do pacto constitucional; para diversos, a protecção dos sertanejos e para um ou dois a... decompostura nos que cogitam destas coisas.

Essa variedade de opiniões explicar-se-ia perfeitamente pelo amor á disputa verbal que caracteriza o brasileiro se já não estivesse satisfactoriamente explicada pela grave complexidade do problema.

A questão do nacionalismo não estará resolvida, com effeito, no dia em que resolvido ficar qualquer dos aspectos por que ella se apresenta. A solução integral só a teremos quando a todos os problemas parciais houver sido dada a solução especial que cada um reclama.

A variedade de opiniões não é porém um symptoma de anarchia mental. A anarchia mental só se denuncia quando cada opinião, sem força para vencer sósinha, em vez de aguardar tranquilla a sua hora,

procura embaraçar a marcha das outras.

Ainda não chegamos a esta situação perigosa. Temos receio, porém, de que, se não abriremos os olhos, a ella, dentro em breve, chegaremos. Algumas nuvens já apontam no ceu claro e um ou outro raio já põe no horizonte, aqui e alli, um traço de fogo.

Urge que os homens superiores que orientam o paiz com a palavra e com a acção, especialmente os que tem uma influencia directa no espirito da mocidade, coordenem os esforços e, em vez de provocar hesitações e duvidas com as divergencias de opinião, tirem dessas divergencias o melhor argumento para demonstrar a necessidade em que cada um de nós está de empregar as energias, sem desfallecimentos ou em contemporisações, no combate commum. Ninguem deve menoscabar da acção e da opinião do visinho para impôr a propria. O problema divide-se em varias partes e cada parte exige, pela sua natureza e pelo seu feitio, obreiros especiaes.

O dever de cada um é tratar da parte que eleger sem perturbar os que elegeram partes diversas. Com um raio só ou com os raios fóra das cambas, não ha ródá que se mova com efficacia e duração.

Os que assim não pensam, e entre elles, infelizmente, appareceram, ha pouco, alguns varões de vulto e peso, commettem um erro tremendo. Sacrificam a floresta á arvore e para levantar uma parede ameaçam deitar abaixo o edificio inteiro.

*
* * *

Realizou-se, ha dias, no Campo de S. Christovam, no Rio, a cerimonia do compromisso dos voluntarios de manobras. Por essa occasião, o sr. dr. Pedro Lessa pronunciou, em nome da Liga de Defesa Nacional, um discurso que, pela nobreza de idéas e pela autoridade moral do orador, merece ficar archivado nas paginas desta Revista. E' o seguinte:

"Meus jovens compatriotas — A vossa presença neste logar, e neste momento, para prestardes o mais nobilitante, o mais generoso e o mais solenne dos juramentos, o de dar o sangue e a vida em defesa da patria, symbolisa uma profunda conversão dos nossos ideaes e dos nossos habitos, e o advento de uma era de patriotismo. Da indifferença, ou (porque não hei de dizel-o?) da aversão com que se via entre nós o serviço militar, que debalde se tentava mais de uma vez implantar no Brasil, com a generalidade e com a obrigatoriedade que lhe são essenciaes, passamos quasi de improviso a querel-o e amal-o com sincero enthusiasmo. São innumerados este anno os jovens brasileiros, que, com o mais espontaneo e patriótico ardor, se têm offerecido para o serviço das armas.

Esta phase actual, e tão intimativa, do mundo, a reflexão sobre o que nos depara o velho continente, e uma eloquente propaganda iniciada por um dos nossos mais insignes homens de letras, Olavo Bilac, explicam essa rapida mutação de idéas e de sentimentos.

Nem a época é de extranhar as mais inesperadas e completas transformações. Vêde o que se passa nos principaes paizes da Europa. Nações que eram acoimadas de fracas, decadentes, de raça inferior, sem ordem, sem disciplina, proprias unicamente para as leves manifestações do espirito, incapazes de um grande esforço heroico, destinadas a nunca resistir victoriosamente a outras de melhor sangue, mais disciplinadas e cohesas, de um momen-

to para o outro, sob o agulhão da mais premente e da mais tremenda necessidade, se transformarem maravilhosamente; revelaram de modo claro e irrefragavel que todo o perigo que correram, foi devido exclusivamente á sua falta de preparo, resultante da negligencia ou da excessiva confiança, e não a caracteres anthropologicos, ou a caracteres fixos de raças ou sub-raças. Tiveram na guerra o seu Thabor; e hoje se apresentam ao mundo tão unidas, tão ordeiras, tão disciplinadas e respeitadoras das autoridades, com tanta energia physica e moral, com tanto poder industrial e scientifico, e com tanto heroismo como as que se reputavam de uma fibra superior, e por isso incomparavelmente fortes, e invenciveis.

Todo esse extraordinario espectaculo, meus jovens compatriotas, patenteia, como uma vasta e majestosa lição de coisas, quão poderosamente influem na vida das sociedades as idéas e os sentimentos; que estupendas e imprevistas modificações é capaz de produzir a convicção, a comprehensão da realidade, a nitida percepção das necessidades individuaes e collectivas; consequentemente o grande valor da educação, do ensino, da divulgação de idéas verdadeiras, justas e uteis; e que alto poder têm as classes instruidas pela irradiação do pensamento para alterar as correntes sociais, melhorando a vida das nações.

Representae neste momento esse magnifico reviramento de opinião, amplo e complexo, que se está realisando em nosso paiz, e que não comprehende sómente o preparo militar, que com a justiça constituem as duas necessidades fundamentaes de um Estado. Abrange tambem a nossa vida economica, financeira e social. Para vel-o basta attentar no surto imprevisto e soberbo, que teve em pouco mais de um anno a exportação dos productos da nossa industria pastoril, e no incremento que por toda a parte se procura dar a esse novo e excellent elemento da nossa riqueza, pensando-se já em evitar os inconvenientes de

uma rapida e desusada expansão da nascente exploração industrial.

E' esse mesmo espirito de renovação, é esse mesmo resurgimento de actividade patriotica, que aqui congrega neste instante tantas centenas de jovens dos mais distinctos do Brasil, já preparados para as manobras militares, promptos para o serviço da defesa nacional, e dentro em pouco incorporados a essa reserva, de que hão de sahir, quando fôr necessario, os nobres e heroicos defensores do nome, da integridade e da prosperidade da patria.

Não deis ouvidos meus jovens compatriotas, não deis nunca ouvidos a esses impostores, que, talvez para inculcarem a propria e não demonstrada superioridade, vivem a propalar a incapacidade dos brasileiros para o progresso e para a civilisação, porque descendem de raças inferiores, e condemnadas a estereis agitações, a irremediavel estacionamento, ou mesmo á retrogradação e á extincção.

Para os que conhecem a nossa historia, nada se pôde imaginar mais falso. Na paz e na guerra temos tido periodos de inexcédível brilho, de exemplar liberdade e de rara moralidade administrativa, que devem encher-nos do mais justificado orgulho. Para refutar triumphantemente esse mixto de preconceito e de aleive, é sufficiente relembraer alguns factos da nossa historia, e dentre estas duas notaveis e gloriosas campanhas, que nunca deveremos cessar de engrandecer, porque nunca serão demasiadamente celebradas. De 1624 a 1654, isto é, durante trinta annos, travámos as mais renhidas e continuas lutas com um povo laborioso e denodado, que justamente no seculo XVII teve o seu apogeo nos fastos da humanidade, chegando a ser nos mares o rival da França e da Inglaterra. Refiro-me a nossa interminavel guerra com os holandezes, que afinal rechassámos completamente, varrendo-os para sempre do territorio nacional. Nessa famosa guerra, em que revelámos todas as qualidades das raças superiores, a energia physica

e moral, a bravura, o espirito de continuidade, a tenacidade, a resistencia aos mais demorados soffrimentos, tivemos uma prova admiravel do valor da raça dos descobridores e colonisadores do nosso territorio em Mathias de Albuquerque, Luiz Barbalho, Vidal de Negreiros, como da indigena representada por Camarão e da negra por Henrique Dias e seu famoso regimento, e nos bravos soldados que commandaram esses chefes gloriosos.

Mais de dois seculos depois fomos provocados para a maior guerra internacional da America do Sul, e sustentámol-a com raro valor e galhardia durante cinco longos annos. Posto que nenhuma das guerras antecedentes seja comparavel á immensa tragedia satanica de que ora é theatro a Europa, foi necessario que irrompesse esta medonha conflagração, que aos proprios estrangeiros que a contemplam de longe, e muito vaga e conjecturalmente enche de pavor, fadiga e abate o animo, pela prolongada duração e fecundidade em martyrios infernaes, para que púdessemos ajuizar com exactidão da resistencia moral e physica, da tenacidade e dos superiores predicados de caracter, que exige uma luta assim diuturna. Durante cinco infindaveis annos, ininterruptamente, se succederam no Brasil os sacrificios de homens e de riquezas, sem um só instante de desfallecimento, de falta de fé, de fraqueza physica ou moral, de solução de continuidade, no poder de soffrimento e de sujeição a provações. Já então bem adiantada estava a obra de caldeamento dos elementos ethnographicos, de que vae resultando o nosso povo; e, entretanto, o vigor, a coragem, a tenacidade, a bravura, foram os mesmos das nossas lutas contra as invasões neerlandezas.

Na paz, durante os quatro ultimos decennios do Imperio, isto é, depois que nos deixámos de esteis movimentos revolucionarios, de inuteis agitações para alterar preceitos constitucionaes, ou para obter pelas armas novas leis, ou a revogação das existentes, o nosso pro-



gresso em toda a America, com excepção exclusivamente dos Estados Unidos e do Canadá, foi, como o proclamou o barão do Rio Branco na sua synthese da "Historia do Brasil" em 1889, o mais firme e o mais rapido. Ninguem nesse periodo competiu conosco em toda a America latina.

O que é necessario, meus jovens compatriotas, e acima de tudo, é inculcar no espirito de todos os nossos concidadãos, e especialmente na intelligencia da infancia e dos adolescentes, que nós queremos e podemos começar uma vida nova, de trabalho continuo, disciplinado e dirigido por aptidões technicas, de liberdade sem excessos, de calma e cessação de criminosas ambições politicas, de respeito ás leis e ás autoridades, sem nenhuma subserviencia, de selecção dos mais capazes para todos os postos de direcção. Nada de servilismo. Nada de revoltas armadas.

Seja este momento o marco inicial da nova era. Trabalharemos todos seriamente e com afinco, porque, com um exercito numeroso e disciplinado, exclusivamente consagrado aos seus deveres technicos, sem nenhuma preocupação que recorde vagamente sequer os pretorianos da decadencia do Imperio Romano, tenhamos uma paz duradoura, no seio de uma nação assinalada pelo labor indefesso e fecundo, que só se consegue por meio da educação, da instrucção, da ordem e da disciplina, e pelo concurso de vontades bem dirigidas e energicas.

A' Liga da Defesa Nacional, de que me orgulho de fazer parte, devo a honra do convite para vos dirigir estas palavras. Em nome della, que foi erida para representar todas as classes da nação brasileira, apresento-vos os mais agradecidos e entusiasticos applausos."

*
* *

Olavo Bilac prosegue no Rio Grande do Sul o seu apostolado de civismo e patriotismo.

Cada passo do grande poeta é assinalado por um novo triumpho.

E' significativo o exito dessa propaganda. Explica-o em grande parte a seducção pessoal do propagandista que é immensa, mas não o explica por completo. O resto da explicação só pode ser encontrada na perfeita consonancia de idéas e aspirações entre o apostolo e os auditorios que lhe bebem as palavras.

MOVIMENTO ARTISTICO MUSICA

Para se dar, em poucas palavras, e com precisão, uma idéa do que foi, este anno, a estação lyrica do nosso Municipal, basta dizer que, ao vel-a encerrada, ficou toda a gente, que a desfructou, com pena de que fosse tão curta! Realmente, frequentador do nosso theatro lyrico desde os thempos de Ferrari, não nos lembramos de ter visto, depois das desse grande empresario, outra temporada que nos dêsse, com tão finos cantores, um programma tão bem combinado.

Para os saudosos apreciadores do velho repertorio, das vocalizações e dos gorgeios, lá estavam a "Son-nambula", a "Lucia", a "Traviata" com a Barrientos; a grande opera, antiga e moderna, com a sua apparatusa "mise-en-scène", bailados brilhantes, fartos trechos de canto para cantores de vozes resistentes, não podia ser mais bem representada do que com a "Aida", "Huguenottes", "Mefistofele", e a velha exhumação verdiana da "Battaglia di Legnano", com Rosa Raisa, e o "Rigoletto", com a Barrientos e Crabbé; a musica franceza, a antiga e a nova, cantada no original por artistas francezes de valor, como Valin Pardo, Royer, Journet e Crabbé, tivemos-a, pela primeira vez no Brasil, com "Manon", "Faust", "Sanson et Dalila", "Béatrix" e "Cadeaux de Noel"; enfim, para corôar esse programma feliz, as tres obras primas do repertorio



comico — “Barbiere di Siviglia”, com o conjuncto admiravel da Barrientos, Schippa, Crabbé e Mansueto, o “Falstaff”, onde, a par do excellente trabalho de Rimini, admiramos um quartetto de sopranos pouco vulgar — Raisa, Vallin, Bertazzoli, Rosinger, e os “Maestri Cantori di Nuremberg”, cuja magnifica execução representa um esforço da empresa, merecedor de animação.

O publico e a imprensa fizeram-lhe justiça: era quasi unisono o côro dos applausos; apenas num ou noutro ponto ouviram-se restricções quasi sempre justas, a esse apoio quasi absoluto.

A Empresa, para dez espectaculos de assignatura, em que fez cantar onze operas diversas, e cinco extraordinarias, trouxe-nos um elenco farto: uma celebridade authentica — sra. Maria Barrientos; quatro sopranos para cujo elogio basta citar-lhe os nomes — Rosa Raisa, Vallin Pardo, Royer, Dalla Rizza; quatro tenores, sendo dois de merito real — Di Giovanni e Schippa; dois baritonos e dois baixos de primeira ordem — Crabbé, Rimini, Journet e Mansueto. Orchestra não muito numerosa mas boa, côros magnificos, scenarios dos melhores.

Maria Barrientos foi, como não podia deixar de ser, a grande atracção da temporada. O caracter de sua voz, de um avelludado pouco commum nos sopranos ligeiros, a sua arte consummada, o que tambem não é muito frequente nessas acrobatas do canto, os seus finaes inegalaveis, arrancaram á platéa applausos que não raro chegaram ao entusiasmo.

Vallin-Pardo e Crabbé foram, porém, a nosso vêr, as revelações mais interessantes da temporada. São dois cantores moços, de voz fresca e pura, artistas no mais amplo sentido da expressão, artistas modernos, de uma arte sobria e delicada, que encanta e que seduz. A “Manon” e o “Faust” foram para a sra. Vallin Pardo duas noites de legitimo triumpho, como raramente tem visto o Municipal, a não ser quando cantam os grandes “divos”, de reno-

me feito; o mesmo foram para o barytono Crabbé o “Rigoletto”, “Barbiere” e “Maestri Cantori”. A sua interpretação do “Figaro” supportou admiravelmente o confronto com a dos grandes artistas, Titta Ruffo e De Lucca, que naquelle palco encarnaram antes delle o typo do barbeiro. E o Beckmesser dos “Maestri Cantori?” Que é mais preciso, para sagrar um artista, do que aquella serenata e a scena muda do atelier?

Guarda o publico de S. Paulo esses dois nomes — Crabbé e Vallin Pardo, e dentro em pouco tempo verá como foram intelligentes e justas as palmas com que recebeu o trabalho desses dois jovens artistas. Si a sorte lhes não fôr traiçoira, si conservarem o precioso dote com que a natureza os favoreceu, serão dentro em breve duas celebridades que se farão ouvir a peso de ouro. Não é vulgar encontrar vozes tão boas a serviço de um tão fino temperamento artistico.

E agora, esperemos o anno que vem. A Empresa nos promette um esforço ainda maior do que o destes ultimos annos. Teremos, com os melhores artistas do elenco de 1916, o grande Caruso. Cantará, provavelmente, a “Manon”, o “Faust”, “Pagliacci” e quem sabe si alguma opera de Puccini. Do repertorio francez, ouviremos “Louise”, de Charpentier, uma das mais bellas operas que existem, e talvez a “Reine Fiamette” ou o “Carrillonneur”, de Xavier Leroux. De Wagner, ouviremos novamente o “Parsifal”, que em 1913 foi cantada em São Paulo. Annuncia-se a vinda de Mascagni e Charpentier, sendo provavel que a orchestra seja entregue á direcção de Marinuzzi. — X

GARCIA REDONDO

Com o desaparecimento de Garcia Redondo, occorrido este mez, abriu-se mais uma vaga na Academia de Letras e desapareceu de S. Paulo um dos escriptores mais conhecidos e estimados.



Garcia Redondo deixa, nas obras que publicou, a impressão de um espirito claro e de um coração bondoso. Em tudo que escrevia dominava um tom de franqueza, de despreocupação, de familiaridade, de bom humor, que tornava suave a leitura dos seus trabalhos. Sem odios, ou sabendo recalcar os que nutria, a sua obra é toda de ternura e carinho, ás vezes um pouco sensual, mas em geral affectiva e risonha.

Além de escriptor, Garcia Redondo foi engenheiro distincto e um grande apaixonado de coisas de arte. Não lhe faltaram tambem algumas prendas estimaveis de orador e sobejavam-lhe a graça, a loquela e a vivacidade de um conversador emerito.

RICARDO GONÇALVES

Sossobrou numa tragedia dolorosa, que ainda commove S. Paulo, o espirito fulgurante de Ricardo Gonçalves. Poeta delicado e singelo, tão fundamentalmente poeta que nas suas poesias não ha traços que denunciem o orador vibrante que elle tambem foi, Ricardo Gonçalves era um bom e um puro. Encantava pelo talento e prendia pelo coração.

Se o espirito era capaz de todas as irradiações no coração sorriam-lhe todas as canduras.

Amante apaixonado da sua terra e da sua arte, — de uma e outra ha fixados nos seus versos aspectos varios e interessantes — o papel do joven poeta e orador na obra de propaganda nacionalista, ora iniciada, havia naturalmente, mais cedo ou mais tarde, de ser grande e brilhante.

O pezar que lhe acompanhou o desapparecimento attesta a intensidade das sympathias que o rodeavam e a força das esperanças que se punham no seu futuro.

BIBLIOGRAPHIA

Jackson de Figueiredo. — Xavier Marques (ensaio).

E' um ensaio critico, talvez mais apologetico do que critico, que o

joven publicista consagra á obra do forte escriptor nortista.

O sr. Jackson de Figueiredo não é um alinhador de phrases vacias, mas um espirito reflectido a que a preocupação das idéas geraes dá uma seriedade que raro se encontra, no Brasil, entre os escriptores jovens.

A sua critica, mesmo quando é um desdobramento de amizade como no caso, não perde o caracter severo de analyse para assumir o tom gracioso da louvaminha. E' sempre critica.

O defeito maior que lhe notamos é o excesso doutrinario. O autor não admite a collaboração do leitor na figura que esboça. Expõe as suas idéas, examina as alheias e tira as conclusões sem permittir que o leitor as discuta e corrija. Quer isto dizer que do escriptor estudado elle procura dar impressão antes pela autoridade da propria palavra do que pela suggestão dos traços invocados. A critica sae-lhe mais dogmatica que impressionista, mais affirmativa que pinturesca. Define o escriptor mas não fornece elementos necessarios para se verificar se a definição corresponde á realidade.

Para outros talvez nem venha isto a constituir um defeito.

Autor anonymo. — Uma das Fontes da Literatura.

E' uma ardente apoloogia do catholicismo como fonte de inspiração literaria.

Tem os seus exaggeros de apreciação. Nem podia deixar de os ter; não ha apoloogia sem violencias á realidade. E' assim, por exemplo, que explica a grandeza dos escriptores do seculo de Luiz XIV pelo catholicismo que professaram... Basta evocar Molière para mostrar o erro da affirmativa. Do proprio Racine não se pôde dizer que foi grande só porque pediu ás tradições religiosas, aliás mais judaicas que catholicas, o assumpto das suas tragedias. A sua grandeza é apenas o reflexo do seu genio como o é a de Corneille e de Bossuet. Ninguem lê hoje Bossuet por causa da sua theologia ou do calor da sua fé, mas

simplesmente por causa da incomparavel belleza da sua prosa. Essa belleza não é, evidentemente, um attributo do assumpto; é um segredo individual do escriptor. Se assim fosse, teriam de ser postas no "Index", por hereticas, blibliothecas e blibliothecas de obras rigorosamente orthodoxas mas literariamente intragaveis e teriam de entrar para a livraria catholica as obras de Voltaire, de Renan e Anatole...

O mais forte desmentido que se pôde dar a essa affirmativa encontra-se aliás nas obras daquelle a quem se attribue a sua paternidade: nas obras de Chateaubriand.

O livro mais fraco de Chateaubriand é exactamente um poema religioso — Os Martyres — e o seu livro mais vigoroso e mais bello, a sua obra immortal, é precisamente um monumento de vaidade pessoal, isto é, um livro peccaminoso: "As memorias d'Além Tumulo".

Ha tambem, nesta apologia, alguns erros de facto. O Cid Campeador é, por exemplo, apontado como um modelo de fé em Deus e de dedicação ao rei Ora, a lenda é essa, mas a verdade historica é outra. O Cid foi um simples "condottiere" e tanto combatia nas fileiras christans como nas fileiras saracenas...

O erro maximo do apologista não é, porém, este ou aquelle. O seu erro maximo é considerar como de inspiração catholica tudo quanto se tem escripto com base em tradições ou episodios christãos. Por essa theoria, a "Pucelle" seria uma obra catholica...

Feitas estas restricções, é de justiça reconhecer que o trabalho denota muita leitura e apreciaveis qualidades de gosto e de estylo.

Mario Barreto. — Factos da Lingua Portugueza.

O sr. Mario Barreto é dos poucos estudiosos da nossa lingua cujos trabalhos podem ser lidos com proveito e agrado. Não é um grammatico; é um observador attento e intelligente dos phenomenos linguisticos. Não procura estabelecer para uso proprio e dos amigos uma

dogmatica especial e aggressiva a respeito dos factos da lingua; procura apenas estudal-os, comprehendel-os e explical-os.

Com a mesma satisfação, como o são os anteriores, vae ser lido naturalmente o ultimo trabalho seu, publicado agora pela livraria Alves — "Factos da Lingua Portugueza". Além de vasado nos mesmos moldes que os anteriores, este novo trabalho do distincto philologo offerece um attractivo a mais: um esplendido prefacio de Silva Ramos em que são tratados com muita competencia e finura, algumas questões importantes relativas á nossa lingua.

MOVIMENTO LITERARIO

Deve apparecer dentro em pouco um novo livro de Amadeu Amaral. Intitular-se-á "Espumas" e conterà todos os versos que o distincto poeta escreveu depois das "Nevoas".

O exito do livro é seguro. Amadeu Amaral já occupa um posto de relevo ao lado dos melhores poetas vivos do paiz e figura, sem favor, com um brilho proprio, entre os mais bellos escriptores nacionaes.

Anuncia-se tambem o apparecimento proximo da segunda edição do "Pelo Sertão", de Affonso Arinos. A esse livro de contos, que é um dos mais fortes que até hoje se publicaram no Brasil, seguir-se-ão oito volumes em que, ao par de reedições de trabalhos já conhecidos, serão dados todos os ineditos que o grande escriptor deixou.

OS DOUTORES E AS LETRAS

(Carta aberta a Silvio de Andrade Maia)

Meu caro amigo

Você deve conhecer esta passagem da famosa epistola do velho Ferreira:



*Não fazem mal as musas aos doutores,
Antes ajuda ás suas letras dão,
E com ellas recebem mais favores,
Que em tudo cabem para tudo são.*

Com ser tão antigo o conceito não tem tido elle, sempre em nosso meio, a applicação devida. Porque em geral os nossos doutores têm pelas letras e particularmente pelas musas um verdadeiro desdem que pretende ser superior e é apenas uma prova da inferioridade de sua cultura.

Isto provém em grande parte de nossa falha educação universitaria, onde a parte reservada á literatura é quasi nulla, poi é creença geral que as bellas letras são apenas um passatempo, uma pelintrice do espirito, muitas vezes compromettedoras para os jovens cavalheiros que já têm cadeira marcada com lenço nos postos de representação e no areópago das carreiras liberaes.

O resultado é que quando os jovens doutores deixam os bancos academicos e começam a exhibir-se na vida publica, falando ou escrevendo, revelam-se fecundos genitores de solecismos e cultores incomparaveis do máo gosto.

Em outros paizes que não é preciso nomear, os homens publicos e os profissionaes saem dos lyceus e universidades com um sólido cabedal de cultura classica e assim preparados para se exprimirem com correção e clareza, quando não com o aprimoramento de estylo, que é o privilegio de poucos.

Ora, os nossos homens publicos, os nossos profissionaes, muitas vezes mestres do seu officio, em geral escrevem detestavelmente.

E', pois, um consolo ver um joven bacharel como você preocupado com estudos litterarios, amando e praticando as boas letras, numa bella ancia de perfeição, com uma elegante curiosidade dos segredos da arte da palavra.

Poucas mas brilhantes excepções se contam em nosso meio pesante. Primeiro ha Ruy Barbosa... Mas Ruy Barbosa é uma excepção entre as excepções, é uma cabeça que corresponde no mundo planetario ás

estrellas de primeira grandeza e que brilharia e brilharia mais mesmo quando todo o nosso cosmo mental estivesse completamente ás escuras. Ruy é o sol do nosso systema intellectual, e não devemos offuscar-nos demorando a vista nelle.

A carreira do direito é a que mais escriptores nos fornece, *et pour cause*. Os bachareis são de ordinario os fornecedores da politica, do jornalismo e da diplomacia, e a jurisprudencia é a disciplina que exige mais letras para o desempenho dos seus encargos.

Bachareis foram muitos dos homens publicos que concorreram para a formação do nosso patrimonio litterario — Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, José de Alencar, Macedo, Tobias Barreto, José Bonifacio, o moço, Nabuco, F. Octaviano, Theophilo Dias, Luiz Guimarães, Valentim Magalhães, Martins Junior, Eduardo Prado, Raymundo Corrêa, Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Salvador de Mendonça, Affonso Arinos, etc., para só falar agora dos mortos mais recentes e mais notaveis.

Foi muito menor em todos os tempos o contingente dos medicos. Que me lembre, só figuram na literatura nacional (para citar tambem agora sómente os mortos) Mello Moraes, Laurindo Rabelo, Maciel Monteiro, Ferreira de Araujo, Francisco de Castro e Manoel Victorino.

As excepções que venho citando confirmam a regra de que os doutores, si não desdenham inteiramente as letras, pelo menos as consideram como um elemento desnecessario ao seu exito na vida.

Uma occasião, conversando com um engenheiro que era um luminar da classe, elle me disse em tom de brincadeira:

— Você não é capaz de calcular o desprezo que um mathematico tem por um poeta.

— Deve ser igual ao desprezo que um poeta tem por um mathematico, retorqui eu no mesmo tom.

Outro engenheiro, occupante de alto cargo, numa Empresa do Estado, disse-me uma vez que desde formado, havia trinta annos, não lera um só livro de literatura, não conhecen-

do nenhuma das obras de Machado de Assis, Taunay, Aluisio Azevedo, e Coelho Netto. E dizia-o sem constrangimento, até parec que fazendo alarde de sua aversão ás letras.

Eu desejaria ver qualquer coisa escripta por esse profissional; mas a sua conversação fazia advinhar o que seriam os officios e relatorios de sua lavra.

O velho preceito horaciano, desdobrado na estrophe da epistola de Ferreira, não sei quando acabará de vencer aos nossos homens de representações que o util não exclue o agradável, que a idéa não dispensa a forma, que um bom prato precisa de ter um aspecto convidativo, que uma mulher bella não perde nada por estar vestida com elegancia, visto que é preciso estar vestida.

Mas assim não entendem a grande maioria dos nossos homens publicos. Entre os politicos bem raros são os que, ainda cultos e talentosos, sabem falar e escrever com elegancia e com syntaxe. E si os seus attentados contra a arte da palavra não se patenteiam com maior escandalo, é que os humildes redactores de debates nas duas casas de Congresso Nacional escoimam piedosamente suas orações cacologicas das batatas com que elles juncam abundantemente o tapete da discussão.

Nos ultimos tempos, grato me é confessar, tem augmentado o numero dos doutores que prezam as letras, a par dos literatos que, por accidente, são doutores. Entre as pessoas notaveis já reina um certo pudor de escrever mal. A collocação dos pronomes, por mais insignificante que se chame a essa facil regra de estylo praticada naturalmente pelos carroceiros portuguezes, vai começando a ser feita com acerto nos discursos, relatorios, pareceres e theses dos estadistas e profissionaes, perdendo assim o portuguez do Brasil um dos defeitos que mais o enfejavam aos olhos dos cultores da lingua.

Já se vai comprehendendo que o grande realce de Ruy Barbosa não vem sómente de seu vigoroso talento e de sua vasta cultura, mas tambem da correcção e louçanias do seu estylo.

Os redactores de debates não precisam munir-se de joeira para colherem os discursos de uma pequena minoria de senadores — e deputados, aos quaes sobra tempo para cuidarem da toilette do espirito e não se apresentarem na tribuna com caspas na gola e pingos de café no peitilho.

Deixando de parte os profissionaes que nasceram literatos e procuram um officio porque a literatura não é ainda entre nós um meio de vida, é um consolo ver, por exemplo, Pedro Lessa, não contente de ser um conspicuo mestre de direito, tornar-se tambem, um excellentescriptor, e Clovis Bevilacqua, que em suas primeiras obras descurava o estylo, aperfeiçoal-o de mais em mais, até chegar nas suas recentes a um verdadeiro gráo de aprimoramento.

E ha revelação mais encantadora (revelação para nós que não o conhecemos de perto) do que essa de Alfredo Pujol, com as suas conferencias sobre Machado de Assis, tão finas, tão atticias, tão penetrantes, tão substanciosas?

Quanto aos medicos, dois ha da velha geração que são duas glorias literarias do paiz: o illustre polygrapho paulista Luiz Pereira Barreto e o admiravel poeta, historiographo e folklorista Mello Moraes Filho, E temos ainda uno de Andrada, um prosador scintillante, Miguel Couto, Fernandes Figueira, Miguel Pereira, Aloysio de Castro, Afranio Peixoto, Austregésilo, Fernando de Magalhães, Lucio Freire, Martins Fontes e o mais joven de todos Veiga Lima, que é um fino temperamento de pensador e de estheta.

Ha visivelmente uma emulação em prol da forma, deusa quasi sempre esquecida pelos nossos homens notaveis, como si a *toilette* da phrase não tivesse a mesma importancia que tem a vestimenta do corpo no balanço dos valores sociaes.

Bem sei que um homem de real merito ha de se impor sempre, embora exprimindo mediocremente o seu pensamento, assim como ninguem o deixará de acolher com deferencia só porque o seu casaco está mal talhado — o seu collarinho não tem a brancura do gelo polar.

Mas seria muito mais agradável que essa notabilidade apresentasse essa sua phrase e em sua roupa um exterior distincto e asseido. Eduardo Prado não prejudicou sua obra por escrever com gosto nem por levar alguns minutos a dar o laço á gravata.

Bilac exagera positivamente na sua profissão de fé parnasiana: a forma não é tudo, como elle e todos os poetas acreditavam então.

Não é tudo, mas é muita cousa.

Assim o entendem, por exemplo, os grandes homens da França contemporaneos: Poincaré, Deschanel, Clemenceau, Ribot, Barthou, Clementel, Briand, Klotz, etc.; todos são estadistas, forrados de bom estoffo literario.

Em Inglaterra, desde Bacon, os homens de Estado são sempre grande *scholars*, escriptores de pulso muitas vezes, versados na literatura antiga e mestres em Shakespeare.

A maior parte dos nossos literatos não saem das classes dos doutores, porque os predestinados a sobraçar na vida o *fascis* emblematico do pergaminho logo se convencem de que não vale a pena amar as musas num paiz que se tem tão vasta porcentagem de analfabetos e onde prematuramente medrou e fructificou um estilizarismo fenenho e boçal, injustamente attribuido a povos conhecidamente praticos e argentarios como os inglezes e norte-americanos.

Assim, meu caro amigo, é com a maior sympathia que eu acompanho a evolução de sua aprendizagem literaria de par com o progresso ininterrupto de seu espirito, tão felizmente propenso ao estudo das questões sociaes.

Conheço bem de perto a solidez das bases de sua cultura, e sobre elle, com a pratica das boas letras, você será em breve uma dessas columnas sobre as quaes S. Paulo, já detentor de todas as hegemonias em nosso paiz, está assentando a cupola de sua hegemonia literaria, prenda que pertenceu outrora á Bahia, ao Maranhão, a Pernambuco e ora se presume pertencer ao Rio de Janeiro, feita esta embora com o concurso de talentos

que para aqui vêm attrahidos pela força centripeta da metropole.

S. Paulo, já discentralizado em tantas coisas e avantajando-se ao centro em muitos pontos de sua organização administrativa, disputa-nos neste momento a taça do *match* literario e artistico, e, enquanto despeja avalanches de café em Santos, quéda se á noite nos salões da Cultura Artistica a ouvir os pianos magicos de Antonietta Rudge e Guiomar Novaes e as lyras de ouro de Vicente de Carvalho e Amadeu Amaral.

S. Paulo está no alto, e os bons exemplos devem partir sempre de cima.

Ninguem pretende que toda gente seja literato. Deus nos livre disso. O que nós queremos é que todos amem as letras para que os literatos profissionaes tenham outros leitores além de seus confrades. O que nós queremos é que esse amor das letras se faça sentir na minoria douta pelo estímulo dado aos escriptores, cujas obras, as mais notaveis, tiram apenas numeros de exemplares igual aos das que em outros meios são verdadeiros fiasecos.

Só lendo bem é que se escreve bem, e o tempo que os profissionaes gastam com a literatura é compensado pelo que lucram no seu poder de expressão, aperfeiçoando assim o instrumento dos seus successos na vida pratica.

Meu caro amigo e excellente doutor: entre um livro de Iehring e outro de Balduin leia sempre um Camillo Castello Branmo ou Machado de Assis.

A musa do bem dizer e do bem falar não será importuna apparecendo nos seus arrasoados e orações forenses. Dos especimens de produções suas que tenho á vista vejo com satisfação que você assim o entende e cumpre, convencido, como eu das sãs doutrinas que condensei neste conceito:

A cultura literaria é indispensavel a todas as profissões, porque a literatura está para o espirito como a educação está para o caracter.

Seu, fielmente, *Antonio Salles*.
Rio, Setembro, 1916.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS
E COISAS NACIONAES

O PRESIDENCIALISMO

Em um paiz como o nosso, indisciplinado e rhetorico, o presidencialismo com a aoutoridade do executivo fortalecida com a iniciativa da administração publica, é uma dadiua da fortuna. Quem quer que encare o Poder Executivo aqui, verá que elle enfeixa uma somma de faculdades respeitavel. Os outros dois são mais garantidos; talvez não tenham os freios legaes, tão importunos, com que este é vexado; o Judiciario é mais independente, o Legislativo possui mais iniciativa, e, sendo todos tres harmonicos entre si, nenhum, porém, dispõe da sua força, mesmo porque os órgãos que a representam se acham directamente collocados sob a sua fiscalização e direcção.

Para mim, a virtude melhor do presidencialismo está nesse laço de continuidade que elle offerece á politica administrativa do presidente. O que torna fracos os governos nas democracias, ninguem o ignora, é a instabilidade do poder. O caracter ephemero, transitorio do munus publico, tolhe a acção dos que governam no sentido de qualquer uma grande missão historica. O segredo da unidade nacional tem sido quasi em toda parte, obra de aristocracias intelligentes e de tradição de sangue, perpetuada de paes, a filhos, através do poder politico, ou este accumulado annos e annos no punho de um homem superior, galvanisado uma força excepcional e illuminado por uma estrella de predestinado. Nem é preciso ser monarchista para reconhecê-lo. Trata-se de um phenomeno politico, cuja autenticidade cahe debaixo do mais ligeiro exame.

O principio da unidade do poder executivo em todas as Republicas, abstracção da Suissa, mostra quanto um homem só, nutrido das qualidades que são o apanagio da acção, póde estimular a prosperidade

de um paiz. Prefere-se, em quasi toda parte, fazer isto a entregal-o á mercê de um corpo deliberativo. A psychologia já demonstrou que, quanto mais se dilluem as responsabilidades por um grupo de homens, mais a consciencia della se relaxa.

Nenhuma força se imporá como força, verdadeiramente, assim fracionada, repartida entre muitos, ou sujeita ás soluções de continuidade da substituição do pessoal do administrativo. Os publicistas que foram os patriarchas das instituições americanas, comprehenderam tão lucidamente a necessidade da magistratura unipessoal, á testa do Executivo, que a experiencia dos modelos antigos, gregos e romanos, não os tentou. Hamilton, como Madison, foram mais longe, na Convenção: queriam o presidente vitalicio, até quando se conduzisse a contento do povo ("for good behaviour"). O presidente feito pelos estadistas da Convenção de 1787, diz Bryce, na sua "American Commonwealth", é Jorge III, da Inglaterra, diminuido de uma parte das suas prerogativas, pela intervenção do Senado, nos tratados e nomeações, por um lado, e por outro, pela restricção da sua acção nos negocios federaes. "Un chef un seul chef point de gouvernements á plusieurs têtes", dizia Alberto de Broglie.

A influencia da substituição da chefia unipessoal pelo collegio de magistrados, nem carece ser provada. A historia respondeu de modo decisivo. No dia em que Roma elimina os reis e substitue-os pelos consules, estes, de facto, exercem as funcções daquelles. E, no triumphato, ha sempre um, centralizando o poder. Nas assembléas deliberantes, invariavelmente existe uma voz mais persuasiva, um imperialista mais ambicioso, que as domina, manobrando-as a seu talnate.

A continuidade e a unidade são a força. A pluridade é a divisão, a dispersão, o enfraquecimento. Roma só é forte até quando, com seu instinetto de administração e de guerra, o poder não comporta nella divisão. Quando ao "pater familias"

todos e tudo se subordinam. Quando o poder unilateral, inflexível desse chefe, assegura, somente com a sua autoridade, o triplice interesse do Estado. Desde que elle começa a soffrer restricções, Roma entra na penumbra. E' o crepusculo da decadencia, que cahe sobre a grandeza politica e social romana.

A tendencia deve ser e é para fortalecer o Executivo, de modo que o equilibrio se estabeleça entre elle e o Congresso: um dentro do meridiano administrativo; outro, no meridiano legislativo. Porque, si o Legislativo é o poder aggressivo, na phrase justa do sr. Woodrov Wilson ("Congressual Government"), a logica indica, como diz Esmein, que cumpre dividir, o mais forte, que é o Executivo. ("Droit Constitutionnel").

Não é possível iniciar e levar a bom termo nenhuma tarefa historica, sem o espirito de sequencia e de tenacidade, a vista de conjuncto, a continuidade, que não se logram obter na precisa efficiencia, nem dos grupos deliberativos indecisos e frouxos, nem com a mutação periodica das figuras destinadas a encarnar taes movimentos. E' somente depois de vinte e tres annos, que Pedro o Grande consolida a sua obra de grandeza politica social da Russia; depois de quinze que Cavour unifica a Italia; é com o esforço sem remissão, de annos e annos, que Chattam Pitt dilata o imperio colonial britannico e impõe absoluta a soberania da Inglaterra nos mares e na diplomacia; que William Pitt solda tres colligações contra Napoleão; que Bismark isola a França da Europa, bate-a, e funda a unidade germanica; que Tirpitz prepara uma marinha de guerra para a Alemanha, e Delcassé tece, no meio dos torce-corpo e das sinuosidades do Downing Street, a trama subtil da "Entente Cordeale".

Um plano poderá acabal-o quem lhe tomar em meio a execução. O autor quasi sempre o concluirá melhor. Por isso que a estabilidade da administração se obtem a preço de tempo, deixar essa machina sujeita ás reacções e ás oscillações das maiorias par-

mentares, das paixões politicas, é um erro. A independencia, sob esse ponto, que a nossa Constituição assegura ao Executivo, representa a adopção de um principio salutar da carta constitucional americana. Um poder que crystalisa uma parcella numerosa de poderes, que enfeixa o que o "Federalista" chama a administração do governo, isto é, tudo o que na denominação usual cahe particularmente no dominio do Executivo — deve ser poder vigoroso e fortalecido. Acredito que, sahindo da latitude constitucional que lhe é imposta, o prazo presidencial cumpre ser augmentado: quatro annos não bastam para um estadista pôr em pratica as idéas da sua plataforma. E um presidente novo, que o paiz recebe em cada quadriennio, é um homem muitas vezes sem a experiencia dos negocios publicos, que nenhuma boa vontade chegará a supprir. Precisa ganhala, na pratica, para a exercitar. Mas, apenas entrou a adquiril-a, decorridos dois annos ou dois annos e meio, já a nação inteira estremece e trepida na agitação da nova crise presidencial. O redemoinho colhe-o, na sua violencia habitual, sem que elle tenha tido um periodo sufficientemente longo para realizar as suas idéas de governo. O outro vae tomal-as; talvez as reformar; muitas vezes entorpecendo-as, e dahi a anarchia e a confusão. — (ASSIS CHATEAUBRIAND — *A Epocha*.)

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

AMERICANISMO

(Poder militar continental)

Cresce dia a dia o movimento de idéias tendentes a assegurar a defesa dos interesses americanos contra as consequencias de luctas exteriores, extranhas ao Continente, movimento esse determinado pela repercussão na America da actual guerra europeia.

De um artigo publicado em 3 de dezembro ultimo no "Times", de



Shevreport, nos Estados Unidos, assignado pelo sr. Gilson Gardner, verifica-se que se cogita de uma aliança politica de todas as nações do continente americano, para unificar as suas forças militares, navaes e terrestres, afim de o defender contra aggressões monarchicas. Já se deram mesmo alguns passos para negociações de um tratado com a Argentina, Brasil e Chile.

O embaixador Naón tomou a iniciativa dessa empreza e ha quem diga que os seus passos são apoiados pelo presidente Wilson.

As propostas do embaixador visam o estabelecimento de um convenio, pelo qual as tres republicas sul-americanas se comprometteriam a fornecer 800.000 homens devidamente disciplinados para qualquer medida defensiva necessaria á manutenção da forma republicana de governo no hemispherio occidental. Os Estados Unidos, em troca desse adjutorio forneceriam os apetrechos de guerra necesarios para armar e equipar esse numero de homens e cederia, em caso de ataque a qualquer daquelles tres paizes, o apoio da sua squadra. A combinação da squadra americana com as esquadras daquelles tres paizes formaria uma força naval que só podia ser superada pela da marinha britannica.

Esse artigo do escriptor americano foi publicado no mesmo dia em uma serie de diarios de cidades diferentes dos Estados Unidos.

Não é esta uma questão chimerica, como á primeira vista se podia julgar. Esse movimento resulta de factos graves que affectam em proporção sensivel os interesses das nações continentaes e que continuarão a affectal-os mesmo depois de terminada a guerra. Esses factos resultam de um lado do atrazo da evolução das condições economicas dos povos civilizados e das suas relações internacionaes, e por outro lado dos processos que foram postos em pratica durante o conflicto actual e que poderão vir a selo novamente em qualquer guerra do futuro. Esses perigos subsistirão em-

quanto não se operar uma reforma total do direito internacional que o adapte ás condições de facto dos povos americanos, e emquanto não desapareça de todo a possibilidade de que estale na Europa, novamente, um conflicto como o actual.

Ora, os Estados americanos só poderão tomar praticamente a defesa dos seus interesses quando as negociações dos seus diplomatas estiverem apoiadas por meios de acção summamente poderosos. Poder-se-ia prover á defesa dos interesses americanos por meio de um accordo entre os varios governos do Continente. Mas, nesse caso, sob a apparencia e as formalidades externas de uma cooperação militar, esse accordo nos levaria de facto a confiar essa defesa quasi exclusivamente ás forças navaes dos Estados Unidos, uma vez que os outros governos não tenham uma ogranisação geral nem uma connexão preestabelecida entre si.

Saltam á vista os inconvenientes de um accordo nessas condições. Sem duvida não ha possibilidade da dos interesses continentaes sem a cooperação dos Estados Unidos. A verdade, porém, é que para estes, como para as republicas latinas, o melhor será que se faça uma organisação prévia das forças regulares de todos os paizes e que se firme um compromisso de cooperação e auxilio reciprocos que obrigue por igual a cada uma das partes.

Parece que se aproxima o momento de se dar a esse problema, até agora estudado apenas no terreno especulativo, a solução pratica que elle requer. Essa solução offerece difficuldades de varias ordens. Em primeiro lugar, a nova ordem de coisas irá modificar radicalmente as relações entre a America e a Europa, tornando insolita a attitude das nações americanas em face dos paizes europeós. Em segundo lugar, os paizes americanos correrão o perigo de adquirir dois males gravissimos: o militarismo e o imperialismo. Ora, o que as nações americanas devem pretender é que a politica futura se oriente para o pacifismo e não pa-

ra a guerra. A evolução das nações americanas pacificas para uma politica guerreira decidiria da orientação da nossa civilização, precipitando-a das alturas a que ascendia e em cuja marcha a guerra actual a deteve para precipital-a num abysmo insondavel. O dever dos americanos é o de se porem francamente na vanguarda da civilização europeia e salva-a de uma crise que neste momento a ameaça de uma desorganização definitiva sob as apparencias de organização de uma Europa militarizada.

Estas difficuldades justificam todas as hesitações que a solução do problema militar americano tem provocado. O problema consiste, pois, em saber se é possível organizar-se um poderio militar no continente americano para a defesa dos interesses do mesmo Continente, sem violar a orientação pacifista que disciplinou até agora a evolução nacional e internacional dessa sociedade. A difficuldade seria resolvida uma vez que nas relações internacionaes, nas negociações diplomaticas, os governos não se limitassem a considerar apenas os factos que se produzem e os interesses que se devem defender, isto é' não se limitassem a considerar as realidades sociaes, sobre as quaes, para as quaes, e em relação ás quaes devam olhar, mas que as considerassem em seus aspectos distinctos, de um modo tão completo e tão exacto como os conhecimentos humanos em seu estado actual de evolução o permitem, a saber, com um criterio *mais humano* que comprehenda e harmonise os diferentes modos de ver, que reuna e correlacione as distinctas mentalidades do politico, do jurista, do economista, do sociologo, do psychologo, etc. As relações entre os Estados realisam-se actualmente dentro de uma ordem de idéias unilateral e limitada, de modo que parece existir para a vida internacional official uma realidade social distincta das outras realidades e sem conexão com ellas. E' isso que dá ás relações internacionaes certo caracter ficticio que em determinadas circunstancias chega a ac-

centuar-se de modo tal que as relações entre os Estados se afiguram baseiar-se em convencionalismos e formulas e não em realidades sociaes.

O resultado que se obteria com essa transformação fundamental do *modo de ser* da politica dos Estados americanos com a Europa — *modo de ser que é independente da orientação pacifista*, — seria o evitar que a possibilidade das reivindicações americanas assumisse a forma de uma belligerancia politica, ou por outra, de uma acção tendente á expansão politica para estabelecer o predomínio de uns Estados sobre outros. A politica dos Estados americanos com a Europa definir-se-á como uma acção de organização internacional cuja iniciativa esses Estados tomariam, não para obrigar os Estados europeus a colaborar nella, mas para realisala dentro de sua esphera de acção, sub-subtrahindo sua liberdade de actividade pacifica, de desenvolvimento economico e social a essa verdadeira imposição que exercem agora os Estados belligerantes justificada com leis internacionaes que já não têm mais razão de ser nas actuaes condições economicas e sociaes das collectividades humanas.

O perigo do militarismo e do imperialismo pôde tambem ser evitado, uma vez que a força militar continental tenha o caracter nitidamente definido de organismo social. Para isso basta que se opere nas organizações militares uma reforma radical assim na sua estrutura interna como na sua forma, isto é uma reforma que lhe tire esse caracter de casta a parte e que lhe modifique a mentalidade presente. A opposição que actualmente existe entre o exercito e a idéa de paz desapareceria no dia em que o conceito de exercito organizado para a guerra fosse substituido pelo conceito do exercito constituido para assegurar a paz, "para exercer as funções de alta policia internacional" — (ERNESTO J. J. BOTT. — *Revista Argentina de Ciencias Políticas*. — Buenos Aires.—)

A EDUCAÇÃO MODERNA

A educação moderna deve ser orientada no sentido de se dar ao alumno, desde o começo, os conhecimentos fundamentaes das sciencias actuaes, de modo que no futuro possa elle ter uma idéa aproximada quanto possível da realidade das coisas que o rodeiam, das leis naturaes que regem o mundo e o universo inteiro, afim de que, vencendo superstições funestas, saiba guiar-se pela unica senda do aperfeiçoamento individual e collectivo, que é indicada pelas sciencias, as quaes são a experiencia accumulada dos seculos, organizada paulatinamente pela *elite* passada e presente da especie humana.

Os planos de estudos, desde a instrução primaria, devem modificar-se fundamentalmente no sentido de tornar a escola integral e scientifica, dando-se desde logo ás creanças um certo conhecimento de conjunto das sciencias contemporaneas. E' mister que o alumno comprehenda desde menino que certos segredos da vida foram decifrados pelo homem e que elle, como tal, tem o direito de os conhecer e aprofundal-os. E' preciso que elle comprehenda o que é o individuo e a collectividade, a terra e o universo, para que possa alliar os seus esforços aos dos seus congengeres, em vez de os dispersar em uma marcha sem ordem.

Sobretudo numa democracia, regimen que descança no suffragio universal e na soberania do povo, a sciencia não deve ser patrimonio de castas ou de minorias privilegiadas. Não basta ensinar ao cidadão lêr, escrever e contar e ministrar-lhe alguns dados desconnexos de sciencias fragmentadas. E' indispensavel que se lhe ensinem as conclusões scientificas mais geraes, de accordo com um plano methodico e global.

A fallada bancarrota da sciencia actual é uma lamentavel consequencia da falta de conhecimentos de conjunto, e um resultado do excessivo *detalhismo* que faz perder de vista as linhas geraes, que não deixa o espirito emancipar-se do criterio estatico e metaphysico do passa-

do para compenetrar-se do criterio dynamico, genetico e evolutivo e das induções e deducções legitimas que permittem preencher certas lacunas do conhecimento humano.

Os planos e programmas devem, por isso, ser reformados no sentido de dar ao menino, desde a escola primaria, uma synthese elementar e harmonica das sciencias contemporaneas, ampliando-se os seus limites nos collegios nacionaes e escolas normaes, e deixando-se as especialisações para as facultades universitarias ou escolas intermedias entre estas e os collegios. — (RAUL VILLARROEL. — *Revista de Filosofia*. — *Buenos Aires*.)

O CASAMENTO A PRAZO

E' o que propõe um romancista inglez, convencido de que o casamento perpetuo é um mal, e pode ser perfeitamente substituido pelo concorcio periodico. Bastam dez annos, e até menos, conforme as disposições dos conjugues. Duas coisas apenas são necessarias: que o casamento a prazo seja valido por um periodo determinado; que seja legalmente reconhecido.

Trata-se de uma tentativa de conciliação entre a theoria do amor livre e as exigencias da moralidade ambiente. O interesse que ella despertou na Inglaterra e mesmo fóra do paiz, e a propria energia com que foi combatida, mostram que a velha concepção do casamento já não está tão segura nas suas bases como outrora. Queiram ou não, o individuo vai pretendendo que a sua felicidade não continue a ser sacrificada ás imposições da sociedade.

A questão dos filhos é, de certo, muito séria, embora não de todo insolvel, pois a cada passo vemos esposos divorciados cuidarem de garantir o futuro daquelles a quem deram o ser. A sorte da mulher, depois de findo o prazo, não será, absolutamente, miseravel, se, preparada para o caso, ella se tiver tornado apta a trabalhar nalguma arte ou mister. Resta, porém, uma difficuldade, para a qual ninguem

apresentou ainda solução satisfactoria: e é que, num periodo qual-quer da vida conjugal e da maternidade, a mulher tem dado muito mais, tem perdido muito mais, se se prefere, do que o homem. Emquanto o homem não sacrifica senão uma pequena parte do seu ser e continua, a certos respeito, a sua vida anterior, a mulher, sobretudo quando mãe, se dá integralmente, ou, se não, numa proporção bastante superior á do marido. Perdido, além de tudo, o seu capital de juventude e de belleza, é claro que ella é quem faz peor negocio, pois que vem a ficar menos bem armada para a luta. Uma indemnização lhe é devida. Qual a forma, porém?

Resolvido este ponto, ao nosso escriptor se afigura que o consorcio a prazo, legalmente consagrado, não é menos honroso que o outro. (*The Literary Digest*.)

O MINISTERIO FAMILIAR

Ha na Allemanha, como algures, certas prevenções contra a mulher instruida. Pensam muitos que, justamente por causa da sua instrução superior, a mulher sabida não serve nem de dirigir o lar, nem de educar erianças. Institutora, seja; esposa e mãe, nunca. Mas isso será bem pensado? A felicidade do marido, a formação do caracter dos filhos não ficarão tanto mais garantidos quanto melhor for a instrução da mulher? E' permittido julgar que sim. Quanto mais dura fôr a luta para o homem, tanto mais precioso lhe será encontrar no lar uma companheira cuja sympathia esclarecida lhe traga o reconforto que em vão buscaria noutra parte. De mais, a educação não é coisa que se deva largar aos impulsos instinctivos do coração materno. Quantas mães, cheias de excellentes intenções, naufragam na obra difficil de desenvolver harmonicamente o caracter dos seus pequenos!

A' mulher tóca o ministerio da vida familiar. Para exercel-o, é

preciso que conheça as forças exteriores, as leis da grande vida que regem e condicionam a actividade mais especial, que é a do lar. Recusando-se a limitar o seu horizonte dentro dos muros da casa, ella age como toda creatura sagaz que, para melhor especializar-se, deseja antes de tudo situar exactamente no grande conjunto a pequena provincia de que tencionar ser senhor. (*Frauenberuf*, Berlim.)

CLUB DE ESCRIPTORAS

Acaba de abrir-se em Londres um novo club para damas. Tem de superior aos outros do genero, que tende a estimular o movimento intellectual feminino, e é frequentado especialmente por escriptoras. Esse club pretende tornar-se um liame entre as mulheres de todos os paizes e espera que outras agremiações semelhantes, inspiradas nos seus planos e nas suas idéas, sejam fundadas em todas as capitães.

Este club de escriptoras abrange um escriptorio de informações, — o primeiro que existe no genero, — onde se acham listas dos editores do mundo inteiro, dos traductores e dos publicistas, com os "preços correntes" para todas as especies de trabalho literario. Tambem lá se encontra uma lista dos principaes archivistas e rebuscadores de bibliothecas publicas. O club fornece cartas de recommendação para facilitar o accesso nas bibliothecas e museus.

A installação, segundo dizem, é um modelo de conforto. Ha dentro do club um restaurante que offerece repastos baratos, a preço fixo ou *á la carte*; trinta quartos de dormir á disposição das socias; gabinetes de toilette; salas de musica e de leitura; galeria para chá; salão de repouso; uma costureira, uma penteadeira e uma manneura ás ordens das socias.

Ainda antes da inauguração, o club possuia já 1.500 associadas. (*Lady's Realm*, Londres.)

A ORIENTAÇÃO MODERNA DA HISTORIA

Não pode haver republica nem democracia verdadeira emquanto o povo, ou pelo menos a sua maioria, não estiver orientado pelo conhecimento das verdadeiras conveniencias collectivas. Esse conhecimento só se obtem pela possessão dos antecedentes necessarios. Só assim poderá o povo decidir do seu proprio destino e entre varios caminhos escolher o que melhor o conduza ao maior bem-estar geral. Para que um povo possa ser livre e não subdito, autonomo e não eterno pupilo, para que possa reger-se por si, sem necessidade de tutores ou directores espirituales que o explorem com falsas apparencias, é necessario que se capacite de que no bem-estar geral se comprehende o seu proprio bem-estar pessoal, individual, e que em caso de conflicto entre ambos deve subordinar-se ao primeiro.

Esta orientação de solidariedade e equidade elle só a adquirir com o conhecimento de dados sufficientes e certos e dos antecedentes da razão e experiencia. Estes conhecimentos e estes antecedentes só se encontram na Sciencia e com especialidade na Historia, methodicamente estudada, e uniformemente ensinada desde a escola primaria.

A Historia Universal é a sciencia mais necessaria aos povos, porque é a que melhor pode destruir nos homens essas *idola tribus, idola fori*, de que fala Bacon, esses varios *idolos*, isto é, esses erros, prejuizos, superstições ancestraes, atavismos, etc., que impedem ou estorvam o avanço dos povos para melhores convivencias e a comprehensão (mesmo por egoismo bem entendido) da necessaria solidariedade humana.

Os erros dos homens provêm da ignorancia das causas reaes das coisas e dos phenomenos naturaes e sociaes e do desejo de lhes dar alguma explicação a qual, naturalmente, não pode ser superior ao desenvolvimento mental de quem as dá. Essas explicações erroneas e imaginarias só desapparecem á medida

que vão sendo substituidas por explicações racionais e solidas. Para os phenomenos naturaes ha a experiencia scientifica e para os moraes e collectivos o conhecimento e observação historicos.

A mera historia chronologica de reis e batalhas ou a ficção artistica mas irreal de um poeta ou mythologo não bastam para isso. É indispensavel a historia raciocinada e methodica dos homens, dos povos e das coisas em geral, isto é, a historia ampla que tome os homens, os povos, as instituições, as sciencias, as artes, as religiões, as industrias, etc., desde a origem, as acompanhe no seu desenvolvimento multiseccular, fazendo notar o encadeamento logico e inquebrantavel das causas e dos effectos, indicando o que fomentou e o que cohibiu mais ou menos esse processo evolutivo interminavel e o que, por consequente, dada a lei da casualidade, igualmente poderia fomentar no futuro as coisas boas ou aproveitaveis para o homem e cohibir ou diminuir as más e prejudiciaes.

Só assim se alcança o objectivo da civilisação, que é dominar o mais possivel a natureza indifferente, em beneficio de todos ou do maior numero, diminuindo a dor e augmentando o bem-estar humano. A Historia deve ser o quadro vivo da propria realidade, o reflexo synthetico do desenvolvimento lento e gradual do Universo, do mundo e do homem nas suas principaes phases, seguindo a genesis e o eterno *fieri* da natureza. Ensinada deste modo ella dará ao menino de hoje e ao homem de amanhã os dados indispensaveis para que elle consiga ser *racional* e *consciente* e, como tal, autonomo, equitativo, solidario, sem prejuizos e reflectido. (Raul Villarrol — *Revista Argentina de Ciencias Politicas* — Buenos Aires).

PUBLICAÇÕES

RECEBIDAS

Durante o mez foram enviadas á "Revista do Brasil" as seguintes publicações:

FLOSCULOS — Do "Livro de Emilia" — "Folhas dispersas" —

Ildefonso Bezerra — Parahyba do Norte.

VINGANÇA DA NOITE — Livro de versos de Brenno Ferraz do Amaral — Piracicaba.

BOLETIM DO INSTITUTO AGRO-NOMICO DO ESTADO EM CAMPINAS — Junho de 1916 — Instruções praticas para a póda racional do cafeeiro — Trabalho original de J. Arthaud-Berthet.

REVISTAS

ATLANTIDA — Lisboa — N. 11 — 15 de Setembro — Principaes trabalhos: — A situação internacional, por João de Barros; Alco-baça, por M. Teixeira Gomes; Graça íntima, por Jaime Cortesão; Ao mar, por Joaquim Costa; Os enge-nhos de Pernambuco, por Sousa Bandeira; O Sepulchro de Bartho-lemeu Dias, por Chagas Franco; Victoria-regia, por Guilherme Va-lencia, Victória-régia, por Fontou-ra Xavier; A educação no Brasil, por A. Carneiro Leão; A Justiça, por A. M. Rita Martins; Latino Coelho, por José Antonio de Frei-tas; Espectros, por Antonio Sergio.

A AGUIA — Porto — Ns. 56-57 — Agosto e Setembro — A viagem de Antero de Quental á America do Norte, por Antonio Arroio; Os Lusíadas, versos de Teixeira de Pascoaes; Terras do Sul, Cantos Alentejanos, pelo Visconde de Vila-Moura; Velando na Noite, ver-sos de Antonio Sergio; Provincia-nismos usados em Monção, por An-tonio Pinho.

LA GRANDE REVUE — Paris — N. 9 — Setembro — Aux Rou-mains de 1916, por Jean Lahovary; La Psychologie du chef, por um official; Nos Amis á l'Etranger; Leonida Bissolati, por Jules Des-trée; Sur les Vainqueurs de De-nain et le Haut Commandement, por Marquis de Vogüé; Journal d'un Réfugié en aout-septembre 1914, por André Maurel; L'Arrière Tragique, por H. F. C.; Deux Oc-cupations d'Amiens (1914-1915), por Guy de Passillé; Amours de Pon-ceau, por Denis Thévenin.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — Paris — N. 38 — Setembro — L'Heure du "vieux Dieu" allemand, por Gabriel Hanotau; Versailles sauvé, por Pierre de Nolhac; Poé-sies, por Louis Mercier; L'E'nigme Japonaise, por B. van Vorst; Le Calvaire de lady Wing, por Mrs. Humphry Ward; Quand on aura le loisir de penser, por Albert Lé-clere; L'Allié Roumain, por René Moulin.

MERCURE DE FRANCE — N. 437 — 1 de Setembro — J. de Mor-gan, Les Débuts du Peuple armé-nien dans l'Histoire; Yves Delage, Une Psychose nouvelle; La Psy-cho-analyse; A. van Gennep, Le Mécanisme de l'Organisation; Tou-

ny-Lérys, Poèmes des Bords de l'Y-ser; Marcel Bloch (de Lyon), Nos Soldats aveugles; X. — Marcel Boulestin, Aspects sentimentaux du front anglais; Albert Heumann, Les Tendances nouvelles de la Lit-térature en Suisse romande; Isa-belle Rimbaud, Dans les remous de la bataille (Des Ardennes á Pa-ris par Reims. — Revista da Quin-zena.

REVISTA ARGENTINA DE CI-ENCIAS POLITICAS — Buenos Ai-res — N. 72 — Anno VI — Prin-cipaes trabalhos: — La doctrina Drago y la locucion "de plano" empleada por Calvo, por E. Sar-miento Laspiur; Las ciudades, por Valentin Letelier; Orientación moderna de la historia, por Raul Villarroel; Sobre la necesidad de crear un poder militar continen-tal, por E. J. J. Bott; El poder judicial, por Francisco Netri; La carrera administrativa bonaeren-se, por V. de Sarasketa.

THE REVIEW OF REVIEWS — Londres — N. 321 — Setembro — Character Sketch: Lord Rhondda, por G. A. Greenwood; A grave danger to the State, por sir Harry H. Johnston; The Training of our Captains of Industry, por sir Robert Hadfield; Foreign Opinion on the War.

THE NORTH AMERICAN RE-VIEW — N. 3 — Setembro — Prin-cipaes artigos: The political situa-tion, pelo Editor; Presidente Wil-son's administration os Foreign Affairs, por David Jayne Hill; The mystery of Woodrow Wilson, por Oswald Garrison Villard; The fu-ture mechanism of warfare, por John Hays Hammond, Jr.; The story of the Danish Islands, por Wil-lis Fletcher Johnson; War and pro-gress, por Henry Rutgers Marshall; A modern conception of God, pelo Rev. Philip S. Moxom; Prohibition and civilization, por Albert Jay Nock; What are colleges for?, por Charles Upson Clark; In memoriam: James Whitcomb Riley, por George Harvey; Two woodsmen, por Edith Wyatt; Modern Tendencias in Poetry, por Arthur Davison Fic-ke; The Peterborough idea, por Edwin Arlington Robinson; In New York, por William Alexander Percy; The Tree, por Winifred Wel-les; The Bock of the Month, por Lawrence Gilman.

A CIGARRA — S. Paulo — N. 51 — 28 de setembro — Revista de actualidades.

A VIDA MODERNA — S. Paulo — N. 298 — 19 de outubro — Re-vista de actualidades.

REVISTA FEMININA — S. Pau-lo — N. 29 — Outubro de 1916.

REVISTA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE COLLEGE — S. Pau-lo — N. 7 — Anno II — Agosto de 1916 — Estudos interessantes.



INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e comercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e comercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. **Condes.**

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angélica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Guebira e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças**—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738 — Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.



SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Cidade)
— Rua Alvares Penteado — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
dalaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira inglesa. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plas-
tino — Emprega só fazendas ex-
trangeiras — Rua do Thesouro, 3
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAS E IMPORTADO-
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.
— Papelaria, typographia, enca-
dernação—Telephone 792—Caixa
545 — Rua S. Bento, 31. — S.
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-
de Fabrica de Malas e Canastras
Officina para concertos. — Do-
mingos Macigrande. — Rua São
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, plátina, cau-
telas de casas de penhores e do
Monte de Socorro de S. Paulo
— A CASA MARCELLINO com-
pra e paga bem.—Praça Antonio
Prado, 14 — Telephone 4.692 —
S. Paulo.



Loteria de São Paulo
em 14 de Novembro
Grande Loteria Commemorativa da Proclamação da
Republica
100 CONTOS
por 5\$000
A' venda em toda a parte

“O Estado de S. Paulo”
Officina de Obras

*Especialidade em Jornaes, Revistas
illustradas Appellações, Razões e
todo o serviço que, por sua natureza
depende de celeridade,*

000

*Acceptam-se encom-
endas em nosso
Escriptorio á*

Traça Antonio Prado



*ou no edificio de nos-
sas officinas
(Secção Archivo) á*

Rua 25 de Março, 145

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Trouseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523. End. Electr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E TUBOS DE FERRO GALVANI-
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; [OLEO DE LINHAÇA E
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-
ÇA"** de LONDRES (**Alliance Assurance Co. Ltd.**)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.
White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd.
de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de
Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras mar-
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CA-
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val
de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de
Johnson Clapham & Morris - Manchester.



Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS
FINOS, CHOCOLATES E
LICORES

A UNICA FABRICA QUE EX-
PORTA CHOCOLATE PARA A
EUROPA.

Rua Piratininga, 27
Caixa do Correio, 201
S. PAULO

Casa fundada em 1895

PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS



Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



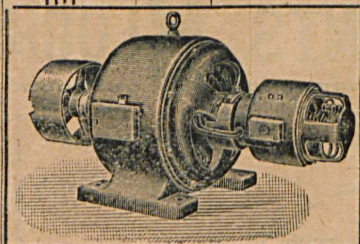
Travessa do Grande Hotel N. 8
Telephone N. 1195
End. Telegr.: EMISEL
SÃO PAULO

Vicente Lattuchella
Alfiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

A' Illuminadora



Artigos para iluminação

Fogões Economicos a Gaz e Lenha

GELADEIRAS AMERICANAS

Recebemos grande variedade

Visitem nosso estabelecimento

Dinamos
Motores
Pilhas
Lampadas

Alberto dos Santos & C.

Rua da Boa Vista, 47
S. PAULO

REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impecavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthème, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LER A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metallo-plastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECÇÕES de educação social, de educação privada.

SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECÇÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originaes de fogão e forno.

SERVICO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

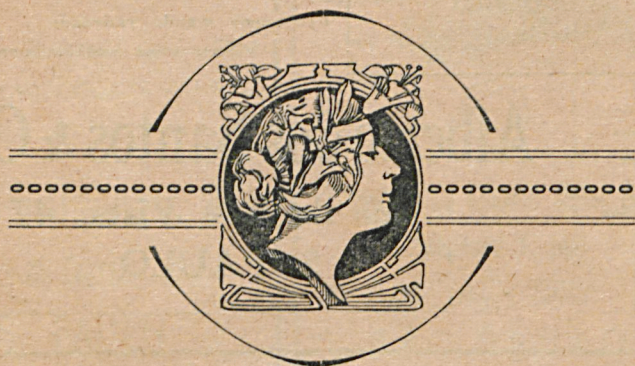
Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correio.

Dirijam suas cartas á Directora
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

A REVISTA DO BRASIL completou com o n. 8 o seu segundo volume de 400 paginas, cujo indice acompanha este numero.

O n. 7, de 25 de Julho trouxe o seguinte summario:

F. T. DE SOUZA REIS — A moeda metallica no Brasil (conclusão).
SOUZA BANDEIRA — Ruinas da aristocracia rural.
AMADEU AMARAL — Poesia.
JOÃO KOPKE — Educação moral e civica (conclusão).
H. INGLEZ DE SOUZA — Iniciação.
VEIGA MIRANDA — A proibidade literaria.
PLINIO BARRETO — Leonor Telles.
ROCHA POMBO — A terra paulista e as suas grandes legendas.
JOÃO FERRAZ — Salubridade publica no Estado de S. Paulo.
COLLABORADORES — Resenha do mez.

RESENHA DO MEZ — Monologos, Yorik — Brasil-Argentina, Redacção — O Direito Criminal Moderno, M. O. H. — Bibliothia (Sensações e reflexões — O combustivel na Economia Universal — Eça de Queiroz — Ruy Barbosa) — Tribunal medico — A questão shakespeareana — Opiniões sobre o "Don Quixote" — As fructas contra as doenças — O Banho de Sol — A longevidade das mulheres — As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas).

N 8 - 25 de Agosto:

DR. OLYMPIO PORTUGAL — Campos do Jordão.
SAMUEL DE OLIVEIRA — Sylvio Romero e a alma brasileira.
MONTEIRO LOBATO — Boccattorta (novella).
OCTAVIO MENDES — Teixeira de Freitas.
ANTONIO SALLES — Poesia.
ALBERTO SEABRA — Os versos aureos de Pythagoras (II).

RESENHA DO MEZ — Monologos, Yorik — As armas de S. Paulo, J. William Ramsay L. — Metchnikoff — Theatros — Bellas Artes — Movimento literario — Faculdades de Letras e Philosophia — A instrucção militar obrigatoria — O gado vaccum no Brasil — A riqueza dos norte-americanos — A agricultura mecanica — O problema zootechnico — O ensino technico — "Revista do Brasil" — Caricaturas do mez.

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado
e pertences*

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"